



Biblioteca Escolar como espaço integrante e participativo:

A situação no município de Ji-Paraná/RO

Marlene da Silva Modesto Deguchi

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

2017

UNIVERSIDADE ABERTA

Biblioteca Escolar como espaço integrante e participativo:

A situação no município de Ji-Paraná/RO

Marlene da Silva Modesto Deguchi

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

**Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Administração e Gestão Educacional, orientada pela Professora Doutora
Glória Bastos.**

2017

RESUMO

A presente pesquisa aborda a biblioteca escolar (BE) no sentido de entendê-la como um espaço não só de leitura, mas, também, como um espaço de aprendizagem, visando ampliar o seu papel educativo. Neste contexto, mais especificamente, analisa a situação das bibliotecas escolares da rede pública de Ensino Fundamental, no perímetro urbano, do município de Ji-Paraná/RO, Brasil. Pretendeu-se elaborar um diagnóstico da situação, no sentido de se poder atuar com vista a tornar a biblioteca escolar como um espaço que propicie ao aluno apropriar-se do conhecimento, de desenvolvimento de habilidades informacionais e preparo para conviver numa sociedade de mudanças aceleradas. Para isso, torna-se necessário ver *in loco* o que estão fazendo os atores envolvidos no processo educacional a favor, ou não, dela uma vez que são eles que estão, diariamente, mais próximos delas, e deles depende o seu sucesso ou insucesso em suas tomadas de decisões. Para tanto, optou-se por um estudo de campo, junto a seis escolas da rede municipal de Ensino Fundamental, que, a priori, seriam as que possuem BE, com o intuito de investigar o conceito que têm e conhecimento de legislação e normativos sobre a BE. Foram utilizados como recursos metodológicos de pesquisa entrevistas semiestruturadas, questionários e análise documental. Considerando o documento Parâmetros para Bibliotecas Escolares Brasileiras, foi possível observar, no final, que as bibliotecas escolares ainda não estão presentes nessas escolas. Os colaboradores da pesquisa, responsáveis pelo Ensino Fundamental deste município, não conhecem a legislação e normativos referentes à BE. São unânimes em dizer que só possuem Sala de Leitura e não BE, mas ao se reportarem ao espaço, tanto no discurso, quanto na elaboração dos documentos da escola, inúmeras vezes, denominam-na de biblioteca. Foi possível verificar que embora a Lei 12.244/10 determine que as escolas estejam com bibliotecas dentro de padrões específicos em relação a acervo e pessoal até 2020, quase a totalidade respondeu não conhecer a referida lei e alguns dizem já ter ouvido falar, mas, não conhecem o seu teor.

Palavras chave: Bibliotecas escolares. Educação e Aprendizagem. Ji-Paraná/RO.

ABSTRACT

The present research addresses school library (SL) in order to understand it as a space not only for reading, but also as a learning space, aiming to broaden its educational role. In this context, more specifically, it focuses on school libraries of public elementary schools, in the urban perimeter of the municipality of Ji-Paraná / RO, Brazil. The main propose was to make a diagnosis of the situation of SL in this region, so that we could develop actions to make SL being seen as it really should be: a space that allows the student to appropriate knowledge, to develop informational skills and to prepare to live in a society of accelerated changes, taking it as a source of learning for the future. To do this, it becomes necessary to verify *in loco* what the actors involved in the educational process are doing in favor of it, or not, and why, after all, they are daily closer to the SL, and its success or failure depends on their decision-making. For that, a field study in six schools of municipal public elementary education, which, a priori, would be the ones that have SL, was chosen in order to investigate the concept and knowledge about legislation and regulations about SL people have. Semi-structured interviews, questionnaires and document analysis were used as methodological resources for research. Considering the document “Parameters for Brazilian School Libraries”, it was possible to observe in the end that school libraries are not yet present in these schools. The research collaborators, responsible for the basic education of this municipality, do not know the legislation and norms related to SL and the excuse, in general, for not knowing it is that they neither have them in their schools, nor look for to know. They are unanimous in saying that they only have a Reading Room and not a SL, but when they report to the space, both in the speech and in the elaboration of the school documents, they often refer to it as library. It was possible to verify that although Law 12.244 /10 determines that schools should have libraries within specific standards in relation to the collection and personnel until 2020, almost all of them answered that do not know the law and some say they have already heard about it, but they do not know the content.

Keywords: School libraries – Brazil. Education and learning. Ji-Paraná/RO.

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Miguel, pela paciência que teve durante todo esse período, entendendo o pouco tempo que tive para o nosso bom convívio de sempre. À minha querida mãe, pelo entendimento que teve quando diminuí as ligações ou pelo tempo das que conseguíamos fazer e pela força e fé que sempre me transmitiu para continuar. Ao meu filho Pedro Henrique, que sempre me desafiou no sentido de tomar a decisão de levar avante o trabalho. À minha nora Mariana, por ter entendido o pouco que pude ajudá-la quando do nascimento de Maria Antônia, minha linda neta, por força de ter que me dedicar a este trabalho. Ao meu grande amigo Adriano Lopes, que sempre foi meu mentor. Vocês são eternos em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Ao grande Espírito do Universo, sempre.

À Professora Glória Bastos, pelo seu conhecimento, pela sua sabedoria, pela sua dedicação e pela sua paz ao transmitir tranquilidade em momentos em que estava prestes a desistir.

À Professora Lídia Graves, pela força e entusiasmo que nos deu até onde foi permitido pela Grande Força do Universo (*in memoriam*).

À Professora Wanda Maria Maia da Rocha Paranhos que, em época da graduação, ensinou a ter um olhar especial às bibliotecas infanto-juvenis, dada a sua importância, como base, na vida do cidadão.

Às grandes amigas Aparecida Augusta da Silva, Graziella Pinetti Passoni, Josélia Gomes Neves, Juliana Valim Campos e Patrícia Batista Franco que, de uma forma ou de outra, dedicaram ouvidos e tempo para apreciar o que estava sendo feito.

A todos os colaboradores que tornaram possível esta pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE I – ENQUADRAMENTO.....	18
1 AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO BRASIL: BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA	19
1.1 Dos primórdios ao século XX	19
1.2 Entre o final do século XX e o novo milênio	24
2 O PAPEL ATUAL DAS BE NO BRASIL: PRÁTICAS E DESAFIOS	29
2.1 Os desafios da educação e a BE	29
2.2 O professor e a BE	34
2.3 O Diretor e a BE	37
2.4 O bibliotecário e a BE	39
2.5 A BE e a escola	41
2.6 Estudos sobre as BE no Brasil	43
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	55
1 CONTEXTUALIZAÇÃO	56
1.1 Objetivos do estudo empírico	56
1.2 O contexto do estudo: o município de Ji-Paraná	57
2 ASPETOS METODOLÓGICOS	59
2.1 Caracterização do estudo	59
2.2 Instrumentos utilizados	61
2.3 Fases e procedimentos no estudo empírico	63
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	66
3.1 Questionário - Caracterização das bibliotecas/salas de leitura	67
3.2 Apresentação e análise das entrevistas	83
3.2.1 Caracterização dos entrevistados	83
3.2.2 Articulação entre a Escola, Secretaria Municipal de Educação e BE	87
3.2.3 Inclusão da BE no Planejamento de Ação e quais são as ações	95
3.3 Perspectivas sobre a BE	100

3.3.1 Normativos sobre a BE/Institucionalização da BE.....	100
3.3.2 Identificação das concepções sobre a BE	105
4 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS	123
CONCLUSÕES.....	129
BIBLIOGRAFIA	133
ANEXOS	140
Anexo 1 – Matriz de entrevista ao Diretor	141
Anexo 2 – Matriz de entrevista ao Responsável pela Equipe Pedagógica	143
Anexo 3 – Matriz de entrevista ao Responsável pela Biblioteca Escolar	146
Anexo 4 – Matriz de entrevista ao Secretário Municipal de Educação	149
Anexo 5 – Questionários	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Participação dos sujeitos por escola.	66
Quadro 2: Documentos disponibilizados pelas escolas.....	67
Quadro 3: Caracterização das BE – espaço físico.....	69
Quadro 4: Caracterização das BE – acervo.....	72
Quadro 5: Caracterização das BE – recursos humanos.....	76
Quadro 6: Caracterização das BE – institucionalização.....	79
Quadro 7: Conhecimento sobre normativos para as BE.....	80
Quadro 8: Caracterização das BE – horário.....	82
Quadro 9: Formação e tempo de atuação dos colaboradores da pesquisa.....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APP – Associação de Pais e Professores

BE – Biblioteca Escola

CAPES-Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FEBAB – Federação Brasileira de associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições.

GEBE - Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica,

INEP - O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC - Ministério da Educação

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola.

PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PNLL –Plano Nacional do Livro e Leitura

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PROFAE - Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores de Enfermagem

PROLER - O Programa Nacional de Incentivo à Leitura

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

SESI – Serviço Social da Indústria

SIPAT - Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho

UAB - Universidade Aberta do Brasil

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Nota: Na escrita desta dissertação segue-se a norma do português do Brasil.

INTRODUÇÃO

A importância da biblioteca escolar tem sido progressivamente discutida e evidenciada. A cada dia que passa, surgem mais e mais conceitos sobre ela e há unanimidade ao reconhecer a sua relevância que, na verdade, não é algo tão novo assim, considerando como parâmetro a existência das primeiras bibliotecas escolares no Brasil. Embora seja fato que tenha passado por conotações diferenciadas ao longo do tempo, de acordo com as mudanças sociais, educacionais e tecnológicas.

Apesar de nem sempre a biblioteca estar presente na escola, como nos mostra a história, quando se pensa o espaço escolar, automaticamente se pensa a biblioteca, ou seja, a ideia deste espaço está irrefutavelmente incluída na escola. Assim como a educação e a escola passam por várias mudanças necessárias ao longo de sua trajetória, com a biblioteca escolar não é diferente, por ser um organismo vivo e dinâmico.

Historicamente, no Brasil, devido à falta de biblioteca na maioria das escolas, as bibliotecas públicas acabaram assumindo, por muito tempo, também, o papel da biblioteca escolar, mas sem os investimentos necessários em estrutura e pessoal. Atualmente, com os esforços dos atores envolvidos neste assunto, a missão, a função e os objetivos de cada uma delas vêm sendo estabelecidos e esclarecidos e, mesmo que lentamente, começam a ocupar os seus devidos lugares, respeitando suas peculiaridades. No caso da biblioteca escolar, entende-se a necessidade de tê-la junto à comunidade escolar.

Com o desenvolvimento social, cultural, educacional e com o avanço das novas tecnologias vêm acontecendo, no ambiente escolar, várias mudanças relacionadas ao processo de ensino aprendizagem e, conseqüentemente, na atuação da biblioteca escolar também. É sempre necessário repensar o que ela representa para a escola, qual a sua função, o que deve fazer para cumprir seu papel que tem se tornado cada vez mais dinâmico, participativo, como parte integrante da escola. Não só fisicamente presente, proforma, mas como um espaço “vivo”, parte do planejamento pedagógico, participando, informando, intermediando, criando e executando ações junto a todos seus usuários: “alunos, professores, diretores, coordenadores, consultores pedagógicos e educacionais, pessoal técnico administrativo, todos os que fazem a escola acontecer” (Côrte & Bandeira, 2011, p. 10) e,

também, comunidade externa, contribuindo de fato com o processo de ensino aprendizagem, agregando valores para uma educação melhor.

Dentro de uma concepção atual, ela pode e deve estar presente, mais participativa e atuante, ampliando a sua função, interessada em cumprir seu papel social, instigador e incentivador, levando seus usuários a se tornarem cidadãos críticos, ampliando seus conhecimentos. Ao longo do tempo, vem, cada vez mais, passando de uma atuação passiva para ativa, “deve existir como um órgão de ação dinamizadora e não cair na passividade” (Silva, E. T., 2009 citado em Côrte & Bandeira, 2011, p. 14). Esta é uma condição necessária para instituições como as BEs, que lidam com a formação de pessoas na sociedade da informação, em que a ascensão das tecnologias de informação e comunicação está intrinsecamente ligada à construção da sociedade do conhecimento.

Porém, embora tal condição seja fato de conhecimento e reconhecimento dos profissionais da área, na prática,

o que vem sendo apontado é que a convivência pedagógica entre a biblioteca e a escola ainda não é uma realidade em nosso país. Embora haja biblioteca em parte de nossas escolas, essa instituição ainda vive no “submundo da escola brasileira, pois muitas escolas não têm conseguido, ao longo dos anos, a capacidade de desenvolver a biblioteca escolar no seu ambiente, devido à falta de profissionais e de um espaço adequado para a inserção dos materiais recebidos pelo Ministério da Educação, dificultando sobremaneira o papel educacional e funções informacionais da biblioteca no processo de ensino e aprendizagem (Silva & Bortolin, 2006, p. 11-20 citado em Braga & Paula, 2014, p. 246)

Pelo que se pôde encontrar na literatura que discute este assunto, mudanças significativas vêm ocorrendo, mas há muito a ser feito para que a BE seja, de fato, institucionalizada, não aleatoriamente, por vontade ou decisão de alguns sujeitos em alguns lugares, mas, mesmo com as mudanças de gestões na educação ou na escola, ela, biblioteca, esteja amparada legalmente, institucionalizada, garantindo a continuidade de seu papel na comunidade escolar, como condição a ser cumprida em todo o país, independente da região, como já acontece com outros setores da escola.

Para tanto, é necessário investigar o que vem acontecendo nas bibliotecas escolares das diferentes regiões deste nosso imenso país, nos diferentes estados e cidades, garantindo, assim, a presença institucionalizada desse espaço tão importante em nossas escolas, de forma ampla, abrangente, diferenciando-as apenas nas peculiaridades que se apresentam para cada região.

Esta é uma responsabilidade nossa, como profissionais da área de educação e de biblioteconomia, cada qual em sua jurisdição¹, ir a campo e ver *in loco* o que estão entendendo e o que estão fazendo os responsáveis pelas escolas, onde estão, ou não, instaladas as bibliotecas, preferencialmente com uma visão técnica sistematizada, objetivando conseguir resultados que, somados aos de outras regiões que estão trabalhando nesses aspectos, venham a contribuir para a institucionalização, a nível nacional, dessas bibliotecas.

Foi com essa visão que esta pesquisadora percebeu a necessidade, urgente, de pesquisas nessa área no estado de Rondônia (RO), mais especificamente no Município de Ji-Paraná e, por ter atuado na coordenação das bibliotecas escolares neste município nos anos oitenta e noventa, portanto, tendo conhecimento da importância da biblioteca na escola, é que se fez a escolha do tema.

De fato, como referem Nóvoa & Finger (2010, p. 24) a propósito do método biográfico, este “permite que cada pessoa identifique em sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador” e é esta a situação que assumimos enquanto motivação pessoal para o presente estudo.

Logo, considerando o exposto, para melhor situar o estudo, cabe aqui relatar que o que levou esta pesquisadora a optar pelo tema biblioteca escolar, se deve, em grande parte, à sua trajetória profissional como bibliotecária, pois sempre houve interesse e preocupação em incluir em seus trabalhos a clientela infanto-juvenil, entendendo que são nesses espaços que muitas crianças têm a oportunidade de contato com livros e outros contributos que venham a promover o seu próprio aprendizado e incluindo na sua formação os meios que poderão orientá-los, de maneira crítica, à utilização da informação, o que vem corroborar com o que nos apresenta Martins (1994, p. 34): “a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta”.

Sempre achou de suma importância estar com o olhar voltado para essas oportunidades, por vivenciar resultados positivos na vida de inúmeros cidadãos, por meio

¹ No sentido amplo, jurisdição é sinônimo do território sobre o qual determinada autoridade exerce seu poder. Greco Filho, V. (2007). Direito Processual Civil Brasileiro. 20. ed. São Paulo: Saraiva.

das bibliotecas infanto-juvenis, seção infanto-juvenil em biblioteca pública ou privada e bibliotecas escolares.

Nos anos oitenta e noventa, esta pesquisadora, como bibliotecária, ocupou o cargo de diretora da Biblioteca Pública Municipal, que incluía, também, a coordenação das bibliotecas escolares municipais de Ji-Paraná e era, então, a única profissional habilitada na área nesta cidade. Na época, além de visitar as escolas, costumava fazer reuniões periódicas na Biblioteca Pública com o pessoal que atuava nas escolas, para discutir o que estava acontecendo e o que poderia ser feito, além de troca de experiências e capacitação do pessoal que atendia nas bibliotecas das escolas. À época, a biblioteca pública tinha, também, como missão, dar apoio às escolas no sentido de atender os alunos em seus estudos e trabalhos escolares, além de promover atividades de incentivo à leitura em sua Seção Infanto-juvenil.

Ao final dos anos noventa, esta pesquisadora deixou este município e onde fixou residência, passou a trabalhar em outros tipos de biblioteca, como, por exemplo, biblioteca especializada, mas sempre com a preocupação em conseguir um espaço onde pudesse trabalhar também com o público infanto-juvenil, por conhecer a necessidade desses espaços. Em um desses trabalhos, vislumbrou a possibilidade de incluir um espaço para essa clientela, devido ao interesse da empresa em fortalecer seus serviços voltados à responsabilidade social e, na oportunidade, foi proposta, além da biblioteca especializada, a inclusão do espaço infanto-juvenil, o qual foi bem aceito. Nesse espaço era possível receber os filhos dos colaboradores da empresa, a comunidade e os alunos das escolas adjacentes. Foi possível realizar um trabalho produtivo e gratificante.

Tendo voltado a residir no município de Ji-Paraná, entre 2006 e 2008, esta pesquisadora atuou em biblioteca de escola técnica de uma instituição voltada à indústria e, novamente, conseguiu um espaço para trabalho com o público infanto-juvenil em empresas assistidas por essa instituição, aproveitando os eventos da SIPAT² e outros eventos, como participação em feiras e exposições, levando livros e promovendo a hora do conto.

Contudo, nada pode ser comparado ao trabalho realizado na biblioteca escolar, que garantia um contato por prazo longo, podendo ir muito além da formação de leitores, com atividades pontuais, mas participando intensamente na formação integral de cidadãos, na escola. Durante este período, informalmente, foram feitas algumas visitas à Prefeitura

²A sigla SIPAT significa Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho. Isso porque ela representa o período onde são realizadas atividades direcionadas à prevenção de acidentes e doenças ocupacionais.

Fonte: INBEP <http://blog.inbep.com.br/o-que-e-sipat-qual-sua-importancia/>

Municipal, interessada em saber como estava a situação em relação a concursos para ingresso de bibliotecário para trabalhar com as bibliotecas escolares, mas não obteve êxito.

A partir de 2008, concursada, passou a atuar em biblioteca universitária e pôde vivenciar as dificuldades dos acadêmicos na utilização da biblioteca. Em conversa com eles, a maioria dizia ser a primeira “biblioteca de verdade” que frequentavam. Desde então, sentiu-se impulsionada a verificar a situação das bibliotecas escolares municipais deste município, aproximadamente vinte anos depois de ter passado por elas.

Com este intuito, como aluna do curso de Mestrado em Administração e Gestão Escolar, esta pesquisadora vislumbrou a oportunidade de não somente ir até as BEs das escolas municipais, mas, também, poder fazer a pesquisa em questão, de forma que, no final, se possa obter resultado com evidência científica, capaz de identificar a situação em que elas se encontram. Para tanto, utilizou como referencial o documento: Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras³, elaborado pelo GEBE/UFMG em parceria com o Conselho Federal de Biblioteconomia, considerando o que consta em sua apresentação:

Tais parâmetros constituem um referencial flexível para que escolas – públicas ou particulares – embasem sua decisão sobre a biblioteca com a qual desejam contar. Podem ser catalisadores de mudanças em escolas que entendem a biblioteca como espaço de aprendizagem. [...] Partindo desta realidade – e tendo como base teórica a noção de biblioteca escolar como espaço de aprendizagem – o GEBE pode definir o que é uma biblioteca escolar brasileira e, a partir daí, apresentar indicadores que apontam níveis a serem alcançados, dependendo da vontade e das possibilidades de cada escola em investir na sua biblioteca. [...] Estes parâmetros devem ser vistos como referenciais flexíveis, a serem modificados na medida em que se consolidarem como instrumentos úteis para balizar o aperfeiçoamento das bibliotecas escolares do país (pp 7-8).

Além dos indicadores constantes no documento citado acima, estabelecido como padrão pela Resolução 119/2011/CFB, considerou-se a legislação, normativos e manifestos relativos à biblioteca escolar, a saber: a Lei 12.244/10, a Declaração Política da IASL sobre Biblioteca escolar e o Manifesto UNESCO para Bibliotecas escolares.

Acredita-se que o presente estudo poderá contribuir com uma visão mais crítica e embasamento científico, a fim de obter resultados mais precisos que, certamente, serão de grande valia para a tomada de decisão em relação às possíveis mudanças, quando necessárias, ou implantação de novos métodos e serviços, visando impulsionar a qualidade

³ Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Cartilha-biblioteca-escolar.pdf>

da educação neste município, contando com essa ferramenta tão importante que é a biblioteca escolar como parceira na busca do aperfeiçoamento contínuo para melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

E é, portanto, o que se propõe discutir neste trabalho: qual a proximidade existente entre o que se conhece teoricamente como parâmetros para uma biblioteca escolar e a situação das bibliotecas escolares, encontrada *in loco*, nas escolas municipais de Ji-Paraná/RO, Brasil e o porquê de se apresentarem da forma como se apresentam, quais fatores contribuíram para sua formação e desenvolvimento, tanto dos serviços que oferecem, como de suas instalações e pessoal.

Partindo do contexto acima explicitado, consideramos a seguinte questão de partida: Como estão estruturadas e organizadas as Bibliotecas das Escolas Públicas de Ensino Fundamental, perímetro urbano, da Rede Municipal de Ensino do Município de Ji-Paraná/RO, Brasil?

Desdobramos esta questão nos seguintes elementos, que orientam a pesquisa que desenvolvemos:

- a) Existe uma Rede de Bibliotecas?
- b) Existe uma Coordenação de Bibliotecas Escolares na Secretaria Municipal de Educação de Ji-Paraná?
- c) Qual a concepção da Secretaria Municipal de Educação (Secretário e equipe de apoio pedagógico) sobre o papel da biblioteca escolar e sobre a sua legislação?
- d) Qual a concepção da escola (Diretor, equipe pedagógica) sobre o papel da biblioteca escolar e sua legislação?
- e) Qual a concepção do(a) servidor(a) que atua na biblioteca, sobre o papel da biblioteca escolar e sua legislação e normativos?
- f) A Biblioteca está incluída nos documentos orientadores da escola: por exemplo, no Regimento Escolar, no Projeto Político Pedagógico da escola e no Plano de Ação da escola?
- g) Como é o espaço disponibilizado para a Biblioteca em relação à área física e sua organização?
- h) Que articulação existe entre a Biblioteca, escola e equipe pedagógica?

Esta pesquisa tem assim como objetivo central investigar as condições de instalação e funcionamento das bibliotecas escolares da Rede Municipal do Ensino Fundamental, do

perímetro urbano, do município de Ji-Paraná/RO. Além disso, pretendeu-se analisar o conhecimento que tem sobre sua função, legislação/normativos e funcionamento, por parte da direção, equipe pedagógica e pessoal atuante na biblioteca da escola e da Secretaria Municipal de Educação deste município.

Objetivos específicos

- Analisar as concepções e conhecimentos sobre a BE, por parte de alguns atores, direta ou indiretamente envolvidos, tais como: Secretário Municipal de Educação, Servidor da Secretaria Municipal de Educação, responsável pela equipe pedagógica que atende as escolas, gestores, responsáveis pela equipe pedagógica da escola, servidor que atua na biblioteca da escola;
- Analisar como estão estruturadas e organizadas as Bibliotecas das Escolas Públicas Municipais de Ensino Fundamental no perímetro urbano, do município de Ji-Paraná/RO;
- Analisar a articulação entre a biblioteca e a escola;
- Analisar a articulação entre a biblioteca e a equipe pedagógica;
- Analisar a articulação entre a BE e a Secretaria Municipal de Educação.

O presente trabalho encontra-se organizado em duas partes, procurando relatar o percurso investigativo que foi desenvolvido.

Na parte I, procedemos ao panorama do estudo. Abordamos dois tópicos: primeiramente apresenta-se um breve percurso histórico sobre a biblioteca escolar no Brasil e, a seguir, analisa-se o papel das bibliotecas escolares no Brasil, atentando para as orientações que têm sido produzidas e a sua relação com o contexto internacional.

A parte II é dedicada ao estudo empírico, desenvolvido em torno de três tópicos: contextualização do estudo; apresentação dos aspectos metodológicos; apresentação e discussão dos dados obtidos.

Finalizamos este trabalho com a apresentação das conclusões, com intenção de sistematizar os elementos fundamentais desta pesquisa.

PARTE I – ENQUADRAMENTO

1 AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO BRASIL: BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA

1.1 Dos primórdios ao século XX

A história das bibliotecas no Brasil teve início em 1549, com o estabelecimento dos conventos dos jesuítas, franciscanos, carmelitas, beneditinos, principalmente dos padres da Companhia de Jesus, que logo abriram colégios na Bahia e em outras capitanias (Moraes, 1979).

As primeiras bibliotecas brasileiras surgiram quando chegaram à Bahia os primeiros jesuítas, chefiados por Manuel da Nóbrega, para catequizar índios e instruir colonos. Com eles, chegaram os livros “não só para a instrução dos meninos, mas também para a edificação e aperfeiçoamento dos mestres” (Moraes, 1979, p. 3). Em suas coleções, juntavam-se doações como a do Visitador Eclesiástico Bartolomeu Simões Pereira, de sua biblioteca trazida de Portugal em 1577. Falecido em torno de 1601, no Espírito Santo, deixou para o Colégio do Rio metade de seus livros.

Segundo Moraes (1979), “estamos mais bem informados sobre as bibliotecas dos jesuítas, graças aos trabalhos do Padre Serafim Leite, que na sua História da Companhia de Jesus no Brasil não deixou escapar esse aspecto da Companhia neste país”. Dessa forma é possível constatar a existência de várias dessas bibliotecas de colégios jesuítas, com significativa quantidade de livros e em boas instalações. Os jesuítas foram os responsáveis pelo ensino que tivemos no chamado Período Colonial, durante 210 anos e, segundo Valmir Chagas (1980, p.1 citado em Fiquet, s.d.), a “escola brasileira foi lançada no mesmo instante em que, decorridos apenas quinze dias após a chegada dos jesuítas ao Brasil, o decantado Padre Vicente Rijo instalava a primeira aula ‘de ler e escrever’ na Salvador que se fundava”. É, portanto, a partir de 1549, com a vinda desses padres para o Brasil, que o país conheceu a “instrução” e, por conseguinte, os livros e as bibliotecas (Fiquet, s.d.).

Moraes (1979, p.4) cita várias bibliotecas de colégios e seus acervos, tais como: Biblioteca do Colégio do Maranhão, com instalações para até 5.000 volumes; Biblioteca do Colégio de Santo Alexandre do Pará, em 1760, com mais de 2.000 volumes; Biblioteca do Colégio da Vigia, com 1010 volumes; e calculados em 12.000 os livros existentes no Maranhão e no Pará. O Colégio do Rio de Janeiro, com 5.434 volumes, em meados do século

XVIII. Moraes afirma que a mais rica de todas as bibliotecas era a de Salvador. “O teto da suntuosa sala é ‘uma das joias da pintura brasileira’” e acrescenta que “as bibliotecas dos jesuítas não ficavam abertas só para os alunos e padres, mas para qualquer pessoa que fizesse o pedido competente” (1979, p. 5).

Com a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, todos os seus bens foram confiscados, inclusive as bibliotecas.

Livros retirados dos colégios ficariam amontoados em lugares impróprios, durante anos, enquanto se procedia ao inventário dos bens dos inicianos. Se uma ou outra obra foi incorporada aos bispados, algumas remetidas para Lisboa, a quase totalidade foi dilapidada, roubada ou vendida como papel velho a boticários para embrulhar unguentos. O clima úmido e os insetos deram cabo do restante. (Moraes, 1979, p. 6)

As outras ordens religiosas, principalmente a dos beneditinos, franciscanos e carmelitas, tinham escolas anexas aos seus conventos e, também, contribuíram muito na instrução do povo. As ricas abadias beneditinas possuíam boas bibliotecas e seus acervos eram enriquecidos por compra e herança.

Das bibliotecas franciscanas, pouco se sabe. O que se tem notícia é que as dos conventos importantes, como as de Salvador, do Rio de Janeiro e de São Paulo eram excelentes e abrangiam todos os assuntos.

Encontramos, já nessa época, o envolvimento da biblioteca com o ensino e a aprendizagem, como nos relata Moraes, (1979, p. 13): “os frades mantinham escola de primeiras letras como era preceito de seus conventos. Para ensinar os pequenos caiçaras a ler letra de forma, utilizavam os livros da biblioteca”.

Para Serafim Leite (1942, p. 144), pesquisador do período colonial brasileiro, especialmente das Companhias de Jesus aqui instaladas, citado em Silva, (2011, p. 491), uma marca importante para educação deste período é que “a Igreja foi a única educadora do Brasil até o fim do século XVIII, representada por todas as organizações religiosas do clero secular e do clero regular, que possuíam casas no Brasil”.

Os colégios religiosos exerceram grande influência na construção das bibliotecas escolares até fins do século XVIII, quando houve a proibição do Marquês de Pombal de que fossem fundados novos conventos e, conseqüentemente, teve início a decadência destes conventos, consumada em meados do século XIX. Data de 19 de maio de 1835 uma circular do governo imperial, introduzida por Marquês de Pombal, proibindo o noviciado, que extinguiu os conventos, sendo que algumas ordens, em certas províncias, resistiram mais

tempo do que outras (Moraes, 1979, p. 19). Tal circular introduzida por Pombal se justifica pela ascensão do ideal iluminista⁴, a partir da França, em contraposição à ideologia da Igreja Católica: “O conflito entre o iluminismo e a Igreja Católica teve ênfase durante o século XVIII e meados do século XIX, o que levou à decadência de diversos conventos no Brasil” (Silva, 2011, p. 493).

Vale ressaltar a falta de recursos humanos para cuidar dos acervos, como documentado por A. J. Borges da Fonseca e relatado por Moraes (1979, p. 20): “os conventos estão vazios, as bibliotecas e os arquivos abandonados por falta de quem cuide deles [...] a falta de gente para cuidar das bibliotecas instaladas em cidades tropicais, onde cuidados constantes são necessários, foi a culpada pela destruição dos acervos dos conventos”.

Ainda em Moraes (1979, pp 20-21) nota-se que, posteriormente, foi encontrado um relatório apresentado por Gonçalves Dias, em uma missão incumbida pelo Governo Imperial, para verificar como estavam as bibliotecas dos conventos nas províncias do norte do país, e sobre a de São Luís do Maranhão, escreveu: “por negligência, acham-se muitos, quase todos, danificados a ponto de não poder servir. Estão arrumados em sete ou oito estantes sem ordem alguma e colocados em uma sala incômoda para o estudo, por ser vivamente ferida pelo sol, sem uma mesa de estudo, sem uma cadeira”.

Entre a decadência das escolas religiosas, os conventos e a criação de novas bibliotecas escolares há contradições, como é o caso da cidade de São Paulo: “o ensino paulista teve como marca inicial a criação da biblioteca escolar George Alexandre, do Mackenzie College, em 1886, porém, o Mackenzie College tem como ano de criação, 1870, quatro anos depois” (Castro, 2000, p. 64 citado em Silva, 2011, p. 493).

No final do século XIX e início do século XX, a biblioteca escolar passou a ter uma nova configuração e são as bibliotecas escolares em colégios privados que passaram a se destacar. Esses colégios visavam instituir métodos educativos com ênfase religiosa. Lá estudavam a elite brasileira, como os grandes agricultores, empresários, comerciantes e intelectuais.

Silva (2011, p. 494) apresenta três considerações acerca das bibliotecas escolares entre os séculos XVI e XIX:

⁴ Movimento intelectual do século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico, o que implica recusa a todas as formas de dogmatismo, especialmente os das doutrinas políticas e religiosas tradicionais; Filosofia das Luzes, Ilustrações, Século das Luzes. Houaiss, A. & Villar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva

- A primeira é de que a biblioteca escolar surge com amplo aparato estrutural, tanto de infraestrutura, quanto de acervo;
- A segunda é que o acesso a ela era restrito aos integrantes das ordens religiosas, tais como bispos, padres e outros indivíduos da igreja; e,
- A terceira é que a biblioteca escolar, em muitos casos, parecia mais uma biblioteca especializada, por ser utilizada para estudos religiosos e científicos, visando a aprimorar a educação religiosa de seus usuários para a tarefa de catequizar e instruir índios e colonos.

A partir da década de 70 do século XIX, a biblioteca escolar começou a adquirir a noção que tem hoje, em especial, as das grandes escolas privadas, ligadas às doutrinas católica e protestante (Castro, 2000 citado em Silva, 2011, p. 494).

Essa ênfase religiosa envolvendo a biblioteca escolar, desde o século XVI, leva-a, conseqüentemente, a ter algumas influências que perduram até a atualidade, como, por exemplo, a de ser acessível essencialmente ao público com melhor *status* econômico e social, como os colégios particulares, e a de ligação da ideia de biblioteca escolar à percepção religiosa (Silva, 2011, pp. 494-95).

Surge, aí, a ideia de biblioteca escolar para as escolas públicas, consideradas mais carentes, porém é menosprezado o seu potencial educativo e informacional, existindo na escola espaços inadequados com livros de qualquer natureza.

É a partir do século XX que a biblioteca escolar conquista um novo espaço, em consequência de algumas reformas educacionais. Os anos de 1930 foram importantes no que se refere a pensar e propor ações no plano da biblioteca escolar. Lembrando Eggert-Steindel e Fonseca (2010, p. 2 citado em Silva, 2011, p. 495) “no âmbito nacional as reformas de ensino, pautadas na Escola Nova realizada por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935), legitimaram a biblioteca escolar no sistema de ensino”.

É importante destacar a relevância do estado de Santa Catarina na criação de estratégias educativas visando à consolidação da biblioteca escolar em âmbito local, regional e nacional, reconhecendo a necessidade de aproximação da biblioteca escolar de outros instrumentos escolares e comunitários (Santa Catarina, 1946 citado em Silva, 2011). Em 1944, o estado de Santa Catarina instituiu reuniões mensais com toda a equipe da escola, tais como: inspetores escolares, auxiliares de inspeção, diretores e professores, substitutos de

escolas isoladas, estaduais e municipais, constando em pauta e reforçando por meio de circulares enviadas aos diretores das escolas, a cobrança de instalação destas bibliotecas. (Machado, 2002 citado em Silva, 2011, p. 496).

Segundo Silva (2011), para essa aproximação, bem como as exigências políticas para instalação de bibliotecas escolares, seria necessário se pensar o acervo e o envolvimento da comunidade escolar. Conforme documento do então Ministério da Educação e Saúde (1942 pp. 28-29):

O acervo das bibliotecas deve ser composto por [...] livros sobre viagens, ciências naturais (tanto quando possível sob a forma atrativa), biografias, poesias, obras didáticas, dicionários, revistas e jornais ilustrados e outros de interesse educativo. [...] As bibliotecas deverão ser enriquecidas com coletâneas feitas pelos próprios alunos com recortes de jornais, reunidos pelos assuntos: poesias fáceis, poesias para classes adiantadas, artigos sobre economia política, contos infantis, charadas, notícias históricas e outros. Quando houver oportunidade, promover-se-á sessão literária e artística, com finalidade educativa, aproveitando-se, quanto possível, a colaboração de intelectuais, ou artistas que estiverem de passagem pela localidade.

Nas décadas de 1940 e 1950 foi dado enfoque à composição do acervo e da participação de usuários discentes e pais na elaboração da biblioteca escolar mediante ações pedagógicas. Em relação ao acervo, a ideia era de que deveria ser composto por materiais diversos, bibliográficos ou não, acreditando-se que a participação de pais e alunos constitui em elementos importantes para que a biblioteca escolar cumpra seu papel. A década de 50 é vista como o marco da instalação das bibliotecas escolares no Brasil. O estado de Santa Catarina é tido como de grande relevância neste processo, pois foi pioneiro na instituição de procedimentos legais e pedagógicos em busca da consolidação das bibliotecas escolares. (Silva, 2011, p, 497).

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, em Santa Catarina, a biblioteca escolar perdeu seu espaço para as bibliotecas públicas. Usuários e acervo foram acolhidos nas bibliotecas públicas (Eggert-Steindel & Fonseca, 2010 citado em Silva, 2011, p. 497).

De 1930 a 1980 constatou-se a falta de uma política nacional, de políticas públicas, com ações integradas entre os diversos tipos de bibliotecas, encontrando somente ações isoladas que foram enfraquecendo durante o transcurso histórico, em razão da falta de incentivos ou falta de envolvimento do poder público.

1.2 Entre o final do século XX e o novo milênio

Nos anos de 1990 e na primeira década do século XXI, nos deparamos, ainda, com políticas pouco expressivas para o desenvolvimento da biblioteca escolar brasileira. É ressaltada a Lei Federal n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)⁵ e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (1997)⁶, com um discurso voltado para a biblioteca escolar como espaço de estímulo à leitura e ao aprendizado.

Em 1997, foi criado o Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE)⁷, porém faltou expressividade no sentido de dinamizar tais ações, como é o caso do PNBE, que tem como foco a distribuição de livros, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura aos alunos e professores, mas sem uma política mais abrangente da biblioteca. Segundo Garcez (2007, p. 28 citado em Silva, 2011), os livros “acabam sumindo pela falta de local apropriado (biblioteca), pela falta de tratamento adequado (sem profissional bibliotecário) e pela falta de dinamização de leitura, reflexo da pouca parceria ou pouca aproximação entre bibliotecários e professores”. Enfim, o PNBE não contempla uma política de utilização desses livros, restringindo-se a garanti-los, sem nenhuma atuação sistêmica.

Em geral, em análise mediada por essa perspectiva histórica, é possível constatar que, no Brasil, a biblioteca escolar nas últimas décadas no século XX e início do século XXI, tanto em caráter privado, quanto no setor público, vem sendo pouco valorizada, a começar pelo pessoal que nelas atuam, “muitas e muitas vezes, é um professor readaptado ou professor abnegado que assume o desafio de responsabilizar-se por ela” (Macedo, 2005, p. 258).

Não seria exagero afirmar que, com poucas exceções, as bibliotecas escolares atuais não se distanciaram, no que se refere a seus espaços e organização, do modelo descrito por Gonçalves Dias, quando em missão incumbida pelo Governo Imperial. Reforçamos a necessidade de mudança com as palavras de Abreu (2008, p. 30):

a coleção da biblioteca não é um conjunto de materiais reunidos aleatoriamente e sem nenhum propósito. Para constituir um recurso didático eficiente, o acervo da biblioteca tem que ser

⁵ Disponível na íntegra em: www.planalto.gov.br

⁶ Disponível na íntegra em: www.portal.mec.gov.br

⁷ Disponível na íntegra em: www.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola

formado e desenvolvido com critério, levando-se em conta o projeto pedagógico da escola e o contexto em que, esta, se insere.

Historicamente, é possível constatar que a biblioteca escolar, por ter sido, inicialmente, estereotipada como espaço dedicado a um público minoritário e, posteriormente, mesmo com uma proposta de abertura e acolhimento, mas sem possuir política de gerenciamento adequada, acabou se tornando num espaço desqualificado.

Atualmente, vem demonstrando mudanças, como nos conta Campello (2012, p. 7): “algumas bibliotecas escolares têm mostrado que podem ser mais do que um espaço de promoção de leitura; elas revelam potencial para ser um espaço de aprendizagem” e enfatizando a importância da pesquisa nesta área, principalmente, no Brasil, como forma de buscar soluções através de evidências e não de “achismo”, continua Campello: “o papel da biblioteca na educação é pouco entendido, e onde há necessidade urgente de criar e revitalizar bibliotecas escolares”.

Para Campello (2015), a análise dos principais problemas que afetam as bibliotecas escolares brasileiras pode ser encerrada com a observação feita no documento “Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil”:

Observa-se, no caminhar histórico da construção do espaço da biblioteca, que há convivência com um mundo sofisticado e acelerado pelas inovações tecnológicas e outro que ainda não se apropriou do código da escrita e da leitura, traduzida nas próprias bibliotecas pela ausência de equipamentos e de tecnologias, em que o livro permanece como objeto primordial... (MEC; Organização, 2011).

O Ministério da Educação (MEC) dispõe nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), desde 1997, que toda instituição escolar é um espaço de aprendizagem, que deve proporcionar à comunidade escolar formação e informação, desenvolvendo saberes para crescerem como indivíduos conscientes de seus direitos e deveres.

Em Campello *et al.*(2008), vemos que os PCN entendem que a biblioteca é:

- Um espaço apto a influenciar o gosto pela leitura;
- Lugar de aprendizagem permanente;
- Um estoque de conhecimentos;
- Espaço excelente para desenvolvimento de atitudes de cidadania, respeito ao zelo para com o espaço coletivo;

- Lugar, onde desde cedo, o aluno pode ser preparado para entender o significado da preservação e da valorização de espaços que reúnam o conhecimento produzido pela humanidade e, também, para saber usar esse conhecimento.

Neste caso, a biblioteca escolar inserida no contexto educativo contribui para o aprendizado, a formação e o convívio à prática social. Campello *et al.* (2001) traz um estudo sobre os PCN, no qual é possível constatar a estreita ligação entre a biblioteca e a proposta por eles apresentada, de um ensino baseado na perspectiva construtivista, a partir de material didático variado, tendo a biblioteca como um local apropriado para reunião e compartilhamento desse material, próximo do aluno, independentemente do tipo de suporte ou fonte, a informação estará ali, na escola, disponível, no mesmo local que o aluno frequenta e, o mais importante, atendendo à necessidade da diversidade do acervo e de acordo com o projeto político pedagógico da escola.

Ainda em Campello *et al.* (2008, p. 19), em relação ao que descrevem os PCN sobre os diversos papéis que a biblioteca deverá representar, afirma-se que “depende da escola proporcionar os recursos que irão concretizar essa visão de biblioteca que, certamente, tem importante contribuição a oferecer no esforço de formar o cidadão do século XXI”.

O MEC implantou nas escolas o Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), o Programa de Leitura (PROLER), com intuito de estimular os alunos ao fomento e prática da leitura, além de contribuir com a formação dos professores nas escolas de Ensino Fundamental e médio, por meio destes programas, constituindo acervos para as bibliotecas, as quais são formadas por “obras de referência, literatura e de literatura para apoio pedagógico à formação dos professores” (Brasil, 2005).

Quanto à função de gestor de biblioteca, no Brasil, esta é uma profissão regularizada desde 30 de junho de 1962, pela Lei 4.084, de 30 de junho de 1962⁸, que dispõe sobre a profissão do bibliotecário, a saber: Art. 1º A designação profissional de Bibliotecário, a que se refere o quadro das profissões liberais, grupo 19, anexo ao Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho), é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia, em conformidade com as leis em vigor.

⁸ Disponível na íntegra em: www.planalto.gov.br/civil_03/leis/1950-1969/L4084.htm

Foi preciso esperar até 2010 para surgir uma lei direcionada especificamente para as bibliotecas escolares. A Lei 12.244/2010⁹, que trata da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, aborda o que é considerada uma biblioteca escolar, com a preocupação voltada a seu acervo, referindo-se ao tipo de material e quantidade de livros, dando o prazo de dez anos para adequação e, respeitando a profissão de bibliotecário, disciplinada pela Lei 4084/1962.

Logo no ano seguinte surgiu a Resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia, CFB n.º 119/2011¹⁰, que dispõe sobre os parâmetros para as bibliotecas escolares, que no seu Art. 1º estabelece como padrão para todas as bibliotecas escolares o documento Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares, do Grupo de Pesquisas em Biblioteca Escolar (GEBE), da Escola de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que constitui um referencial para a qualidade das bibliotecas escolares do país, contemplando serviços e setores, como nele consta: “Estamos falando de bibliotecas que são espaços de aprendizagem que proporcionam e estimulam conexões entre saberes; que são laboratórios – não de apetrechos, mas de ideias.”[...] “Tais parâmetros constituem um referencial flexível para as escolas – públicas e particulares – [...]” e, “podem ser catalisadores de mudanças em escolas que entendem a biblioteca como espaço de aprendizagem”. Neste documento estão citadas a Lei 12.244/2010, o Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar e o Art. 2º da Lei 4.084/1962, sobre o exercício da profissão de bibliotecário.

Considerando o que tínhamos há até pouco tempo, é notória a evolução que vem acontecendo nas bibliotecas escolares no Brasil. Como nos mostram estas diretrizes, já estão sendo dados novos e melhores rumos a este tipo de biblioteca. No entanto, é necessário verificar o que vem acontecendo na prática e como são vistos os responsáveis pela educação e pela escola.

A preocupação em adequar o acervo da biblioteca ao projeto político pedagógico da escola, com visão crítica, criteriosa, embasado no que orientam os PCN, a inclusão nas políticas públicas dos programas de incentivo à melhoria dos acervos bibliográficos, a criação de lei, resolução e parâmetros que dispõem sobre uma concepção de biblioteca escolar de direito e de fato, não só no sentido de espaço, serviços e acervo, mas respeitando

⁹ Disponível na íntegra em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm

¹⁰ Disponível na íntegra em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/1171>

o profissional competente para sua gestão, mesmo que timidamente, vem tomando rumo a um melhor caminho.

É necessário que haja o comprometimento de todos os atores que, de alguma forma, se sintam parte deste processo intrinsecamente ligado à educação, mais especificamente, que gestores e bibliotecários se unam para que, considerando as peculiaridades de todas as regiões do país, se procure entender, por meio de pesquisas, ou seja, cientificamente, o que se passa neste campo para, juntos, propor soluções no sentido de legitimar a biblioteca escolar, garantindo o seu devido e merecido espaço participativo e dinâmico, como parte integrante da escola, teoricamente, já reconhecido.

2 O PAPEL ATUAL DAS BE NO BRASIL: PRÁTICAS E DESAFIOS

2.1 Os desafios da educação e a BE

As relações entre o processo de produção do conhecimento e a educação são evidentes e, para tanto, “o acesso à informação se faz necessário, uma vez que oportuniza a construção de conhecimentos, os quais, as escolas, universidades e as bibliotecas devem responsabilizar-se” (Tarapanoff; Suiden & Oliveira, 2002, p. 3 citado em Braga & Paula, 2014, p. 245).

É notório que “o acesso à informação é decisivo para o aprimoramento do indivíduo, assim como da comunidade da qual ele faz parte, e cabe às instituições de ensino, e principalmente às bibliotecas, a tarefa de promover esse acesso” (Amaral, 2009, p. 165).

No caso das bibliotecas, independente se comunitária, escolar, especial, especializada, infanto-juvenil, pública, universitária, centros de informação, embora de maneira diferente, elas existem para atender a todos os usuários que as procuram pelas mais diversas razões, muitas vezes em busca da informação para aprimoramento do conhecimento e, neste contexto, não só no sentido de disponibilizar, mas de orientá-los na localização e na utilização dessas informações em situações reais em seu cotidiano, a produzir conhecimento com senso crítico, que provoque mudanças significativas, não só para si, mas para toda a sociedade.

A BE é, para muitos, a primeira oportunidade de contato com uma biblioteca e com livros, passando a fazer parte do seu cotidiano, das suas primeiras vivências como estudante, participando de seu desenvolvimento e da sua construção como indivíduo. Assim, é preciso haver zelo com a maneira como desenvolve seus serviços, se realmente atende às necessidades e anseios de seus usuários, considerando que depende muito dessa interação, como primeira impressão, para despertar o interesse, ou não, em continuar buscando, não só momentaneamente, mas posteriormente, em outros tipos de biblioteca: comunitária, especial, especializada, pública, universitária, ou em outros meios de disponibilização, independente de suportes, a informação que precisar futuramente em sua vida como estudante, pesquisador, leitor, enfim, como cidadão crítico e independente. Isso vem corroborar com o que diz Silva (2004):

A biblioteca escolar potencializa as condições para a formação permanente do cidadão, oferecendo-lhe os primeiros serviços bibliotecários e capacitando-o a utilizar outros individualmente sempre que julgar necessário, além de poder propiciar o exercício de sua curiosidade, estimulando, assim, seu aprendizado contínuo e seu desenvolvimento (p. 1).

Para Amaral (2009), dadas as constantes transformações que marcam a sociedade do conhecimento, pode-se ver a biblioteca escolar “como um núcleo do sistema educacional, recurso primeiro de informação, que tende, por vocação, permitir o acesso diversificado ao conhecimento, fortalecendo as relações da escola com o mundo exterior” (p. 164). Assim, ela deve ser um instrumento propiciador do conhecimento. Desde que seja estruturada com seriedade dentro de sua proposta de atender às necessidades informacionais da comunidade onde está inserida, contribuirá para que a informação necessária para a construção do conhecimento esteja sempre à disposição dessa clientela, colocando-se como forte aliada.

Entretanto, isso só poderá ser consolidado se for compreendido pelos atores que a cercam, o que realmente ela representa dentro da escola. Qual a sua missão, sua função, seu papel, a necessidade de estar entrosada com toda a equipe pedagógica, com o currículo, disponibilizando seus serviços de forma abrangente à comunidade escolar e comunidade externa, voltados à educação, cultura, lúdico, lazer, incentivando a leitura, pesquisa, informando, participando ativamente na formação do educando para a vida.

Para Tarapanoff (2006, p. 8), Defourny, representante da UNESCO no Brasil,

Há vários anos, a UNESCO se preocupa de forma sistemática com um dos maiores desafios deste milênio, que é o de promover a inserção de todas as pessoas no contexto de uma sociedade do conhecimento. Essa possibilidade, embora distante, é concreta. O avanço da educação básica na maioria dos países, ao lado das novas tecnologias de veiculação do conhecimento, fortalece a esperança de que essa utopia de hoje possa tornar-se realidade em futuro não muito distante.

A biblioteca escolar propicia a inserção de todas as pessoas no contexto de uma sociedade do conhecimento e está inserida neste avanço da educação básica e das novas tecnologias a que se refere Defourny, como grande parceira na concretização do proposto, por ser ela, dentro da escola, a que reúne todos os requisitos para a realização das ações necessárias para este fim, pois, “reunidos no espaço da biblioteca escolar, os recursos informacionais irão se constituir num rico manancial para propiciar o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para viver e conviver na sociedade do conhecimento” (Kuhlthau, 2013, p. 10).

Para tanto, é importante que se atente às orientações de Antonio Agenor Briquet de Lemos em: *Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares* (GEBE, UFMG, 2010, p. 5):

Para se ter uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja cinco pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização, uma comunidade de usuários, efetivos e potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e, por último mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca.

De nada adiantará ficar somente nas boas intenções sem se ater à necessidade de considerar requisitos fundamentais para que haja uma biblioteca de fato, com funcionamento de fato, deixando de ser apenas um espaço que existe por mera formalidade, somente servindo como adorno e sem nenhuma funcionalidade.

A definição da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) (1985, p. 22) reforça a importância da Biblioteca na escola e, conseqüentemente, na educação, de maneira sistemática, institucionalizada, abrangente, integrada, quando a aponta como:

Uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educacional e participa de seus objetivos, metas e fins. É um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento à leitura e formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula. Trabalha também com os pais e com outros agentes da comunidade.

Motta (1999, p. 21 citado em Bezerra) lembra muito bem da necessidade de se ter uma visão clara do que representa a biblioteca escolar que “dentro de uma instituição deve estar bem definida quanto à sua organização e funcionamento para que venha facilitar o ensino e a aprendizagem”, devendo, portanto, ser um lugar bem gerenciado, organizado e prazeroso.

Para tanto, engajada em atingir as metas educacionais, a BE como parte integrante da escola, apoiando o desenvolvimento das atividades curriculares, pode incentivar e despertar nos estudantes e nos professores o interesse em explorar os vários tipos de informação que contribuirão para a construção do conhecimento e de saberes e, assim, tornar o uso da biblioteca parte integrante também do cotidiano destes sujeitos.

A BE pode contribuir na formação de estudantes críticos e abertos a ponderações, além de motivá-los a terem autonomia didática, disponibilizando os subsídios de que necessitam para essa autonomia (Amaral, 2009, p. 163).

Uma das funções da BE é desenvolver nos alunos, desde o início de sua escolarização, habilidades para localizar, selecionar e interpretar informação, cooperando no processo de ensino e aprendizagem, devendo, assim, estar voltada ao processo educativo (Malaquias, 2008).

Para Mota (2006), a biblioteca, quando inserida no contexto escolar,

possui como um de seus principais objetivos, ser uma ferramenta que auxilie e facilite o processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário a existência de um esforço de interação e cooperação entre professores e bibliotecários no sentido de proporcionar aos alunos, maior qualidade dos serviços oferecidos pela biblioteca. Fazendo com que, deste modo, os alunos possam ver a biblioteca como um espaço não de cunho educacional formal, rígido e inflexível, mas, como um espaço recreativo, prazeroso e agradável capaz de estabelecer laços com o real e o imaginário e, sobretudo, lhes proporcionar uma maior interatividade com a sociedade e com o mundo que os cerca (p. 121).

Com esta visão, as bibliotecas, de modo geral, inclusive a BE, estão deixando de ser espaços estáticos, fechados, primando pelo silêncio, onde as pessoas se trancam para realizar seus estudos, pesquisas, leituras, e passam a constituir espaços dinâmicos, participativos, interativos e em constante evolução. Ela passa a se projetar como deve ser: um espaço em constante movimento.

Essa ideia tem se consubstanciado, também, na parte física, em sua arquitetura, em que hoje é possível encontrar uma preocupação maior em seguir normas especificadas pelas diversas áreas voltadas para melhor aproveitamento dos espaços, inclusive das bibliotecas, primando pelo bom desempenho de seus produtos e serviços, suas atividades e de seus usuários, ou seja, conciliando o espaço físico com o bem-estar do indivíduo, no sentido de oferecer-lhe condições favoráveis para que obtenha resultados de maior qualidade em suas buscas. Isto está de acordo com o que apresentam as Diretrizes da UNESCO/IFLA para bibliotecas escolares, quando orienta que “o importante papel educativo da BE deve refletir-se nas condições, no mobiliário e no equipamento. É vital que a função e o uso da BE sejam incorporados no planejamento de novos edifícios escolares e na reorganização dos existentes”.

No Manifesto da UNESCO/IFLA consta que a biblioteca escolar tem como uma de suas funções básicas proporcionar ao aluno competências para o aprendizado ao longo de

sua vida e contribuir para o desenvolvimento de sua imaginação, permitindo que adotem postura e conduta de cidadãos responsáveis.

Já na década de oitenta do século passado, Amato & Garcia (1989) afirmavam que a biblioteca escolar se apresenta como um “recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e formação do educando” e para que isso se cumpra, é necessário que se volte para os constantes avanços da educação e se modernize, acompanhando a evolução social, tecnológica e informacional.

Discutir a biblioteca escolar na educação como elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem não é algo tão novo assim. Segundo Silva (2004), Lourenço Filho, importante educador brasileiro dos anos de 1940, participante do movimento escola novista no Brasil¹¹, juntamente com Anísio Teixeira, afirmava que “ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...] ensino e biblioteca não se excluem, complementam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito”, ao que Campello (s.d.) atribui como já sendo uma visualização da “função educativa da biblioteca escolar no Brasil”, pois “mencionava a biblioteca, estabelecendo a ideia de que esta teria um papel a desempenhar na educação, que iria além daquele de ‘depósito de livros’”. Ainda para Campello *et al.* (2008, p. 11), “a biblioteca escolar é, sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso de informação”.

Portanto, independente da época, há unanimidade em afirmar que a biblioteca escolar tem importância fundamental no processo educacional, na escola, no processo de ensino e aprendizagem, na vida do aluno, na formação do indivíduo. Porém, para que ela alcance seus objetivos e passe a fazer parte da realidade da escola, ou seja, para que saia da teoria e passe a cumprir o seu papel na prática, demanda muito mais comprometimento dos envolvidos. A decisão de “ter a biblioteca que desejam” é daqueles que atuam internamente na escola e, numa visão mais ampla, em âmbitos político e educacional, proporcionando subsídio para que este desejo se materialize.

Internamente, é interessante que a comunidade escolar esteja sempre discutindo e repensando a biblioteca, pois de nada adiantará conseguir o apoio de autoridades políticas e

¹¹ Movimento que ganhou impulso na década de 1930, após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Nesse documento, defendia-se a universalização da escola pública, laica e gratuita. A atuação dos pioneiros desse movimento se estendeu pelas décadas seguintes sob fortes críticas dos defensores do ensino privado e religioso. As suas ideias e práticas influenciaram uma nova geração de educadores. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Nova

educacionais no sentido de investimentos, se não houver interesse e disposição em reconhecê-la como parte integrante da escola, com condições favoráveis para o seu desenvolvimento e utilização dos seus serviços e, para tanto, por vezes, são necessárias mudanças de atitude, muitas delas arraigadas, por parte desta comunidade.

2.2 O professor e a BE

Um dos sujeitos da comunidade interna que mais exerce influência no desempenho da BE é o professor. Ele, por ser um formador de opinião e por estar muito próximo do aluno, que por sua vez o vê como modelo ideal para se espelhar, pode, dependendo de sua filosofia de trabalho, fazer da biblioteca uma aliada em sua tarefa como educador e, ao mesmo tempo, oportunizar seus alunos a se tornarem cidadãos críticos, independentes e capazes, ao incentivá-los a buscar na BE, em diversificadas fontes, as informações que necessitam para ampliar seus conhecimentos. Em Campello; Caldeira; Alvarenga e Soares (2012, p. 9) vemos que “a biblioteca só adquire centralidade na escola se os professores repensarem suas práticas pedagógicas, abandonando as atitudes acomodadas, ou seja, passando a trabalhar com estratégias centradas no aluno”.

Por sua vez, o professor, incluindo-a em suas práticas de trabalho, poderá contar com um leque mais amplo de materiais e informações disponíveis, além dos que habitualmente utilizam em sala de aula, o que virá ao encontro do objetivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que é o de proporcionar aos alunos o domínio do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades. Além disso, ao verem os professores explorando a biblioteca e por tê-los como referencial, os alunos passarão a explorá-la também (Alonso, 2005).

A esse respeito, Alonso (2005, s.n.) cita Douglas:

O professor desempenha grande papel no êxito de uma biblioteca central na escola primária, assim como a biblioteca pode contribuir poderosamente para um resultado de ação pedagógica do professor. Este, com efeito, toma parte ativa na escolha das aquisições da biblioteca, estabelece o programa no que diz respeito a seus alunos e vela pela execução desse programa. Age de modo que a biblioteca tenha seu lugar na atividade cotidiana da criança.

Também para Negrão (1987, citado em Alonso, 2005), “a biblioteca escolar, interagindo de modo harmonioso com o corpo docente, poderá cooperar na formação de várias atitudes: o hábito de utilizar informação, o de pesquisa, o gosto pela leitura, o hábito

de usar a biblioteca, além do desenvolvimento do pensamento crítico e a motivação para a educação permanente”.

A falta de integração entre o professor e a pessoa que trabalha na biblioteca era já apontada “como um dos fatores que comprometem a participação da biblioteca na vida escolar, ficando alienada ao contexto pedagógico da escola” (Amato & Garcia, 1989) e, conseqüentemente, passando a ser mais um espaço inutilizado, que acaba sendo substituído por outros interesses da gestão que, por sua vez, justifica como necessária tal decisão, por não contar com espaços suficientes para atender a demanda de salas de aula na escola, deixando claro o (des)entendimento de como veem a biblioteca na escola. Infelizmente, passadas quase três décadas, esta situação ainda continua a se verificar.

Muitas das vezes, não só o professor, mas a escola não conhece a biblioteca. O não conhecimento leva ao não reconhecimento. O discurso é repetitivo, decorado, automático ou proforma a favor dela, com a crença de que, demonstrando não entender a importância da BE, estejam demonstrando falta de erudição, de intelectualidade ou conhecimento e, por isso, acabam concordando com a existência de um espaço também proforma, por onde nunca passaram, não pretendem passar, e que acaba no isolamento. Reforçando, é de grande peso o interesse da comunidade interna para instalação e institucionalização da biblioteca.

Esta ideia é condizente com o que já afirmava Silva, E. T. (1997, citado em Silva, M. A., 2004), “os professores não conhecem os acervos existentes nas bibliotecas e nem orientam os alunos no que tange ao uso objetivo dos seus serviços” (s.n.) e acrescenta que “sem a necessária confluência das ações docentes e discentes, parece-nos que a biblioteca não se projeta, não se institucionaliza e nem adquire a sua real identidade” (s.n.). Isso reforça a ideia de ser de grande peso o interesse e mobilização da comunidade interna para o sucesso da BE.

São vários os fatores apontados como responsáveis por esta situação, tais como: falta de divulgação dos serviços, falta de dinamismo por parte de quem está à frente da BE, o que também gera outras justificativas, como a falta de pessoal habilitado ou qualificado para esse fim, falta de hábito dos professores de frequentarem bibliotecas, comodismo de professores que preferem ficar fechados em suas salas de aula, sem apresentar aos alunos outras formas de aprendizagem que não sejam os livros didáticos e o quadro de exposição de aulas, entre outros.

O que se tem aprendido com isso é que existe urgência em localizar os reais motivos que ainda deixam a BE à margem da escola, porém, sem buscar culpados, mas encontrando maneiras de sanar deficiências por meio de trabalho conjunto com base em evidências e de estudos e pesquisas, visando esclarecer pontos que ainda travam o bom andamento dos serviços e o entendimento entre todos os sujeitos envolvidos nesse processo, cada qual trazendo para si a responsabilidade e o comprometimento de fazer a sua parte no sentido de democratizar o uso da BE, como fonte de informação na construção do conhecimento, à disposição da comunidade escolar.

Assim, se faz necessário que haja um processo de comunicação cada vez mais ativo entre professores e bibliotecários, onde os mesmos possam apresentar e discutir as melhores formas de sanar suas necessidades e anseios e consequentemente alcançar seus objetivos. Desta forma, a imagem da biblioteca escolar passará de simples depósito de livros e outros materiais a de um espaço dinâmico e transformador da realidade sociocultural de seus usuários. (Mota, 2006, p. 126)

Para Amaral (2009) é importante refletir “como se realiza a mediação professor (ensino) – biblioteca – aluno (aprendizagem)” (p. 164), atendendo-se à Declaração Política da International Association of School Librarianship sobre bibliotecas escolares, quando esta diz que:

A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objetivos de aprendizagem da escola e promove-os através de um programa planejado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes.

No Manifesto IFLA/UNESCO (1996) para biblioteca escolar já constava que bibliotecários e professores, em conjunto, influenciam o desempenho dos alunos para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação.

Do mesmo jeito que buscam alternativas para a aproximação do aluno ao espaço da biblioteca, é necessário pensar em estratégias para aproximar o professor do universo que ela dispõe, pois somente assim ele poderá propor estratégias de utilização desse espaço pedagógico. A biblioteca é apenas um dos recursos didáticos que a escola disponibiliza ao professor para o desenvolvimento do seu trabalho (Alonso, 2005).

2.3 O Diretor e a BE

Assim como o professor, o diretor, como parte da comunidade interna, exerce influência no sucesso da biblioteca. Para Campello (2012, p. 57), “o apoio do diretor da escola é vital para a implantação e manutenção dos projetos da biblioteca escolar”.

É necessário que haja relações sólidas entre diretores e bibliotecários e “relações sólidas são baseadas na compreensão do papel de cada um e na confiança sobre a competência, dedicação e honestidade” (Campello, 2012, p. 60), fatores fundamentais para a concretização do papel da biblioteca na escola, com autonomia para isso, como agente ativo e participativo do processo educacional.

Nas Diretrizes da UNESCO/IFLA para bibliotecas escolares (2002), na tradução em língua portuguesa (Portugal), por Maria José Vitorino, consta que:

- Enquanto líder educativo da escola e elemento chave na construção de enquadramento e ambiente para o desenvolvimento do currículo, o(a) director(a) deve estar ciente da importância de um serviço eficaz de biblioteca escolar, e encorajar a sua utilização;
- O(a) director(a) deve trabalhar de perto com a biblioteca na elaboração dos planos de desenvolvimento da escola, especialmente nas áreas da literacia da informação e dos programas de promoção da leitura. No momento da concretização das planificações, o director deve garantir uma gestão flexível do tempo e dos recursos para permitir aos docentes e aos alunos o acesso à biblioteca e aos seus serviços;
- O(a) director(a) deve ainda assegurar a cooperação entre a equipa docente e a equipa da biblioteca. Ele ou ela devem garantir que os bibliotecários escolares sejam envolvidos no ensino, na gestão curricular, na formação contínua do pessoal, na avaliação do programa e da aprendizagem dos alunos. Na avaliação global da escola o(a) director(a) deve integrar a avaliação da biblioteca e destacar o contributo vital que um serviço de biblioteca escolar sólido presta ao cumprimento de padrões educativos.

A edição mais recente das orientações da IFLA para as bibliotecas escolares (2015) continua, em vários momentos do texto, a sublinhar a importância do papel do diretor das escolas no apoio e desenvolvimento das BE, reconhecendo o importante papel que têm para o ensino e a aprendizagem.

No entanto, no Brasil, não raro é possível presenciar a falta de percepção ou de conhecimento do diretor sobre o funcionamento da BE, qual a sua função e objetivo na escola. E, talvez, por essa razão, acabe não a valorizando e, conseqüentemente, não valorizando o trabalho do bibliotecário que, pelos mesmos motivos, acaba sendo igualmente ignorado. Sobre este fato em Campello (2012) encontramos que:

diversas pesquisas mostram que a maioria dos diretores tem uma compreensão limitada de como as atividades da biblioteca funcionam e de como elas contribuem para a qualidade dos projetos da escola. Essa compreensão tem origem em estereótipos e, portanto, os diretores ainda veem a biblioteca como depósito de livros a serem emprestados aos estudantes, e como um espaço que precisa ser administrado (p. 58).

É evidenciado aí um problema, reforçado por Silva (2004), quando afirma que cria um conflito que dilui, muitas vezes, a função educativa da biblioteca, alienando-a do contexto pedagógico da escola. Não se pode alienar a biblioteca do processo educativo, sem prejuízo para todos os interessados: o professor, que perde um grande aliado em termos de apoio técnico-pedagógico; o bibliotecário ou responsável, que vê seus esforços se perderem no vácuo das 'impossibilidades' e, principalmente, os alunos que deixam de ter um grande instrumento de auxílio nas tarefas escolares e enriquecimento cultural na ampliação de seus horizontes e na formação de uma visão crítica. A biblioteca escolar deve existir como um órgão de ação dinamizadora e não cair na passividade que, às vezes, nos leva a não efetuar um trabalho difusor de informações por não nos sentirmos estimulados e respaldados por aqueles que seriam, em primeira instância, beneficiados pelo trabalho da biblioteca (s.n.).

Possivelmente essa situação existente entre escola e biblioteca possa ser em função dos que atuam nas escolas não terem sido contemplados em sua formação com alguma disciplina que tratasse da biblioteca escolar. Muitos deles também nunca tiveram a oportunidade de frequentar uma biblioteca em toda sua trajetória, somado à falta de conhecimento de resultados de pesquisas que demonstrem a diferença de desempenho entre os que a frequentam e os que não, e vão protelando, por vezes, com a justificativa de que, por não tê-la na escola, não procuram saber sobre sua importância ou se ela faz ou não a diferença.

Alonso (2005) aponta que

muitas instituições já utilizam e, inclusive, integraram laboratórios (Matemática, Ciências, Química, etc.) em sua grade curricular, mas poucas escolas dão a importância ao papel da biblioteca na escola, apesar das orientações oficiais (PCN) e do apoio, no caso da rede pública, de planos como o PNBE. (s.n.)

2.4 O bibliotecário e a BE

Outro profissional, de grande relevância, envolvido neste processo é o bibliotecário que, por sua vez, tem grande parcela de responsabilidade no papel da biblioteca enquanto seu gestor, em torná-la ativa, participativa, integrando-a à escola. Para que isso venha a acontecer, é preciso que esteja em sintonia com os outros envolvidos na escola como a direção, a equipe pedagógica e os professores. Para tanto é necessário que haja mudança na visão que, muitas vezes, outros têm do bibliotecário, “como um elemento que executa tarefas meramente técnicas, deixando sua formação pedagógica, cultural e social de lado” e, “aliena completamente a biblioteca do contexto educação, como se o bibliotecário não fizesse parte do trabalho educativo” (Amato & Garcia, 1989, p. 13).

Como se entrelaçam com os outros sujeitos da escola, quando não há entendimento, resulta em vários pontos negativos.

É sabido que no Brasil, em sua maioria, as bibliotecas escolares, principalmente das escolas públicas, não contam com um profissional habilitado, mantendo em seu quadro um servidor readaptado, com problemas de saúde ou de relacionamento com seus pares, que, por decisão de seus superiores, são impulsionados a assumirem a BE, sem nenhum conhecimento de como funciona ou do que ela representa. Muitas vezes é uma biblioteca que funciona precariamente, em espaço improvisado que acaba esquecida em algum canto da escola. Pode-se considerar que este seja um dos motivos que contribuem para a falta do bom desempenho das mesmas, convergindo para os desencontros em relação à sua atuação na escola.

O fato de se ter o profissional bibliotecário, por si só, não garante o sucesso da BE. Existem outros fatores envolvidos, como, por exemplo, o interesse e o envolvimento do professor, o apoio do diretor e da equipe pedagógica, políticas públicas bem definidas, mas, dentre esses, o posicionamento do bibliotecário em relação a seu trabalho, tem considerável peso. A este respeito, Amato & Garcia (1989) alertam:

Seria desejável que o bibliotecário saísse da posição estática de mero espectador da ação educativa, para passar à ação propriamente dita, trabalhando ideias divulgadas, com todo o corpo docente e discente da escola, concretizando seus objetivos dentro do contexto escolar. É evidente a necessidade de entrosamento entre professores, bibliotecários para que se realize um trabalho de cooperação e participação, visando à melhoria do processo ensino-aprendizagem (p. 14).

Malaquias, (2008, p. 15), quase vinte anos depois, afirma que “é fundamental que o bibliotecário participe da elaboração da Proposta Pedagógica, conheça o Plano Docente para apropriar-se dos conteúdos e desenvolver atividades diversificadas, possibilitando a ampliação da prática pedagógica”.

Para o êxito da BE é fundamental a comunicação entre bibliotecários, professores e os outros integrantes da escola. O bibliotecário deve ser o primeiro a se atentar para isso, promover a comunicação, afinal, é ele que tem a biblioteca como ferramenta primordial de trabalho. Cabe a ele, portanto, torná-la dinâmica, conhecida, desejada, ou seja, deve “circulá-la” pela escola.

Portanto, como o bibliotecário é o profissional que mais conhecimento tem sobre a BE na escola, por motivos óbvios, pois ela também faz parte da sua formação profissional, o sucesso dela depende bastante dele. Por isso é fundamental que esteja sempre articulado, não só com toda a escola, mas com os outros sujeitos que fazem parte do processo educacional e que atuam fora da escola, como por exemplo, os sujeitos politicamente envolvidos na educação, autoridades públicas e governamentais.

Assim, “cada vez mais, fica clara a ideia de que a interação entre professores e bibliotecários além de ser possível, é extremamente necessária” (Mota, 2006, p. 125). Logicamente, posicionando-se em seu trabalho, propondo-se a fazer toda essa articulação, tomando para si as responsabilidades que lhe são inerentes, demonstrando ter potencial, conhecimento e competência para atuar junto à equipe pedagógica ou outros setores, certamente será bem mais viável contar com o apoio da escola, principalmente dos professores, em suas reivindicações acerca de melhores condições para o sucesso da BE e, conseqüentemente, da escola. Mota (2006, p. 126) afirma que “o papel do bibliotecário reivindicador e consciente da importância de seu trabalho e do espaço da biblioteca escolar, é essencial”.

Outra condição relevante para a boa atuação do bibliotecário escolar é ele estar ciente da necessidade de atualização pela formação continuada, da busca de qualificação permanente por meio de cursos, participação em congressos, leituras e outros, sobretudo nas áreas com as quais está interagindo, assim como os outros profissionais da escola (Mota, 2006).

De modo geral, conhecemos a importância que tem a BE na educação, no processo de ensino aprendizagem e da necessidade de contar com os diversos sujeitos na escola para

o seu sucesso. Para que isso aconteça, pesquisadores e agentes da área de educação e biblioteconomia vêm buscando determinar as funções específicas da BE e o papel dos gestores, professores, alunos e bibliotecários no espaço escolar e, conseqüentemente, no espaço biblioteca. Essas funções e papéis precisam ficar bem esclarecidos, a fim de que seja determinado, com clareza, o que e como fazer para potencializar os serviços ofertados pela BE. Com a compreensão destes fatores e estruturação de legislação, será mais fácil assegurar a utilização da biblioteca, sem atrito, sem discrepância, sem que cada qual faça dela o que bem lhe convier, sem que fique à mercê de decisões políticas arbitrárias. Para Lanzi & Ferreira (2015):

Vários são os problemas colocados pelos profissionais da informação e os educadores quanto ao convívio das bibliotecas nas escolas: falta de acervo, instalações inadequadas ou ausência de instalações, falta de programas ou formas de incentivo para seu uso, bibliotecas que existem, têm acervos, mas ficam fechadas, falta de profissionais capacitados, etc. (p. 2).

E complementam:

Cabe ao professor ensinar e incentivar a autonomia nos seus educandos, ao bibliotecário, cabe despertar a curiosidade, estimular o rigor intelectual, e aos dois, professor e bibliotecário, criar as condições necessárias para o sucesso da formação dos alunos, ao longo da vida. E quanto ao espaço biblioteca, cabe ser o lugar que propicie essa interação, pois apesar de as bibliotecas escolares terem passado por todo um processo de transformações e deformações, ao longo desses séculos, elas têm seguramente, uma presença definitiva no espaço e na cultura escolar (p. 13).

2.5 A BE e a escola

É importante lembrar que por estar dentro de outra instituição, que é a escola, a biblioteca não pode atuar isoladamente. Para servir a escola, a biblioteca deve estar integrada na escola, nos documentos como o projeto pedagógico da escola, mas sobretudo em articulação com os professores. Isto, porque, como orienta Campello *et al.* (2008, p. 11) “ao assumir seu papel pedagógico, a biblioteca pode participar de forma criativa do esforço de preparar o cidadão do século XXI”.

Como foi possível observar ao longo de sua história, à biblioteca escolar vêm sendo atribuídos vários conceitos, considerando suas funções, papel e competências, procurando cada vez situá-la e esclarecer a sua importância na instituição escolar.

Consideramos que hoje já se tem um novo olhar. É possível vislumbrar um caminho melhor, com uma visão voltada para o que e como fazer, e como cada um pode contribuir na soma de esforços, no sentido de projetar uma BE de direito e de fato, ao que Campello *et al*

(2012, p. 27) argumenta: “talvez fosse o momento de reverter o paradigma da miséria, e buscar expor aspectos positivos da biblioteca, revelando suas potencialidades como espaço de aprendizagem, e usando evidências científicas, mostrar como a biblioteca escolar pode ajudar crianças e jovens a aprender”.

Se expusermos, comprovadamente, os aspectos positivos da BE como espaço de aprendizagem, direcionaremos o foco sobre o que ela é, o seu potencial, sem dar margem a propostas que não condizem com o seu perfil. Traríamos à luz também o fato de que, para a BE ser bem sucedida, é necessário haver o entendimento de que o espaço em si é estático e o que o torna dinâmico são as pessoas responsáveis por ele, desta forma, mostrando como ela pode atuar em prol da escola e da comunidade.

Esse olhar voltado para os aspectos positivos da BE pode ser encontrado também em Fragoso (2002), quando afirma:

Longe de constituir mero depósito de livros, a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. A Biblioteca trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolados. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará a seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das ideias e da informação (p. 124).

No Manifesto da UNESCO (1999) sobre bibliotecas escolares, verificamos que:

- A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para a formação de cidadãos bem-sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis;
- A biblioteca escolar possibilita serviços de apoio à aprendizagem, disponibiliza livros e recursos que permitem aos membros da comunidade escolar a tornarem-se pensadores críticos e efetivos utilizadores da informação em todos os suportes e meios;
- A biblioteca escolar é essencial a qualquer tipo de estratégia de longo prazo no que respeita a competências à leitura e escrita, à educação, informação e desenvolvimento econômico, social e cultural;
- A biblioteca escolar é um parceiro imprescindível para atuação em redes local, regional e nacional de bibliotecas e de informação;
- A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo.

Com a biblioteca escolar presente na escola, as condições para que se realize o que recomendam os PCN e outros documentos que tratam da melhoria da qualidade da educação e do atendimento aos alunos, oferecendo-lhes as condições necessárias para que isso se

cumpra, tornam-se muito mais viáveis. Na verdade, é nela que os alunos irão encontrar a diversidade de textos, para que possam buscar mais conhecimento em fontes diversas, não ficando presos à sala de aula e nem só aos livros didáticos, com possibilidades de comparações, o que os leva a melhorar o censo crítico e servindo também como fonte para aprimoramento da escrita e da leitura.

Estas afirmativas estão de acordo com os objetivos gerais para o Ensino Fundamental indicados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Ainda nos PCN (v. 2, p. 58), como condição para formação de bons leitores é citada, primeiramente, a disponibilização de biblioteca na escola.

Côrte & Bandeira (2011, p. 5) afirmam que, segundo pesquisa da Universidade de Denver, nos Estados Unidos, “estudantes de escolas que mantêm boas bibliotecas aprendem mais e obtêm melhores resultados em testes padronizados que estudantes de escolas com bibliotecas deficientes”. Também Moro *et al.* (2015, p.195) sublinham:

Numa era em que na educação se preconiza o desenvolvimento de competências para a aprendizagem ao longo da vida, num contexto de globalização, é importante refletir sobre as competências e as aprendizagens que interessam para o desenvolvimento das competências individual e coletivo do ser humano. Neste aspecto, as bibliotecas escolares surgem como espaços privilegiados para o desenvolvimento das competências já referidas, porém, com o seu trabalho na promoção de uma sociedade leitora, capaz de dominar as competências de buscar e usar as informações que se exigem nesta sociedade atual. A biblioteca escolar passa a ser entendida, na atualidade, por organizações e associações internacionais, estudos em nível internacional que atestam a sua ligação à aprendizagem e ao sucesso educativo dos alunos.

São afirmações que vêm confirmar a necessidade desse novo olhar para referir-se à BE com propriedade, mais específica, definindo-a com maior exatidão e isso só é possível com os resultados obtidos por meio de estudos sobre ela.

2.6 Estudos sobre as BE no Brasil

Exatamente com o propósito de percebermos as perspectivas que no Brasil já tinham sido desenvolvidas sobre o tema que percorremos no nosso estudo, realizamos uma pesquisa

na Base de Dados LIBES¹² e na internet. Optou-se pela identificação de estudos e pesquisas realizados no período de 2010 a 2016, por entendermos que com a instituição da lei 12.244, de 24 de maio de 2010, tenham acontecido mudanças de visão sobre a biblioteca escolar pelos profissionais da área de educação e biblioteconomia, podendo contar com novos argumentos, novas propostas ou novas respostas às questões que, antes dela, teriam eventualmente outro olhar.

Ainda neste recorte, foram consideradas as pesquisas e estudos voltados para o entendimento do que representa a BE, legislação sobre a BE, biblioteca escolar como espaço integrante da escola, biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, interação bibliotecário/professor/direção/equipe pedagógica ou outras abordagens, desde que entrelaçadas com as citadas, por serem abordagens de interesse da pesquisa em questão.

Levou-se em consideração o estudo realizado por Campello *et al.* (2013), que estabelece o “estado da arte da pesquisa sobre biblioteca escolar no Brasil”, embora contenha análises de pesquisas anteriores ao ano de 2010, oferece de maneira objetiva uma visão ampla do assunto, que contribui para o conhecimento e entendimento, inclusive, de antes da Lei 12.244/10 e, por apresentar estudos realizados até o ano de 2011, proporciona uma visão ampla do que vem sendo feito nesta área em nosso país.

Neste contexto, observamos que Campello *et al.* (2013) afirmam:

Ao longo dos 40 anos de existência da pós-graduação em Biblioteconomia/Ciência da Informação no Brasil, alguns levantamentos esporádicos revelam que, em termos numéricos, a produção de dissertações e teses sobre biblioteca escolar não foi significativa. No período de 1975 a 1998, Neves (2000) identificou 14 teses e dissertações sobre o tema, entre as 556 defendidas em cursos de mestrado e doutorado em biblioteconomia, ciência da informação e documentação, representando apenas 2,50% do total (p.125).

Ainda em Campello *et al.* (2013, p. 125), consta que o número de pesquisas publicadas subiu para noventa e uma (91) em 2011, o que significa que “há, portanto, um corpo de conhecimentos em expansão sobre biblioteca escolar que pode ajudar a entender melhor as questões que envolvem o tema e a sustentar uma prática baseada em evidências, levando a ações mais consistentes e duradouras” (p. 126).

¹² Base de Dados de Documentos sobre Biblioteca Escolar, produzidos no Brasil a partir da década de 1960, mantida pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: www.libes.eci.ufmg.br

O referido estudo é composto por análise documental de noventa e um relatos de pesquisa sobre biblioteca escolar no Brasil, incluindo teses, dissertações, artigos de periódicos e trabalhos de eventos, no período de 1975 a 2011, localizados pela base de dados LIBES e, desses, foram localizados setenta relatos, que formam o estudo (Campello *et al.*, 2013, p.127). Efetuando uma sistematização das temáticas dos estudos publicados, chegaram aos seguintes resultados:

1. Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, com onze estudos, que vão de 1975 a 2010;
2. Integração professor/bibliotecário, com oito estudos, entre 1984 e 2011;
3. Estudos de usos e usuários, com treze estudos, de 1982 a 2010;
4. Coleção, com seis estudos, de 1988 a 2004;
5. Leitura, com dezessete estudos, de 1980 a 2007;
6. Pesquisa escolar, com quinze estudos, de 1989 a 2010.

O estudo concluiu que:

Sintetizando a análise das seis categorias, pode-se dizer, em primeiro lugar, que existe entre os pesquisadores consciência da necessidade de se garantir o espaço da biblioteca na escola, considerando-se que ela pode contribuir para a aprendizagem.

O tradicional envolvimento da biblioteca escolar com a leitura reflete na quantidade de estudos desta categoria que é a mais numerosa (17 relatos). Por outro lado, a preocupação em entender melhor a questão da pesquisa escolar, categoria que vem em segundo lugar em número de relatos (15) demonstra que a área está buscando conhecimento para embasar sua ação educativa que se amplia para além da questão da leitura, e incorpora questões ligadas à competência informacional. (Campello *et al.* 2013, p.146).

Em novo estudo realizado por Campello (2015), intitulado “Bibliotecas escolares e biblioteconomia escolar no Brasil”, “com o objetivo de traçar uma síntese da situação das bibliotecas escolares no Brasil e das questões que afetam seu desenvolvimento”, constatou-se que, “atualmente, embora as diretrizes curriculares para a educação básica (Brasil, 1997) recomendem um ensino com base em teorias construtivistas e considerem a biblioteca escolar como recurso fundamental de aprendizagem, diversos estudos apontam para a precariedade da situação dessas instituições” (p. 2).

Neste estudo, Campello descreve a análise realizada em dezoito estudos feitos a partir de 1979, que confirmaram as frágeis condições das bibliotecas escolares e suas deficiências e afirma que “pode-se dizer, então, que a situação da biblioteca escolar no país ainda não foi equacionada” (Campello, 2015, p. 4).

Cita o documento “Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil” (MEC; Organização, 2011), resultado de um estudo desenvolvido pelo MEC e a Organização dos estados Ibero-Americanos, no ano de 2009. O estudo foi feito com duzentas escolas públicas, de ensino médio e/ou fundamental, da rede federal, estadual e municipal, das cinco regiões brasileiras – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul –, representadas pelos Estados do Acre, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro e Santa Catarina, respectivamente, com biblioteca ou sala de leitura.

Os resultados deste estudo corroboram com o que já era de conhecimento sobre o assunto, como nos mostra Campello (2015, p. 5 - 7):

- A falta de percepção de vínculo entre a biblioteca escolar e o projeto pedagógico da escola

Aponta a biblioteca como um “incômodo”, que ocupa um espaço que poderia ser disponibilizado para funcionamento de mais salas de aula, porém, na verdade, muitas bibliotecas que acabam perdendo seu espaço para ser transformadas em sala de aula. Aponta, ainda, a falta de entrosamento da comunidade escolar no planejamento das atividades da biblioteca, resultando em sua não inclusão no currículo.

Ainda, como visto em vários estudos, o professor vê a biblioteca como importante, mas não faz uso dela no desenvolvimento de suas atividades em sala de aula. A pessoa responsável pela biblioteca não interage com a comunidade escolar e muito menos com o trabalho pedagógico.

- A falta de profissionais especializados

A biblioteca conta com pessoal “improvisado” que, na maioria das vezes, são funcionários readaptados, sem treinamento específico, para desenvolver a função, que dividem seu tempo na biblioteca com outras atividades, ou vai para a sala de aula substituir algum docente, deixando a biblioteca fechada neste tempo.

É evidente a falta de bibliotecários graduados nas escolas, gerando consequências negativas, como por exemplo, a precariedade dos serviços oferecidos, horário de atendimento e, até mesmo, desativação do espaço.

- A precariedade do espaço físico

Muitas escolas afirmam possuir “o que chamam de” biblioteca, porém são espaços improvisados, precários, compartilhados com outras atividades desenvolvidas na escola ou em local construído para sala de aula, dificultando o recebimento de turmas ou grupos maiores, para realização de atividades.

- As características da coleção

O acervo é constituído, basicamente, por material de doação, principalmente, por livros enviados para os alunos, por meio de programas governamentais, como o PNBE e, mesmo assim, costumam deixá-los fechados em suas próprias embalagens ou trancá-los em armários; e por campanhas de doações realizadas pela escola. Há acervos que são constituídos por livros didáticos e muitas BE têm seus espaços ocupados com eles durante a sua distribuição. Em sua maioria, as bibliotecas não contam com recursos específicos para aquisição de material.

- A pobreza dos serviços oferecidos

São oferecidos, basicamente, os serviços de empréstimo domiciliar e consulta local, certamente por não contar com pessoal especializado, o que os leva a lidar somente com serviços rotineiros, que não demandam planejamento, nem envolvimento com o a comunidade escolar. Com isso, reforça a ideia que os alunos têm da BE, como sendo uma coleção de livros.

- A inadequação do tratamento técnico do acervo

O acervo, em geral, não segue norma padrão em sua organização, valendo-se de outros meios como, por exemplo, cores para cada área do conhecimento. Não costumam contar com sistemas informatizados e o controle de empréstimos é feito manualmente, por meio de fichas ou cadernos. Atualmente, algumas redes de bibliotecas estão começando a adquirir *softwares* especializados.

A falta de organização técnica leva a BE a ficar sob o domínio da pessoa responsável por ela, pois somente ela conhece o acervo, sabe localizar o material, tem controle sobre os empréstimos, entre outros, caracterizando organização pessoal.

- Possibilidade de acesso à internet

Não há dados consistentes sobre o acesso à internet nas bibliotecas. Alguns estudos indicam que equipamentos e tecnologias começam, sutilmente, a ter presença nas bibliotecas das escolas públicas.

Para Campello (2015, p. 9), a análise dos principais problemas que afetam as bibliotecas escolares brasileiras pode ser encerrada com os comentários que o próprio documento oficial apresenta:

Observa-se, no caminhar histórico da construção do espaço da biblioteca, que há convivência com um mundo sofisticado e acelerado pelas inovações tecnológicas e um outro que ainda não se apropriou do código da escrita e da leitura, traduzida nas próprias bibliotecas pela ausência de equipamentos e de tecnologias, em que o livro permanece como objeto primordial... (MEC; Organização, 2011).

De relevância sobre a BE no Brasil é, também, a pesquisa elaborada por Campello, Caldeira, Limas e Sousa, em 2016: “A universalização de bibliotecas nas escolas: reflexos da lei 12.244”. Segundo os autores, nesta pesquisa procurou-se “compreender as reações à promulgação da Lei nº 12.244/10”, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares até 2020 e “a identificar e analisar as manifestações” sobre elas, além de “sistematizar o conjunto de ideias colocadas pela sociedade em geral e pela classe bibliotecária em particular, que podem ajudar na condução de um debate mais efetivo que contribua para a aplicação da Lei nas escolas”.

Começam apontando que a Lei 12.244/10 é uma conquista da classe bibliotecária, que vinha denunciando a falta de BE e a precariedade das poucas existentes. O Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo (CRB-8) iniciou, nos anos 1990, uma campanha, posteriormente liderada pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)¹³, em 2008, com o Projeto Mobilizador Biblioteca Escolar: construção de uma rede de informação para o ensino público (CFB, 2008), com o intuito de levar à sociedade e às autoridades governamentais a imprescindibilidade de contar com bibliotecas em todas as escolas brasileiras, como contribuição para a melhoria da qualidade da educação, conforme evidências de diversos estudos nessa área, criando uma legislação que servisse de apoio para que isso pudesse se realizar.

¹³ Conselho Federal de Biblioteconomia/Conselhos Regionais de Biblioteconomia – CFB/CRB www.cfb.org.br

Esta Lei estabelece que a biblioteca escolar deve ter em seu acervo, no mínimo, um título para cada aluno, ficando sob a responsabilidade dos sistemas de ensino a ampliação do acervo de acordo com as suas peculiaridades, além da manutenção, organização, preservação e o funcionamento da BE. O prazo recomendado pela Lei para isso é de dez anos, ou seja, até 2020, e também estabelece que seja respeitada a profissão de bibliotecário, conforme Leis 4084/62 e 9.674/98.

Após análise dos textos que tratam do aspecto legal, considerado um número limitado – ao todo seis, os pesquisadores chegaram às seguintes considerações que a seguir citamos. Embora seja uma citação longa, consideramos que sistematiza elementos fundamentais para o presente trabalho, pelo que se justifica a sua inclusão:

Em primeiro lugar, percebe-se que a Lei não assume o conceito de biblioteca escolar aceito pela comunidade acadêmica e pelas organizações que se preocupam com o caráter educativo da biblioteca como espaço de aprendizagem. Deixa de revelar a riqueza do conhecimento biblioteconômico em relação à biblioteca escolar e suas especificidades e ignora o avanço das pesquisas já existentes sobre o tema, bem como as diretrizes de instituições como a UNESCO, a IFLA e, no Brasil, o Conselho Federal de Biblioteconomia. A presença do bibliotecário é a esperança de que as bibliotecas implantadas atinjam esse patamar, com o objetivo de contribuir para o processo de aprendizagem. Há uma preocupação dos autores em ressaltar a responsabilidade do bibliotecário para garantir a biblioteca como espaço de aprendizagem.

O acervo é o foco da lei, pois ela o dimensiona em termos de quantidade e diversidade. A definição de um título por aluno é positiva, pois significa que a coleção terá maior diversidade de obras, não sendo suficiente que haja muitos exemplares de um mesmo título. Indiretamente isso contribui para reforçar a noção de que o livro didático para uso do aluno não é material do acervo da biblioteca.

A responsabilidade pela ampliação, manutenção, preservação e organização é encaminhada para os sistemas locais. Entretanto, essa responsabilidade é pouco clara, não se prevendo recursos e nem punições em caso de seu não cumprimento.

Embora a análise não tenha chegado ao ponto de diferenciar a posição dos bibliotecários da de outros segmentos da sociedade, foi possível perceber nas postagens outras categorias de questionamentos não identificadas nos textos acadêmicos, todos de autoria de bibliotecários. Em primeiro lugar elas revelaram a profunda ligação que a sociedade faz da biblioteca com a leitura. Ela é vista como tendo um papel estratégico para aproximar crianças e jovens dos livros. (...)

O fato é que há uma clareza de que a Lei não pode servir apenas para garantir que haja uma biblioteca em cada escola; esses espaços precisam ser qualificados. Acredita-se que é a presença do bibliotecário que garantirá essa qualidade (pp. 54-56).

Ainda sobre biblioteca escolar, foi localizado o seguinte artigo: “Nos meandros das políticas públicas: a biblioteca escolar em (dis)curso”, de autoria de Ferrarezi e Sousa (2014), com o objetivo de “investigar como as bibliotecas escolares são discursivizadas no âmbito das políticas públicas brasileiras [...] chamando a atenção para a falta e o equívoco que perpassam o discurso bem como tais iniciativas e [...] também analisar a lei nº 12.244/2010”.

As autoras afirmam que a associação da biblioteca a “sentidos” de acervo e/ou mero espaço físico às iniciativas governamentais para criação de bibliotecas escolares, acontecem em função de distribuição de livros, com políticas restritas, respaldando somente doações, sem se importar com a maneira como será utilizada.

Sobre o acervo, neste artigo as autoras fazem as mesmas observações encontradas nos demais estudos e pesquisas analisados, quando falam sobre a precariedade, sendo poucos ou desinteressantes e que acabam nas estantes, sem saída.

Sobre a Lei 12.244/10, as autoras afirmam que seria ingenuidade pensar que ela seria “a garantia de uma solução derradeira para os problemas enfrentados pelas bibliotecas escolares brasileiras” (p. 80). Para as autoras, a referida lei não tem poder suficiente para garantir a universalização das bibliotecas escolares, com acesso igualitário para todos, não está voltada à “criação de verdadeiras bibliotecas”, pois são tratadas como sinônimo de acervo, experiência já comprovada por outras iniciativas que acabam na “inacessibilidade”, “inexistência” e “precariedade”. Além disso, não sugere como trabalhar com esse acervo na escola, nem a inclusão da biblioteca no projeto pedagógico ou orçamento da escola, somente da quantidade de obras.

Em relação ao espaço da BE, as autoras comentam os problemas de elas serem estabelecidas em salas de aula adaptadas, provisoriamente, o que contribui para que não consigam atuar plenamente e nem dar continuidade a seus trabalhos, podendo, a qualquer momento, serem desativadas, que sustentadas pelo poder público, dificulta a resolução de seus problemas. Além dos espaços improvisados, abordam a situação desses espaços, que muitas vezes são divididos com outros serviços ou com material inapropriados para estar na biblioteca. Denuncia que a promoção desse descaso, presente ainda em muitas escolas, acontece por parte do Estado e que, por sua vez, a instituição de ensino acaba fazendo da mesma forma.

Sobre a importância do profissional habilitado na BE, pontuam que a dificuldade de se contar com o profissional ser grande. O bibliotecário ainda não é reconhecido, não está incluso no quadro de servidores públicos, mesmo estando estabelecido na Lei 12.244. Relatam não ser raro ao invés do bibliotecário, sejam empregados professores readaptados, que são os com problemas de saúde, afastados de sala da aula, para onde retornarão logo após o tratamento. Tem, também, aqueles que estão aguardando a aposentadoria, outras oportunidades trabalho e os leigos, sem que a biblioteca seja respeitada pelos governantes,

que pode receber qualquer servidor sem capacitação para atuar nela, sem se importar com saúde ou plano de carreira, além da problemática de contar com bibliotecário sem reparo para atuar nesse tipo de biblioteca que tem suas peculiaridades, faz apelo no sentido de que bibliotecários, educadores e outros setores da sociedade cobrem dos governantes que reconheçam a necessidade de se investir em bibliotecas como devem ser, completas, equipadas e atuantes.

Outro estudo considerado relevante no contexto da nossa investigação foi realizado por Andrade & Machado (2014), com o seguinte título: “Uma intervenção pedagógica no contexto de uma biblioteca escolar: delineando caminhos para transformar um ambiente estático em espaço dinâmico”. Segundo os autores, “a análise teve como parâmetros os aspectos: arquitetônicos, biblioteconômico e pedagógico”.

Os autores comentam sobre o papel da biblioteca escolar na contemporaneidade como parte da sociedade da informação e do conhecimento, como espaço de promoção de aprendizagem e formação de indivíduo crítico/reflexivo. Relatam uma experiência que tiveram em uma biblioteca escolar de uma escola situada na cidade de Teresina (PI), Região Nordeste do País, considerando a biblioteca no contexto da sociedade do conhecimento, por meio de uma intervenção pedagógica, para transformá-la de um espaço pouco atrativo para motivador e atraente.

Após uma intervenção, os autores dizem que descreveram suas experiências para que sirva de referência para profissionais que se deparam com as mesmas situações e queiram fazer mudanças. Consideram ser apenas o início, base para formação de leitores e consolidar este ambiente ao projeto educativo da escola, reconhecendo se tratar de um caminho de muitas exigências ainda, considerando a pouca importância que gestores dão a estes espaços em nosso país. Veem como ponto importante o redirecionamento do olhar dos responsáveis por esses espaços nas escolas públicas. Ressaltam a importância da biblioteca não ser confundida com depósitos, de onde serão guardiões, nem com sala de aula, onde terão apenas a obrigação curricular. Finalizam, enfatizando a importância do profissional bibliotecário na biblioteca escolar, como capacitado para otimização na utilização do acervo.

Considerou-se também oportuno o estudo: “A voz de sujeitos readaptados em discurso: o lugar do bibliotecário”, de autoria de Bastos, Faustino, Almeida & Romão (2010). Nele os autores tratam de uma situação corriqueira presente nas bibliotecas escolares de todas as regiões do País, que é a presença do professor readaptado no espaço da BE, como

responsável por ela, situação que, como veremos, também acontece no contexto que analisamos.

As respostas obtidas ao questionário que aplicaram ficaram entre: encontra-se em lugar prazeroso, mágico, de importância vital, a local inadequado e deslocado. Entre as tantas situações, uma chamou muito a atenção, quando a respondente se colocou como uma professora readaptada devido a calos nas cordas vocais. Para os pesquisadores, essa é mais uma situação que configura a visão que os gestores escolares têm da biblioteca como lugar para onde vão os que não têm voz, ou, lugar de não uso da voz, colocado nesse lugar para se recuperar e descansar, lugar de marasmo, silêncio e sem diálogo. São casos em que, por não poder trabalhar na sala de aula, o sujeito encontra na biblioteca a opção de remanejamento por estar doente, velho e cansado. Para alguns readaptados, a biblioteca aparece como lugar pulsante, com características mágicas e únicas, para aprendizado, pesquisa, enquanto para outros aparece como um lugar de calvário e sofrimento, onde não conseguem se adaptar, o trabalho é estafante, sem prazer e sem realização pessoal.

Outra pesquisa destacada é de autoria de Albuquerque & Tesdesqui (2014), com o título: “Competências profissionais do bibliotecário escolar: reflexões a partir da lei 12.244/10”.

Nesta pesquisa, as autoras levantam questões referentes à “competência profissional do bibliotecário escolar, a fim de evidenciar sua importância neste local, incluindo como parte reflexiva a referida lei, sua relevância, importância e o que ela pode representar para a profissão” e em especial, analisam o Art. 3º. – Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nº 4084, de 30 de junho de 1962 e 9.674, de 25 de junho de 1998. Apontam a Biblioteca escolar como um “mercado informacional existente não ocupado”.

É citada a falta de bibliotecários e das bibliotecas escolares. Ressaltam a importância do profissional habilitado ocupando seu espaço na escola, como sinônimo de benefício à biblioteca escolar e à escola, pois “o Bibliotecário fazendo uso das suas competências deve saber orientar alunos em etapas de formação diferente e em contextos diferentes” (p. 120).

Abordam o fato da competência de atuação ser de responsabilidade pessoal do profissional bibliotecário, porém a precariedade das BE, segundo as autoras, deve-se à falta

de compromisso existente neste setor. Mencionam a Lei 12.244/10 como de grande importância para o bibliotecário, pois, “já que de pouco reconhecido, passa a ser mencionado como um dos itens indispensáveis para a aplicação total da lei” (p. 123).

Com a Lei, vem a organização de situações em conflito, que, no caso, é a falta de bibliotecas escolares e a garantia dos direitos dos indivíduos. Portanto, encontra-se na Lei o amparo para que se faça valer o que é de direito e assumam biblioteca e bibliotecário os seus lugares para que a BE funcione como suporte do ensino aprendizagem na escola, pois “o suporte Biblioteca deixa a desejar enquanto aparato funcional” e, perde-se mais ainda quando os Bibliotecários são substituídos por outros profissionais que assumem as bibliotecas das escolas (p.124).

Embora haja o entendimento de que a referida Lei vem ampliar o campo de trabalho do bibliotecário, entende-se, ainda, que o prazo de dez anos para que a ela seja atendida é apontado como ponto forte de reflexão, em função da falta desses profissionais, principalmente quando comparado ao número de escolas existentes em nosso País, porém, em seu Art. 3º está clara a valorização deste profissional na universalização da biblioteca na escola, que fez com que medidas venham sendo tomadas, como, por exemplo, em 2011, o convênio firmado entre o CFB/CRB com a Universidade aberta do Brasil (UAB CAPES/MEC), para a oferta do curso de Biblioteconomia, modalidade à distância, dando a oportunidade para alunos que vivem fora dos grandes centros, onde são normalmente oferecidos os cursos, pudessem também cursar (p. 126-127).

Outra questão relacionado à BE apontada neste estudo é o desafio para os estabelecimentos de Ensino Fundamental em construir 25 bibliotecas por dia, até 2020, prazo limite que determina a Lei.

Na análise dos dados, as autoras apresentam as situações vivenciadas pelas bibliotecas e pelos responsáveis diretos por elas. Ressaltam situações que demonstram, os “não” bibliotecários que, por estarem lotados nesses espaços, se posicionam no lugar destes, inclusive quando se trata de situações que exigem conhecimento mais específico da área. Alguns deles concordam com a necessidade de se ter o profissional habilitado na biblioteca da escola, por acreditarem ser de grande valia alguém que possa desenvolver atividades com competência e que, conseqüentemente, se estenderá a toda a comunidade escolar, enquanto outros responderam não acharem ser necessária, pois acreditam que o “bibliotecário (com

formação) não se encontra preparado pedagogicamente para trabalhar com a área educacional”. (p.140)

Além da necessidade de efetividade da Lei, é apontada a necessidade de fiscalização de seu cumprimento, para que o bibliotecário escolar consiga “mostrar a importância da sua profissão” e tenha o reconhecimento do profissional pela sociedade.

Incidindo também sobre a Lei 12.244/10, o artigo de Castro Filho e Coppola Junior (2012), apontava as potencialidades da referida lei para a valorização das bibliotecas escolares na região de Ribeirão Preto, cujo retrato fora já apresentado pelo mesmo Cláudio Marcondes de Castro Filho e Aline Nascimento em 2007, num artigo intitulado “Retrato das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de Ribeirão Preto – SP”, que segue uma abordagem semelhante à do nosso trabalho. Nesse “retrato” ficam evidentes as debilidades existentes nas escolas da região, em relação à existência de bibliotecas escolares, concluindo os autores que

Desta forma, fica evidente que a biblioteca escolar brasileira ainda não mereceu o seu lugar no sistema educativo brasileiro, o que é muito grave, pois o mesmo enquanto não contar com instrumentos auxiliares como é o caso da biblioteca escolar, dificilmente deixará de estar no ranking dos piores do mundo. (s.n.)

Passados dez anos sobre este estudo e sete sobre a lei que abriu novas perspectivas para as bibliotecas escolares no Brasil, verificamos que muita coisa ainda está por concretizar.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Objetivos do estudo empírico

Retomamos neste capítulo de contextualização os objetivos que enunciámos na introdução ao nosso trabalho. A partir destes elementos, determinámos em seguida as formas mais adequadas para recolher os dados pretendidos, tendo igualmente em consideração o enquadramento conceitual efetuado na parte I.

Objetivos específicos:

- Analisar as concepções e conhecimentos sobre a BE, por parte de alguns atores, direta ou indiretamente envolvidos com ela, tais como: Secretário Municipal de Educação, Servidor da Secretaria Municipal de Educação, responsável pela equipe pedagógica que atende as escolas, gestores, responsáveis pela equipe pedagógica da escola, servidor que atua na biblioteca da escola;
- Analisar como estão estruturadas e organizadas as Bibliotecas das Escolas Públicas Municipais de Ensino Fundamental no perímetro urbano, do município de Ji-Paraná/RO;
- Analisar a articulação entre a biblioteca e a escola;
- Analisar a articulação entre a biblioteca e equipe pedagógica;
- Analisar a articulação entre a BE e a Secretaria Municipal de Educação.

1.2 O contexto do estudo: o município de Ji-Paraná

Esta pesquisa se deu nas escolas municipais de Ensino Fundamental do município de Ji-Paraná, que está situado na Mesorregião Leste do estado de Rondônia (cf. IBGE¹⁴), Brasil, a 318 km da capital Porto Velho. Possui área de 6.897Km². O topônimo vem do Rio Ji-Paraná, hoje conhecido como Rio Machado.

Para melhor se compreender o contexto, apresentamos um pouco de sua história, conforme dados disponíveis no sítio de sua Prefeitura¹⁵.

Foi elevado à categoria de município com a denominação de Ji-Paraná pela Lei Federal n.º 6.448, de 11/10/1977, desmembrado do município de Porto Velho. Sede no atual distrito de Ji-Paraná (ex-Rondônia). Em divisão territorial datada de 01/01/1979, o município era, até então, constituído de três distritos: Ji-Paraná, Ouro Preto e Presidente Médici.

Pela Lei n.º 6.921, de 16/06/1981, desmembraram-se do município de Ji-Paraná os distritos de Presidente Médici e Ouro Preto, elevando-os à categoria de município, sendo que Ouro Preto passou a ser denominado de Ouro Preto d'Oeste.

Em divisão territorial datada de 01/07/1983, o município é constituído do distrito sede, assim permanecendo nesta divisão territorial datada de 2007.

Segundo o IBGE, em relação à população, o município tinha 116.610 habitantes no último Censo em 2010 e, segundo o mesmo Instituto, a população estimada em 2016 é de 131.560 habitantes. Isso coloca o município na 2ª posição entre os outros 52 do mesmo estado. Em comparação com outros municípios do Brasil, fica na 226ª posição, dentre 5.570. Sua densidade demográfica é de 16.91 habitantes por quilômetro quadrado, colocando-o na 6ª posição entre os 52 do mesmo estado. Quando comparado com outros municípios no Brasil, fica na 3.575ª posição, de 5.570.

Em relação à educação, o número total de matrículas no Ensino Fundamental em 2015 foi de 19.602 alunos. Em 2015, os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública do município tiveram nota média 6 no INEP/IDEB¹⁶. Para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, essa nota foi de 4,1. Na comparação com municípios do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava este município na posição 6 de

¹⁴Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ro/ji-parana/panorama>

¹⁵ Prefeitura Municipal <http://www.ji-parana.ro.gov.br>

¹⁶ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Índice de Desenvolvimento da Educação Básica www.ideb.inep.gov.br

52. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 29 de 52. Isso posicionava o município na posição 28 de 52, dentre os municípios do estado e na posição 4.099, de 5.570 dentre os municípios do Brasil, conforme dados disponibilizados pelo IBGE.

Segundo a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), sob a responsabilidade do município estão trinta e duas escolas, abrangendo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Destas, vinte e duas estão no perímetro urbano, sendo que treze oferecem somente a Educação Infantil, cinco oferecem somente o Ensino Fundamental e quatro oferecem Ensino Fundamental e Educação Infantil. Portanto, somando as escolas que oferecem Ensino Fundamental, obtém-se um número total de nove. Das nove, seis foram apontadas como tendo biblioteca escolar e, portanto, são as que se enquadraram nos objetivos desta pesquisa.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização do estudo

Entendendo a BE como espaço integrante e participativo da escola, esta pesquisa tem como foco compreender a atual situação das bibliotecas das escolas municipais de Ji-Paraná/RO, Brasil, sob o enfoque dado pelos envolvidos, considerando seus conceitos e conhecimentos sobre ela, dos seus normativos e legislação vigentes.

Entendendo, também, que essa ação só será possível por meio de investigação sistematizada, procurou-se definir a metodologia, método e etapas para este trabalho.

Para tanto, optou-se por uma abordagem qualitativa que, para Bogdan & Biklen (1994), significa que os dados recolhidos são:

ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural (p. 16).

Para Silva & Menezes (2005), na pesquisa qualitativa:

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave (p. 20).

Segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 48), “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”. Da mesma forma, Silva & Menezes (2005, p. 20) dizem que “neste sentido, destaca-se a importância do papel do pesquisador”. Ainda em Bogdan & Biklen (1994), vemos que na investigação qualitativa:

a preocupação central não é a de saber se os resultados são suscetíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou informar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando (p. 50).

A investigação qualitativa é descritiva: “Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Os procedimentos metodológicos desta pesquisa partem, pois, da abordagem qualitativa, objetivando compreender o processo de entendimento, conhecimento e construção da concepção acerca da biblioteca escolar nas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental, do município de Ji-Paraná, pelos sujeitos que dela participam.

Como método, optou-se pela análise de conteúdo, por ser um método muito utilizado na análise de dados qualitativos, visto como um conjunto de técnicas de pesquisa, cujo objetivo é a busca do sentido de um documento (Campos, 2004, p. 611).

Em Bardin (2016, p. 27) consta que “na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração”. De acordo com o mesmo autor,

a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...] esses saberes deduzidos dos conteúdos podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, econômica [...] a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (idem, p. 44).

Para uma análise reflexiva, de maneira lógica, foi necessário se valer de técnica que permitisse não só “compreender o sentido da comunicação (como se fosse um receptor normal), mas também, e principalmente, desviar o olhar para outra significação, outra mensagem entrevista por meio ou ao lado da mensagem primeira” (Bardin, 2016, p. 47).

Para este estudo foi necessário apreender que “a leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura ‘à letra’, mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano” (Bardin, 2016, p. 47).

Dentre as diversas técnicas existentes na análise de conteúdo, para esta pesquisa, escolheu-se a categorização, que para Bardin (2016):

é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. (p. 147)

Além de enquadrar nesta pesquisa, segundo Bardin (2016, p. 201), “cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.”

Portanto, os dados coletados foram interpretados por meio da técnica de análise de conteúdo, organizando-os em categorias.

2.2 Instrumentos utilizados

Para analisar a atual situação da biblioteca escolar na rede municipal de ensino do município de Ji-Paraná/RO, optou-se investigar: a concepção que têm da BE os sujeitos com ela envolvidos, sua articulação com a Secretaria Municipal de Educação e com a escola, sua estrutura e organização, tanto física quanto organizacional, *in loco*.

Para isso, optou-se pela coleta de dados por meio de instrumentos compatíveis com a proposta: a) entrevistas, b) questionários e c) análise documental.

a) A entrevista foi realizada com todos os sujeitos envolvidos, tanto na primeira, quanto na segunda fase, objetivando obter a caracterização do entrevistado, papel e função das respectivas instituições diante da BE e suas perspectivas a respeito dela (cf anexos). Além dessas informações, para a primeira fase estava previsto detectar o número de escolas com BE, porém, fez-se necessária complementação conforme relatado anteriormente.

Para Minayo (2002, p. 26), “a entrevista é uma das técnicas muito presentes na etapa da coleta de dados da pesquisa qualitativa. Ela tem como objetivo buscar informações ‘fala’ dos sujeitos a serem ouvidos, ou entrevistados”. Segundo Bogdan & Biklen(1994), as entrevistas

podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (p. 134).

Ainda de entre os tipos de entrevistas, optou-se pela semiestruturada, seguindo uma matriz comum para um grupo de entrevistados: diretor (cf. Anexo 1), responsável pela equipe pedagógica (cf. Anexo 2) e responsável pela biblioteca (cf. Anexo 3), e ligeiras variações para a entrevista à Secretaria Municipal de Educação (cf. Anexo 4). Em relação à entrevista semiestruturada, que, segundo Triviños (1989, p. 146), é

aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em várias hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa.

b) O questionário utilizado na segunda etapa contemplou os sujeitos das seis escolas envolvidas, ou seja: diretor, responsável pela equipe pedagógica e responsável pela biblioteca, com o objetivo de obter e cruzar informações sobre a caracterização da escola, como número de servidores, se a BE está incorporada em seu PPP, regimento interno e caracterização da biblioteca, espaço físico, acervo, pessoal, horário de funcionamento e se conhecem os normativos referentes à BE, apenas com respostas objetivas.

Tratou-se de um questionário bastante simples (cf Anexo 5), apenas indagando sobre dados de caracterização da biblioteca. Estes dados foram complementados pelas entrevistas que os mesmos participantes concederam à investigadora.

Triviños (1987) afirma existir três tipos de questionários: fechado, aberto e misto. Para esta pesquisa foi utilizado o do tipo misto ou semiaberto, que tem na sua elaboração um misto de questões abertas e fechadas.

A opção pelo questionário misto ou semiaberto se deu pela necessidade de esclarecimentos sobre a origem de repasses de verba para atualização de acervo e sobre como os gestores veem a falta do bibliotecário na escola. A aplicação do questionário foi no intuito de otimizar o tempo das entrevistas, tornando-as menos fatigantes.

c) Para a análise documental, utilizou-se o Regimento Interno, o Projeto Político Pedagógico e o Plano de Ação das escolas contempladas para este estudo, para averiguar se e como é abordada a biblioteca escolar nestes documentos.

De acordo com Alves-Mazzotti & Gewandsznajedr (2001), documento é “qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação” (p. 169). Para Bell (1993

citado em Calado & Ferreira, 2005, p. 2), a análise de documentos seguida na maioria das investigações educacionais, pode “servir para complementar a informação obtida por outros métodos, esperando encontrar-se nos documentos informações úteis para o objeto em estudo”.

Em Tozzoni-Reis, (s. d., p. 31) consta que “decompondo o texto documental [...] em partes constituintes, o pesquisador procederá, então, a um estudo aprofundado dessas partes, buscando, para isso, informações do contexto e do texto, como forma de compreender o exposto e o oculto”.

2.3 Fases e procedimentos no estudo empírico

Inicialmente, investigou-se, por meio da internet, se outros estudos haviam sido desenvolvidos junto às bibliotecas escolares do município de Ji-Paraná e nada foi identificado, portanto, esta, possivelmente, se constitui como a primeira pesquisa realizada neste âmbito.

Esta pesquisa foi elaborada em duas fases: a primeira, com visita à Secretaria Municipal de Educação e a segunda com visitas às escolas.

Na primeira fase para entrevistar a Secretária Municipal e a responsável pela equipe pedagógica que, neste caso, segundo informação da própria Secretaria, é a Superintendente de Ensino do Município, com o objetivo de detectar:

(a) **O perfil das bibliotecas:** 1) o número de escolas de Ensino Fundamental existentes na área urbana e destas, quantas possuem biblioteca e 2) a caracterização e situação destas bibliotecas;

(b) **Papel da Secretaria e da equipe pedagógica em relação a elas:** quais as ações da Secretaria Municipal e da equipe pedagógica em relação a essas bibliotecas, as intervenções em nível físico e formativo; e

(c) **Perspectivas sobre as BE:** identificar o conhecimento e as práticas, em relação aos normativos existentes, e as concepções sobre o papel da BE.

Para esta etapa, realizada em setembro de 2016, por meio de entrevistas, contava-se com a participação de dois sujeitos, porém foi possível entrevistar apenas um, que foi a Superintendente de Ensino do município. Segundo o pessoal de apoio, a Secretária Municipal de Educação não teria agenda disponível em nenhuma das tentativas, em função de problemas particulares ou de trabalho. Lamentamos este fato, por se tratar de um tema de relevância dentro do processo educacional pouco explorado, sendo um momento oportuno para discussão, por envolver e poder ouvir os mais diversos atores educacionais sobre um campo que necessita muito de apoio dos órgãos governamentais, principalmente dos diretamente ligados à educação, para tomada de decisões e elaboração de políticas públicas, ações essas necessárias neste setor, conforme pôde-se constatar no referencial teórico apresentado, o que inclui o cumprimento da Lei 12.224/10 até o ano de 2020.

Na entrevista, a Superintendente citou que três das escolas urbanas possuíam somente salas de leitura, que biblioteca escolar com estrutura adequada, nenhuma possuía e que “algumas se aproximam de uma estrutura adequada”.

Embora tenha afirmado desde o início da entrevista que as escolas não têm BE, e sim salas de leitura, foi possível denotar a falta de controle ou de conhecimento da Secretaria do número de escolas com algum espaço, como se apresentam, mesmo não se tratando de BE, como apontado, mas de sala de leitura.

A ideia inicial para esta primeira etapa era de saber o número de escolas com BE, levantado na Secretaria Municipal, mas percebeu-se a necessidade de uma complementação, pois, ao observar a relação das escolas com seus respectivos endereços, se avistou a possibilidade de mais um direcionamento (fonte) para obtenção da informação sobre a escola possuir biblioteca ou não, antes de sair a campo. Com esses novos dados, foi possível entrar em contato, via telefone, com cada uma das escolas de Ensino Fundamental do perímetro urbano e perguntar se possuía biblioteca. Nessa comunicação, mais três escolas indicaram, ao telefone, possuírem biblioteca. Decidiu-se, então, que as seis seriam incluídas na pesquisa.

Passou-se, então, à segunda fase, agendando as visitas nas seis escolas para realização das entrevistas e aplicação de questionários ao diretor, ao responsável pela equipe pedagógica, e à pessoa responsável pela biblioteca/sala de leitura na escola, bem como a análise documental, realizadas entre setembro e dezembro de 2016.

Após cumprimento deste item do cronograma, já com os instrumentos de coleta em mãos, fez-se leitura e releitura dos mesmos, para entendimento e posicionamento das categorias a serem definidas, conforme método já descrito neste trabalho.

Um fato relevante referente ao Regimento Interno, o Projeto Político Pedagógico e o Plano de Ação é que nos questionários eles são citados como existentes, mas metade das escolas visitadas não os disponibilizaram, alegando estarem em atualização ou construção; duas cederam parte deles; e uma disponibilizou todos os três.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para melhor compreensão da análise dos dados, determinou-se que para as instituições e os sujeitos colaboradores será atribuída uma codificação, visando, assim, a preservar suas identidades, da seguinte maneira:

- letra E, para escola, seguida de um número, do 1 (um) ao 6 (seis), correspondendo ao número de escolas participantes, portanto: E1, E2, E3, E4, E5 e E6;
- letra D, para o Diretor;
- letra P, para o Responsável pela equipe pedagógica;
- letra B, para o responsável pela biblioteca.

À Secretaria Municipal de Educação, representada pela Superintendente de ensino, será atribuída a sigla S.

Quando for necessário indicar o sujeito da instituição a que está relacionado, será feita a junção do código da escola à do sujeito.

Como a delimitação do universo da pesquisa ficou vinculada às escolas de Ensino Fundamental da área urbana com BE, e como a proposta era contar com a participação do diretor, do responsável pela equipe pedagógica e de um responsável pela BE, portanto, três sujeitos de cada escola, teremos, ao final, um total de dezoito entrevistados, que somados à Secretária Municipal de Educação e à Superintendente, totalizaria vinte participantes. Porém a Secretária de Educação, por motivos já expostos, não participou; e nas escolas, por falta de pessoal ocupando todas as funções, o resultado da participação foi o seguinte:

Quadro 1: Participação dos sujeitos por escola.

Escola	(D)	(P)	(B)	Total:
E1	X	-	-	1
E2	X	X	-	2
E3	X	X	-	2
E4	X	-	-	1
E5	X	-	-	1
E6	X	X	X	3
Total:	6	3	1	10

Com os dez participantes das escolas, somados a um participante da Secretaria de Educação, totalizou onze participantes da pesquisa, que fizeram parte das entrevistas e responderam aos questionários.

Quanto à disponibilização dos documentos solicitados para análise – Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno (RI) e Plano de Ação (PA), a fim de se verificar como é tratada a inclusão da biblioteca, o resultado foi o seguinte:

Quadro 2: Documentos disponibilizados pelas escolas

Escola	RI	PPP	PA
E1	X	X	-
E2	-	-	-
E3	-	-	-
E4	-	-	-
E5	X	X	X
E6	X	-	-

Como é possível ver no quadro, a maioria das escolas não disponibilizou os documentos solicitados.

Para a análise dos dados, considerou-se as orientações de Minayo (2010), segundo o qual as opiniões dos informantes são apresentadas da maneira mais fiel possível, como se os dados falassem por si próprios; na análise, o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre partes que foram decompostas e, por último, na interpretação – que pode ser feita após a análise ou após a descrição – busca-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado.

Ainda em Minayo (2010), nesta fase “é de fundamental importância ser capaz de ir além das falas e dos fatos ou, em outras palavras, caminhar na direção do que está explícito para o que é implícito, do revelado para o velado, do texto para o subtexto”.

3.1 Questionário - Caracterização das bibliotecas/salas de leitura

As seis escolas estudadas, por terem sido indicadas como tendo biblioteca, são escolas de Ensino Fundamental, sendo quatro delas trabalhando com os anos iniciais, no

turno diurno, uma em período integral, e duas, além dos anos iniciais em turno diurno, com a EJA¹⁷ – Ensino Fundamental supletivo, no período noturno.

Atendem aproximadamente 2.776 alunos que vão de 06 a 65 anos de idade. Estas escolas contam com 108 docentes e 119 técnicos administrativos. Nem todas dispõem de pessoal em todos os setores, acontecendo, por vezes, de o diretor precisar desempenhar mais de uma função. A falta de pessoal suficiente é apontada como um dos fatores responsáveis por não contarem com servidor atuando na BE/ Salas de Leitura.

Apresentamos, em seguida, os dados obtidos por meio do questionário aplicado, que nos permite ter uma perspectiva global da situação nas seis escolas identificadas inicialmente como tendo biblioteca escolar, condição para ser integrada no nosso estudo.

Decidimos incluir também nesta parte as palavras da Superintendente de ensino da Secretaria Municipal de Educação (SME), que na entrevista foi questionada sobre algumas características das bibliotecas escolares do Município, para se articular a sua visão institucional com as respostas das próprias escolas. Sintomático da situação que vamos encontrar, é logo o facto de que quando questionada inicialmente sobre as escolas possuírem biblioteca, ela respondeu: “Não. As escolas, elas têm salas de leitura. Biblioteca escolar, na verdade nenhuma tem, com livros catalogados, com estrutura adequada com a biblioteca escolar, nenhuma. Algumas se aproximam de uma estrutura adequada”.

É, portanto, este o panorama geral, tal como é entendido visão de um responsável institucional. Os elementos fornecidos pela SME devem, assim, ter em consideração este enquadramento.

Nesta parte do questionário foram elaboradas perguntas relativas às bibliotecas das escolas contempladas para esta pesquisa, tais como: espaço físico, acervo, pessoal, institucionalização e horário de funcionamento da BE, tomando como referência o documento “Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares”, do GEBE, adotado pelo CFB, por meio da Resolução 119/2011, e considerando o que nele consta ser um “instrumento de avaliação e planejamento [...] para permitir que a comunidade escolar elabore um retrato de sua biblioteca”.

As respostas da Secretaria Municipal de Educação sobre o assunto provêm da entrevista, uma vez que não fora aplicado um questionário na primeira fase, e virão sempre

¹⁷ EJA – Educação de Jovens e Adultos.

em primeiro lugar, para que se possa ter primeiro a visão institucional em relação a todas as BE, e logo após virão as respostas das escolas, estas sim, providas do questionário, com a identificação das respectivas funções dos respondentes, de acordo com codificação realizada e já apontada anteriormente.

Quadro 3: Caracterização das BE – espaço físico

Respondente	Espaço físico
S	<p>As bibliotecas escolares estão em espaço próprio. "Sim [...]. As instituições que têm acervo maior estão com espaço adequado... [...]estamos adequando, né? Com prateleiras adequadas" (S).</p> <p>OBS: <i>in loco</i>, observa-se que as escolas não possuem espaço próprio. As que têm BE/Sala de Leitura, as salas não são próprias. Algumas delas funcionam juntamente com outros serviços. As prateleiras e mobiliário, em sua maioria, são improvisados. E é totalmente improvisado.</p>
E1D	<p>A biblioteca está instalada em espaço próprio. Não é acessível a mais de uma sala por vez. Possui aproximadamente 30m². Possui 15 assentos. Não conta com ambiente para execução de serviços técnicos administrativos e divide a sala onde funciona o laboratório de informática (E1D)</p> <p>OBS: <i>in loco</i>, observa-se que a sala, além de pequena, é dividida com o laboratório de informática, formando um corredor estreito. As estantes estão encostadas na parede e abrigam livros didáticos, com vários exemplares de um só título e os de literatura que estão em caixas de papelão. No corredor formado, fica uma mesa com as cadeiras.</p>
E2D E2P	<p>A biblioteca está instalada em espaço próprio (E2D) e (E2P).</p> <p>É acessível a mais de uma classe por vez (E2D). Não é acessível a mais de uma classe por vez (E2P).</p> <p>Não soube informar a metragem (E2D) e (E2P).</p> <p>Possui 40 assentos (E2D) e (E2P).</p> <p>Conta com ambientes para execução de serviços técnicos e administrativos (E2D). Não conta com ambiente para execução de serviços técnicos e administrativos (E2P).</p> <p>Não possui algum outro ambiente (E2D) e (E2P).</p> <p>OBS: <i>in loco</i>, observa-se que conta somente com uma sala. O espaço próprio a que se refere é porque ali só funciona a BE, em uma sala de aula adaptada, sem ambiente para serviços técnicos e administrativos. Sua disposição, organização e atividades oferecidas remete a uma Sala de Leitura, o que, dentro de uma BE, seria mais um entre os outros ambientes de serviços que ela pode oferecer, como um lugar atraente para despertar na criança um conjunto de reações positivas face à leitura. Possui bancos para assentos, estantes, brinquedos e tapete coloridos, em um ambiente atrativo. As estantes são descontínuas e fixadas nas paredes.</p>
E3D E3P	<p>A biblioteca está instalada em espaço próprio (E3D) e (E3P). Não é acessível a mais de uma classe por vez (E3D) e (E3P).</p> <p>Possui 35m² (E3D) e (E3P). Possui 58 assentos (E3D) e (E3P).</p>

	<p>Não conta com ambiente para execução de serviços técnicos e administrativos (E3D) e (E3P). Não possui algum outro ambiente (E3D) e (E3P).</p> <p>OBS: <i>in loco</i>, o espaço é uma sala improvisada, em que a BE divide espaço com as aulas de artes e recreação. As estantes são tipo expositores, as mesas e cadeiras são baixas, próprias para a faixa etária. O espaço está dividido por uma dessas estantes e, de um lado, fica o acervo bibliográfico e telas produzidas nas aulas de arte nas estantes, as mesas e cadeiras; do outro, espaço para as aulas de recreação.</p>
E4D	<p>A biblioteca está instalada em espaço próprio. Não é acessível a mais de uma classe por vez. Possui 35m². Possui 04 bancos e 12 mesas. Conta com ambiente para execução de serviços técnicos e administrativos. Não respondeu se possui algum outro ambiente (E4D).</p> <p>OBS: <i>in loco</i>, o espaço verificado era uma sala de aula improvisada, onde ocorriam as aulas de reforço, mas que, atualmente, atende uma turma da Educação Infantil. Numa segunda visita, verificamos que o pequeno acervo foi colocado em estantes improvisadas em outra sala, junto a alguns computadores. Não há mesas e cadeiras e é chamada de Sala de Leitura.</p>
E5D	<p>A biblioteca não está instalada em espaço próprio. Não é acessível a mais de uma classe por vez. Para a metragem do espaço respondeu: não possui. Para o número de assentos, respondeu: não possui. Ambiente para execução de serviços técnicos e administrativos, respondeu não contar. Algum outro ambiente, respondeu não possuir (E5D).</p> <p>OBS: Na entrevista o diretor informou ter cedido a sala para novas turmas e sala de mídia, ficando sem a Sala de Leitura/BE, por isso as respostas foram negativas para todas as perguntas, embora a BE esteja citada nos três documentos disponibilizados pela escola.</p>
E6 E6P E6B	<p>A biblioteca está instalada em espaço próprio (E6D), (E6P) e (E6B).</p> <p>Não é acessível a mais de uma classe por vez (E6D), (E6P) e (E6B).</p> <p>Possui 48m² (E6D) e (E6P). Para a metragem, respondeu: não sei (E6B).</p> <p>Possui 24 assentos (E6D). Possui 48 assentos (E6P) e (E6B).</p> <p>Conta com ambiente para execução de serviços técnicos administrativos (E6D). Não conta com ambientes para execução de serviços técnicos administrativos (E6P) e (E6B).</p> <p>Não possui algum outro ambiente (E6D), (E6P) e (E6B).</p> <p>OBS: <i>in loco</i>, observa-se que conta somente com uma sala. O espaço próprio a que se refere é porque nele só funciona a BE. É uma sala improvisada, com estantes encostadas na parede, armário antigo em aço, encostados um no outro, por todas as paredes. Ao centro, mesas baixas com cadeiras, um espaço cheio de mobiliário e acervo que, segundo E6P e E6B, e pelo que pode ser visto, desatualizado e apertado, com livros didáticos do PNLD empilhados sobre algumas dessas mesas e uma mesa maior para a pessoa que atua na BE, de costas, ao lado, mas bem próxima à entrada.</p>

Pelo que pode ser analisado, são apontados encontros e desencontros nas respostas entre os sujeitos da mesma escola tanto ao que têm disponível como espaços da BE/Sala de Leitura, quanto pelo que foi informado nos questionários e o que pôde ser observado *in loco*. Algumas vezes, talvez por falta de conhecimento do que seja um espaço constituído para o

funcionamento adequado da BE, ou ainda por não saber o que seja realmente a BE, as respostas nos induzem a crer que existe certo equilíbrio com o que nos orienta o documento Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas escolares e, atualmente, com o documento complementar 1: espaço físico. Porém, em visita aos locais pesquisados, verifica-se que não é assim. As BEs estão instaladas em espaços improvisados, por vezes divididos com outros serviços, com mobiliário não adequado e, em alguns casos, sujeitos a se tornarem sala de aula novamente, fato constatado em E4 e E5, confirmando o que nos apresenta Maroto (2012),

Pode-se constatar que a grande maioria das escolas de educação básica não dispõe de espaço adequado para instalação da biblioteca escolar [...] Muitas escolas públicas, ainda hoje, subestimam ou “ignoram” a importância que os recursos bibliográficos e outras fontes de informação disponíveis na biblioteca escolar representam para o processo ensino-aprendizagem. Por esse motivo, estão frequentemente desativando esse espaço, quando existe, para dar lugar a uma sala de aula ou para desenvolver outras atividades consideradas mais relevantes [...] e são responsáveis por inúmeros entraves na conquista pelo espaço de exercício da cidadania, e de “direito” das classes populares menos favorecidas, em especial, da comunidade de leitores oriundos da educação básica (pp.61- 63).

Dentre as escolas visitadas, E2 tem um espaço físico atraente pela disposição e tipo do mobiliário, constituição do acervo e apresentação, porém, pelo seu *layout*, caracteriza-se como uma Sala de Leitura. As demais, seja pela organização, pelo acervo, pelo layout ou por todos esses itens, não se enquadram nem em BE e nem em Sala de Leitura, embora todas, ao se reportar ao espaço, ora o denominam BE, ora Sala de Leitura. Em E1 encontramos um espaço totalmente improvisado em todos os aspectos. Em E3 o espaço é também improvisado, dividido com sala de aula, porém, mantém cadeiras, mesas e estantes mais adequados à faixa etária a que atendem. E4 e E5 cederam o espaço para sala de aula e em E6 o espaço é improvisado, mas funcionando somente a BE/Sala de Leitura nele.

Para Caldeira (2008, p. 48),

A preocupação em oferecer ambiente acolhedor, de forma a reforçar o prazer de ler, levou à criação, nas bibliotecas, de espaços aconchegantes, visando especialmente a atrair crianças menores que se encontram em idade de descobrir o gosto pelas histórias contadas ou lidas por adultos. Tapetes, almofadas, móveis coloridos, decoração alegre formam ambientes descontraídos que, cercados de muitos livros bem selecionados, de fácil acesso e expostos de forma atraente, sem dúvida contribuem para despertar e manter comportamento positivo da criança em relação à leitura (aqui está a descrição da Sala de Leitura como um dos ambientes de serviços entre os tantos outros que a BE pode oferecer)¹⁸

¹⁸ Grifo nosso

E continua:

O planejamento do espaço da biblioteca deve ser feito em função do acervo e do uso que se pretende dele fazer. Além das salas para abrigar o acervo geral, a coleção de referência e a de periódicos, devem ser previstas salas para estudo individual e de grupos, locais específicos para uso de equipamentos, lugar separado para a coleção infantil para atividades com as crianças menores, além de sala de projeções. Tal espaço facilitará o planejamento e desenvolvimento do programa da biblioteca.

Portanto, a realidade física nas escolas analisadas está longe dos parâmetros apontados e das orientações que vários autores sugerem.

Quadro 4: Caracterização das BE – acervo

Respondente	Categoria - Acervo
S	“Esse trabalho é feito articulado com as escolas, por exemplo, nesta gestão (eu não posso responder pelas anteriores), foi feita a maior aquisição de acervo bibliográfico que as escolas já receberam, porque nós temos escolas que o gestor, pelo recurso que ele recebe e pelo trabalho que é feito junto às APPs ¹⁹ , eles conseguiram também mais particular, da instituição [...]. Só que nós fazemos essa articulação, a escola nos informa as necessidades. Nas formações que temos tem o momento de avaliação e de registro das necessidades das instituições, então com base nesse registro nós fomos fazendo as aquisições que foram possíveis.”
E1D	A biblioteca não conta com recursos financeiros destinados pela escola para formação de acervo. Os recursos são provenientes do MEC, Programa Mais Educação e PDDE. Não conta com um número de livros compatível ao número de alunos, conforme Lei 12.244/10. O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação. Não conta com revistas ou outros materiais impressos. O acervo é organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez. O catálogo está organizado em caixas. O catálogo da biblioteca não é informatizado. Conta com oito computadores conectados à internet. O número não é suficiente para atender uma sala de uma só vez (E1D). Obs: <i>in loco</i> , foi possível notar que conta com um acervo mínimo, composto, em sua maioria, pelos livros didáticos enviados à escola pelo PNLD, com vários exemplares de um mesmo volume, colocados nas estantes, apertados e sem política de organização. O arranjo para dar agilidade à localização se refere aos livros infanto-juvenis e alguns para os professores, que estão dispostos em caixas de papelão encapadas, com indicação de série, ou que são para os professores. Não possui organização sistematizada. Os computadores aos quais se refere são do laboratório de informática, que dividem espaço com a sala onde estão os livros.
E2D E2P	A biblioteca conta com a média de dois mil reais mensais, destinados pela escola, para formação de acervo (E2D). A biblioteca conta com recurso destinado pela escola para formação do acervo. Cita o PDDE (E2P).

¹⁹ Associação de Pais e Professores (Grifo nosso). Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/38680/perguntas-e-respostas-o-que-e-e-como-funciona-uma-associacao-de-pais-e-mestres/>

	<p>A biblioteca conta com um número de acervo de livros compatível ao número de alunos, conforme Lei 12.244/10 (E2D). A biblioteca não conta com um número de acervo de livros compatível ao número de alunos, conforme Lei 12.244/10. (E2P).</p> <p>O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação (E2D) e (E2P).</p> <p>Não conta com revistas e outros materiais não impressos (E2D) e (E2P).</p> <p>O acervo é organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez (E2D) e (E2P).</p> <p>O catálogo está organizado com fichas nos livros (E2D). O catálogo está organizado por autor e título (E2P).</p> <p>O catálogo não é informatizado (E2D) e (E2P).</p> <p>Não conta com computadores (E2D) e (E2P).</p> <p>Obs.: <i>In loco</i>, o acervo é composto em sua maioria por livros de literatura infanto-juvenil, dispostos em estantes fixadas nas paredes e sobre as mesas. Na mesa, onde fica a pessoa que atua na BE, são confeccionadas as fichas com autor e título, que são fixadas nos livros e é o meio utilizado para organização e controle do acervo. Não possui organização sistematizada. O diferencial do acervo da E2 em relação às demais é que não tem livros didáticos do PNLD junto ao acervo.</p>
<p>E3D E3P</p>	<p>A biblioteca conta com recursos financeiros destinados pela escola para formação do acervo (E3D). A biblioteca não conta com verba destinada pela escola para formação de acervo. A atualização é por outros recursos, como o PDDE (E3P).</p> <p>A biblioteca conta com um número de acervo de livros compatível ao número de alunos, conforme Lei 12.244/10 (E3D) e (E3P).</p> <p>O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação (E3D) e (E3P).</p> <p>Conta com revistas e outros materiais não impressos (E3D) e (E3P). O acervo é organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez (E3D) e (E3P).</p> <p>O catálogo está organizado por título (E3D). Não informou como está organizado o catálogo (E3P).</p> <p>O catálogo está informatizado (E3D). O catálogo não está informatizado (E3P).</p> <p>Conta com computadores. Conta com 01 computador. O número de computadores não é suficiente para atender uma sala de uma só vez (E3D).</p> <p>Não conta com computadores (E3P).</p> <p><i>In loco</i>: O acervo é formado pelos livros do PNLD, com vários exemplares do mesmo título, enciclopédias, dicionários e outros livros, na sua maioria, desatualizados, além de um bom número de livros de literatura infanto-juvenil, e estantes dividem espaço com o material de artes. O espaço abriga, também, o material utilizado nas aulas de</p>

	recreação. Não possui organização sistematizada. Não conta com computadores no espaço.
E4D	<p>A biblioteca conta com recursos financeiros destinados pela escola para formação de acervo. O número de acervo de livros é compatível ao número de alunos, conforme Lei 12.244/10. O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação. Não conta com revistas e outros materiais não impressos. O acervo está organizado, mas não informa como. A biblioteca não conta com catálogo. Não conta com computadores (E4D).</p> <p><i>In loco:</i> Há duas estantes improvisadas. A maior, com várias caixas de papelão de vários tamanhos, onde guardam variados materiais, pelo que assinalam por fora. Os livros, nessa estante, são livros didáticos do PNL D, com vários do mesmo título. Do outro lado da sala, mais uma estante improvisada, com mais livros do mesmo tipo e alguns poucos de literatura infanto-juvenil. Os livros, em sua maioria, estão deitados nas prateleiras, que estão bem lotadas. Não possui organização sistematizada. Nessa sala, segundo o servidor que nos acompanhou, funciona, atualmente, o laboratório de informática também.</p>
E5D	<p>A biblioteca conta com recursos financeiros destinados pela escola para formação do acervo. Cita que os livros da Sala de Leitura são geralmente adquiridos com recursos do PDDE. A biblioteca não conta com número de acervo de livros compatível ao número de alunos, conforme Lei 12.244/10. Não contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação. Não conta com revistas e outros materiais não impressos. O acervo não está organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez. Não possui catálogo. Não conta com computador (E5D).</p> <p><i>In loco:</i> O diretor informou ter cedido, no ano de 2016, a sala para abertura de turmas, mesmo assim respondeu contar com recursos da escola (PDDE) para formação de acervo.</p>
E6D E6P E6B	<p>A biblioteca não conta com recursos financeiros destinados pela escola para formação de acervo, conforme Lei 12.244/10. A atualização do acervo é feita por doação e repasse do MEC (E6D) e (E6P).</p> <p>A biblioteca não conta com recursos financeiros destinados pela escola para formação de acervo e não soube responder de que forma é feita a atualização (E6B).</p> <p>A biblioteca não conta com número de acervo de livros compatível ao número de alunos, conforme Lei 12.244/10 (E6D), (E6P) e (E6B).</p> <p>O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação (E6D).</p> <p>O acervo não contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação (E6B) e (E6P).</p> <p>Conta com revistas e outros materiais não impressos (E6D).</p> <p>Não conta com revistas e outros materiais não impressos (E6B) e (E6P).</p> <p>O acervo não está organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez (E6D) e (E6P).</p> <p>O acervo é organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez, mas não informou como (E6B).</p> <p>Não possui catálogo (E6D) (E6P) e (E6B).</p> <p>Não possui computadores. (E6D) (E6P) e (E6B).</p>

	<p><i>In loco</i>: A maior parte do acervo é formada por livros didáticos do PNLD, vários exemplares de um mesmo título, dispostos nas estantes, com indicação da disciplina a que pertencem, caixas de jogos didáticos e literatura infanto-juvenil. Várias pilhas de livros do PNLD sobre as mesas também. Outra parte do acervo é formada por livros doados, enciclopédias, dicionários, etc., em sua grande parte, desatualizados. A resposta de E6B positiva para a organização do acervo deve ser em função de ela própria fazer a organização e, portanto, encontrar o material com facilidade, mas verificando pessoalmente, observamos que a realidade corresponde à resposta de E6D, que afirma não ser, uma vez que não tem nem mesmo um catálogo. Não possui organização sistematizada.</p>
--	---

Da mesma forma que em relação ao espaço físico, para o acervo é possível constatar os encontros e desencontros nas respostas sobre o que têm e como são formados os acervos, tanto nas respostas dos participantes da mesma escola, quanto para as respostas dadas no questionário, se comparadas com o que pode ser visto *in loco*. Pode-se perceber que os acervos não correspondem ao que se apresenta no documento: “Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas escolares”, que serviu como base para a elaboração das perguntas dirigidas às escolas.

Também no quesito acervo, pelas respostas de alguns entrevistados, parece bem próximo ao que recomenda o referido documento, porém, *in loco*, verifica-se que ainda falta muito para alcançar os parâmetros, situação confirmada, também, nos comentários feitos pelos colaboradores nas entrevistas. Observa-se uma preocupação acentuada em relação ao acervo de literatura infanto-juvenil, deixando as outras áreas desfalcadas em relação a número de títulos e/ou atualização, mantendo quase que na totalidade livros doados, desatualizados ou os utilizados em sala de aula, o que demonstra que a BE é vista como espaço somente para trabalhar com o estímulo ao hábito de leitura. Fato, também, que confirma existir lugares que continuam reproduzindo o que foi abordado em várias citações na literatura sobre o tema, ou seja, “bibliotecas” que estão aquém até mesmo de seu primeiro estágio, voltadas a somente empréstimos e devoluções de livros, pois, só para isso, já teriam que manter, no mínimo, a atualização de seus acervos, longe de estarem voltadas para a educação do século XXI, na inserção de seus alunos na sociedade do conhecimento, preparando-os para o desenvolvimento de “habilidades específicas para lidar com a informação [...] ‘competência informacional’, que [...] combina especialmente, com disponibilização de abundantes recursos audiovisuais e eletrônicos [...] e internet)” (Campello, 2008, p. 9). Campello adverte ainda que:

A educação proposta nos Parâmetros Curriculares nacionais (PCN) é de que [...] a aprendizagem da língua deve ser feita com base na diversidade textual, proporcionando aos alunos uma prática

constante e sistemática da leitura de textos que circulam na sociedade [...] que a biblioteca é fundamental para o desenvolvimento de um programa de leitura eficiente, que forme leitores competentes e não só leitores que leiam apenas esporadicamente. A biblioteca ao reunir para uso coletivo e de forma orgânica uma diversificada gama de portadores de textos, representa recurso imprescindível para a formação de leitores capazes de, além de decifrar o código linguístico, saber interpretar o que leem, encontrando significados no texto e desenvolvendo práticas de intertextualidades [...] é um lugar de aprendizagem permanente, um centro de documentação onde se encontrem informações que irão responder aos questionamentos levantados dentro das diversas áreas curriculares [...] estoque de conhecimentos, importante para que os alunos aprendam permanentemente e, nesse sentido, sua organização precisa ser entendida [...] empréstimo, organização dos materiais, seleção e uso de fontes diversas de informação.

A este propósito, também Abreu (2008, p.30) nos orienta que:

A coleção da biblioteca não é um conjunto de materiais reunidos aleatoriamente e sem nenhum propósito. Para constituir um recurso didático eficiente, o acervo da biblioteca tem que ser formado e desenvolvido com critério, levando-se em conta o projeto político pedagógico da escola e o contexto em que esta se insere.

Quadro 5: Caracterização das BE – recursos humanos

Respondente	Categoria - Pessoal
S	<p>“Tem um profissional que está [...] se formando, para poder catalogar os livros devidamente, organizar o atendimento da biblioteca, como deve ser para os alunos”. Perguntado se estão se formando em biblioteconomia, o mesmo respondeu: “Eles estão sendo na verdade autodidatas. [...] nós começamos um diálogo com a UAB [...] sobre a formação dessas pessoas que estão atuando na biblioteca”.</p> <p>Perguntado sobre o perfil do pessoal que atua na BE, respondeu: “São professoras [...] que estão com laudo médico e não podem atuar em sala de aula, mas podem atuar em biblioteca, então... tem todo um conhecimento pedagógico, que é aproveitável [...] para o trabalho com a biblioteca... agora... precisa de uma formação adequada e a UAB... nossa intenção é promover esse curso de formação.”</p> <p>Obs.: O curso a que se refere, com a UAB, seria para capacitação das pessoas que atendem nas bibliotecas que, pelo visto, são muito poucas. A colocação de que atuam nas BEs professores com laudo médico (quando tem), que não podem atuar em sala de aula, mas podem atuar em biblioteca por ter conhecimento pedagógico. Ou seja, para a biblioteca, basta o conhecimento pedagógico, mesmo que não estejam gozando de boa saúde, o que nos leva a entender que a BE está sendo vista como um lugar estático, pouco utilizado, sem muito trabalho, com poucos alunos, quando, na verdade, a BE atende a todas as salas de aula da escola e a toda a comunidade escolar, ou pelo menos deverá atender se quiser desempenhar o seu papel. Com esse entendimento, pode-se confirmar que a BE, para quem tem problemas de saúde, não é um lugar nada recomendável para recuperação ou descanso.</p>
E1D	<p>Um servidor por turno atua na BE. Nenhum com formação em Biblioteconomia. Sobre o bibliotecário respondeu: “Pois um profissional poderá fazer um bom trabalho” (E1D).</p> <p><i>In loco</i>, verifica-se que não contam com servidores lotados na BE. O servidor indicado no questionário se refere a algum dos servidores que se dirigem à BE, no seu turno de trabalho, caso alguém procure. E1D apoia poder contar com um profissional habilitado para fazer um bom trabalho.</p>
E2D	Um servidor atua na BE (E2D) e (E2P).

E2P	<p>Somente um único servidor para todos os turnos (E2D) e (E2P).</p> <p>Nenhum com formação em Biblioteconomia (E2D) e (E2P).</p> <p>Sobre o bibliotecário responderam: “Importantíssima a necessidade de contar com esse profissional, mas gostaria de ter uma pessoa mais dinâmica e sem restrições físicas e mentais” (E2D). “É essencial alguém com formação na área, capacitado para receber os alunos e trabalhar os projetos da escola” (E2P).</p> <p><i>In loco</i>, verifica-se que E2 conta com uma pessoa lotada na BE e ela se enquadra no perfil do pessoal informado acima, por (S), sobre servidores com laudo médico. Esse servidor não se dispôs a participar da pesquisa. Quando E2D se refere à importância de contar com um profissional da área atuando na BE, lembra de pontuar alguns requisitos negativos que não gostaria que tivesse, se reportando à situação do servidor que há disponível na escola. Tanto E2D como E2P apoiam um profissional habilitado na BE.</p>
E3D E3P	<p>Não respondeu às perguntas relativas a número de pessoal. Sobre o bibliotecário, respondeu: “Seria muito importante ter para contribuir mais com o desenvolvimento” (E3D).</p> <p>Atuam na BE: oito professores e quatro monitores: 12 de manhã e oito à tarde. Nenhum com formação em Biblioteconomia. Sobre o bibliotecário respondeu: “A falta desse profissional é lamentável” (E3P).</p> <p><i>In loco</i>, verifica-se que não contam com servidor lotado na BE. E3D e E3P apoiam um profissional habilitado na BE. E3P aponta os professores como pessoal da BE, porque o espaço é dividido com as aulas de artes e recreação, onde eles atuam.</p>
E4D	<p>Não respondeu às perguntas relativas ao número de pessoal. Sobre o bibliotecário, respondeu: “para tornar eficaz o atendimento”. (E4D).</p> <p><i>In loco</i>, verifica-se que não conta com servidor lotado na BE. E4D apoia um profissional habilitado na BE, relacionando-o a atendimento.</p>
E5D	<p>Não respondeu nenhuma das perguntas sobre pessoal (E5D).</p> <p><i>In loco</i>, verifica-se que E5 não conta com BE, apesar de ter sido apontada por S como tendo.</p>
E6D E6P E6B	<p>Três servidores atuam na BE, sendo um por turno (E6D), (E6P) e (E6B).</p> <p>Nenhum com formação em Biblioteconomia (E6D), (E6P) e (E6B).</p> <p>Sobre o bibliotecário, responderam: “Vejo a necessidade atual de contar com um profissional, pois acredito que irá ajudar muito na formação dos alunos” (E6D). “Acho necessário para atuar junto à escola” (E6P). “Neste local é uma sala de leitura, não tem tanta exigência, mas é fundamental um profissional em biblioteca para atender os alunos no que eles realmente precisam, podendo orientá-los de forma correta” (E6B).</p> <p><i>In loco</i>, verifica-se ser a única BE que conta com pessoal nos três turnos, embora nenhum seja habilitado. Como era proposta desta pesquisa, foi contactado somente um deles, indicado pela supervisão como responsável pela equipe da BE. Sua formação é em ensino médio. E6D, E6P e E6B apoiam um profissional habilitado para atuar na BE. E6D fala</p>

	sobre o bibliotecário ser importante, por poder ajudar muito na formação dos alunos, demonstrando uma visão mais ampla sobre este profissional em relação às respostas de outros colaboradores, como, por exemplo: um profissional poderá fazer um bom trabalho, para tornar eficaz o atendimento; a falta desse profissional é lamentável. E6B pontua que com o profissional bibliotecário, o atendimento aos alunos seria feito de forma correta. Pontua, também, o fato de uma Sala de Leitura não ter tanta exigência quanto ao profissional, notação, essa, repetida várias vezes por vários colaboradores ao se reportarem não só a pessoal, mas também ao espaço físico, produtos e serviços que não são oferecidos na BE/ Sala de Leitura da escola onde atuam.
--	---

É possível averiguar que somente duas das seis escolas participantes da pesquisa, contam com pessoal na BE: E2 possui um servidor lotado na BE por estar com laudo médico, mas sem condições psicológicas de atuar; E6 com três servidores, um por turno, o que parece bom em relação às outras, mas uma pessoa por turno somente não corresponde às necessidades do espaço, pois, caso esse servidor venha a ter algum problema que o leve a se ausentar do trabalho, não terá, sistematicamente, com quem contar. E6P, em entrevista, informou que o servidor lotado na BE se trata de uma pessoa do apoio que ficou doente, com laudo médico, mas que é muito eficiente, ama o que faz e que cuida bem da sala de leitura. Portanto, enquadra-se, também, no perfil do pessoal citado por (S), o que nos leva a pensar que, não fosse a condição laudo médico, talvez não tivéssemos encontrado pessoal em nenhuma BE.

Essa situação de pessoal com laudo nas bibliotecas escolares brasileiras vem sendo discutido há muito tempo, como nos mostra a literatura sobre o assunto e, reafirmado por Bastos, Faustino, Almeida e Romão (2010, p. 76): “a realidade brasileira tem apresentado cada vez mais professores readaptados ocupando a posição de bibliotecário dentro de bibliotecas escolares”, o que tem se mostrado ser um impasse para a BE no cumprimento de sua missão na escola, levando a apelos, a exemplo de E2D que, quando fala sobre o pessoal que tem disponível na BE da escola onde atua, afirma que "gostaria de ter uma pessoa mais dinâmica, sem restrições físicas e mentais" (E2D).

Para o quesito pessoal da BE, ficou nítida uma situação difícil, pois como dizer que existe a BE na escola, se não se tem alguém para, pelo menos, deixá-la aberta para a comunidade escolar quando necessitarem, que seja, de um item do seu acervo, na hora em que lhes será útil?

A falta do bibliotecário nas escolas, ou de pelo menos um na coordenação das bibliotecas escolares na Secretaria, é um ponto de dificuldade para a análise da influência do pessoal disponível na BE no desempenho de seu papel como parte integrante da escola, no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo com a formação de indivíduos capazes de lidar com a informação, levando-os a um “melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea” (Campello, 2008, p. 7). O que dizer quando em sua maioria não existe nem mesmo um auxiliar, um servidor lotado nela?

Trazendo às claras, aqui não se vê necessidade de acarear com as orientações do documento já referido, pela obviedade de que nem mesmo se aproxima do indicado no referido documento, nem teoricamente, nas respostas às perguntas sobre pessoal necessário na BE e, muito menos, no que pode ser verificado *in loco*.

Quadro 6: Caracterização das BE – institucionalização

Respondente	Institucionalização da BE na escola
S	<p>Perguntado se é solicitada da escola a inclusão da BE em seu plano de ação, responderam: “Sim. Com certeza”.</p> <p>E no projeto político pedagógico?</p> <p>“Sim. Isso aí todas as instituições têm seu projeto pedagógico escolar e é acompanhado pelo Conselho Municipal de educação, posso dizer com certeza, porque sou conselheira municipal de educação, então... as escolas têm o projeto e constam no projeto [...] como não possui a estrutura de uma biblioteca, então... elas são tratadas como salas de leitura, ok?”</p> <p>E no regimento interno?</p> <p>“[...] Nós temos algumas instituições que ainda não têm o seu regimento interno aprovado, mas por questões administrativas, só que todos eles já passaram pelo Conselho para uma orientação e de todos eles constam no regimento ou sala de leitura ou biblioteca escolar [...]”.</p> <p>Segundo S, o regimento, assim como o projeto político pedagógico, passam pelo Conselho Municipal de Educação e pelas técnicas que fazem acompanhamento na escola, porém, a maioria não disponibilizou estes documentos para que pudéssemos verificar a inclusão da BE, conforme quadro 2, nesta pesquisa.</p>
Respondente	Perguntado para as escolas se a BE está incluída no PPP, Plano de Ação e Regimento Interno:
E1D	<p>Segundo E1D, a biblioteca está inserida no PPP, no Regimento Interno e no Plano de Ação.</p> <p>OBS: Foram-nos enviados o PPP e o Regimento Interno, conforme quadro 2.</p>
E2D E2P	<p>A biblioteca está inserida no PPP, no Plano de Ação e no Regimento Interno (E2D) e (E2P).</p> <p>E2P informou que existe um Plano de Ação, “porém não é cumprido”</p> <p>OBS: Não foi possível ter acesso a esses documentos, por não terem sido disponibilizados nem <i>in loco</i> e nem via <i>e-mail</i>, conforme demonstrado no quadro 2.</p>
E3D	A biblioteca está inserida no PPP, Regimento Interno e Plano de Ação (E3D) e (E3P).

E3P	Os documentos não foram disponibilizados nem <i>in loco</i> e nem por <i>e-mail</i> , conforme quadro 2.
E4D	A biblioteca está inserida no PPP e Regimento Interno, mas não está no Plano de Ação (E4D). OBS: Não foram disponibilizados <i>nem in loco</i> e nem via <i>e-mail</i> , conforme quadro 2.
E5D	A biblioteca está inserida no PPP e no Regimento Interno, mas não está no Plano de Ação (E5D). Esta escola foi a única que disponibilizou os três documentos solicitados, conforme consta no quadro 2, acima. OBS: No entanto, <i>in loco</i> , verificou-se que não tem biblioteca funcionando na escola.
E6D E6P E6B	A biblioteca está inserida no PPP, No Regimento Interno e no Plano de Ação. (E6D) e (E6P). Informou não saber (E6B). OBS: Dentre os documentos citados, foi disponibilizado somente o Regimento Interno, conforme quadro 2, acima.

Os poucos documentos disponibilizados foram analisados no ponto 3.1.2 – Análise dos documentos, neste trabalho.

Quadro 7: Conhecimento sobre normativos para as BE

Respondente	Perguntado se conheciam algum normativo ou resolução interna da escola sobre a BE; o documento: Parâmetros para Bibliotecas escolares; a resolução 119/2011/CFB; a Lei 12.244/10; a Declaração Política da IASL; e Manifesto UNESCO para bibliotecas escolares.
S	“Normativo ou resolução interna: Regimento interno e PPP (S). A 12.244/10 sim, mas, essa Resolução não me recordo (S). Para as questões que tratam dos documentos específicos da biblioteca [...] nós tivemos acesso [...] quando eu digo que não conheço é no sentido [...] de não lidar com eles continuamente”.
E1D	Não conhece nenhuma (E1D).
E2D E2P	Sim para a Resolução 119/2011/CFB (E2D) e (E2P). Sim para a Lei 12.244/10 (E2P) Não para as demais (E2D) e (E2P).
E3D e E3P	Não conhece nenhuma (E3D) e (E3P).
E4D	Não conhece nenhuma (E4D).
E5D	Normativo ou resolução interna: Regimento interno e PPP (E5D). Não para as demais (E5D).
E6D, E6P e E6B	Não conhece nenhum (E6D), (E6P) e (E6B).

Sobre estes documentos, foram inseridas perguntas na entrevista a fim de saber o quanto esses colaboradores, como gestores, conhecem (ou não), entendem (ou não) essa legislação e para isso seria necessário uma oportunidade de falar mais sobre isso, considerando que os referidos documentos estão voltados aos conceitos e práticas de uma BE atual e, legalmente, respaldando a universalização das bibliotecas nas escolas brasileiras,

até o ano de 2020, data já muito próxima. As respostas estão incluídas na análise dos dados, neste trabalho.

Quadro 8: Caracterização das BE – horário

Respondente	Horário de funcionamento
E1D	A biblioteca funciona no mesmo horário de expediente. Não atende em todos os turnos em que funciona a escola. Não tem atendimento ininterrupto. Funciona das 7h30m às 11h30m. (E1D).
E2D E2P	A biblioteca funciona das 8h às 17h30m. Atende em todos os turnos em que funciona a escola. Atendimento ininterrupto. (E2D). A biblioteca funciona das 8h às 17h. Atende em todos os turnos em que a escola funciona. Atendimento ininterrupto. (E2P).
E3D E3P	A biblioteca funciona em horário de aula (não especificou qual é o horário de aula). Atende em todos os turnos em que funciona a escola. Atendimento ininterrupto. (E3D). A biblioteca funciona das 8h às 16h. Atende em todos os turnos em que funciona a escola. Não faz atendimento ininterrupto. Abre das 8h às 12h, reabre das 14h às 16h. (E3P).
E4D	O horário de funcionamento da biblioteca é semanal (livre). Atende em todos os turnos em que funciona a escola. O atendimento não é ininterrupto. Não informou em qual horário abre e/ou reabre (E4D) (Sala cedida para aulas da Educação Infantil).
E5D	A biblioteca não tem horário de funcionamento. Não existe atendimento. Não abre (E5D) (Sala cedida para abertura de turmas em 2016).
E6D E6P E6B	A biblioteca funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno. Atende em todos os turnos em que funciona a escola. O atendimento é ininterrupto. (E6D). A biblioteca funciona das 7h15 às 11h30, das 13h15 às 17h30 e das 19h15 às 23h. Atende em todos os turnos em que a funciona a escola. O atendimento não é ininterrupto (E6B) e (E6P).

É possível perceber, também neste item, divergências entre os atores de uma mesma escola em relação ao horário de atendimento da BE. Em sua maioria, a falta de pessoal para todas as funções foi justificativa para não manterem a BE aberta em tempo integral, mas pelo que se nota em relação ao pessoal, item fundamental para mantê-la aberta, mesmo em algumas escolas que citaram ter um horário de atendimento, se cruzado com pessoal disponível na BE, verifica-se que não se trata de horários regulamentados, mas sim de horários em que um servidor de outro setor poderá abri-la, ou ainda, naquelas em que a BE está dividindo espaço com outros serviços ou atendimentos.

Na E1 a BE foi aberta pelo diretor e fechada logo após nossa saída da sala. A E2 conta com um servidor na BE que, segundo a escola, acaba ausente por apresentar problemas de saúde, como já mencionado e, em uma das visitas, a BE estava fechada. Na E3 a BE, que não conta com pessoal lotado, estava aberta com turma de aula de artes no horário da visita. Na E4, numa segunda visita para conhecer o espaço, um servidor da equipe de apoio nos acompanhou, porém para mostrar como e onde estavam os poucos livros retirados da sala

que foi cedida para aulas da Educação Infantil. Na E5 a sala já havia sido cedida para abertura de turmas, desde a primeira visita. A E6 é a escola que apresentou um servidor por turno e que, em uma das visitas, a servidora do turno estava ausente da escola e a BE estava aberta naquele horário com uma professora com um aluno em aula de reforço.

Roca (2012, p. 21) afirma que “a biblioteca pode oferecer a todos os alunos da escola a possibilidade de acesso igualitário à informação, à educação e à cultura” e cita a abertura da biblioteca fora do horário escolar como uma das ações para que isso se cumpra. Para a comunidade escolar e a comunidade externa poder contar com a BE em suas buscas de informações e construção do conhecimento é necessário que ela esteja disponível em horários em que estejam livres, com mais tempo disponível para estar nela, do contrário, não adiantará implantá-la e/ou melhorá-la se não estiver à disposição em horário que atenda às necessidades da comunidade que a frequenta.

Ainda Roca (2012, p. 31) diz que “a biblioteca escolar pode e deve ser utilizada pelos estudantes de forma autônoma sempre que quiserem e puderem dentro e fora do horário escolar”.

3.2 Apresentação e análise das entrevistas

3.2.1 Caracterização dos entrevistados

Recordamos que as entrevistas foram realizadas com diretores, responsáveis pelas equipes pedagógicas da Secretaria e das escolas. Todos possuem formação superior em pedagogia, com pós-graduação (especialização *lato sensu*) na área de educação, ocupando cargos de superintendência, direção, responsáveis por equipe pedagógica. Somente um deles tem formação em nível médio e está lotado na biblioteca.

O tempo de atuação desse pessoal na área de educação varia entre sete e vinte e seis anos. Para a função de direção fica entre três e dezoito anos. Para a função de responsável pela equipe pedagógica varia de dois a seis anos e para o responsável pela biblioteca ficou inviabilizado esta mesma analogia, por contar com apenas um servidor participando desta pesquisa nesta modalidade, mas o mesmo informou estar na função há quatro anos.

Quadro 9: Formação e tempo de atuação dos colaboradores da pesquisa

Respondentes	Formação	Função	Tempo na educação	Tempo na escola	Tempo na função
S	Pedagogia com habilitação em supervisão escolar	Superintendente de Ensino do Município	20 anos	04 anos	04 anos
E1D	Pedagogia; Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica; Docência do Ensino Superior; Coordenação Pedagógica.	Diretor	18 anos	3,5 anos	09 anos
E2D	Pedagogia; Pós-Graduação em gestão Escolar; Metodologia do Ensino Superior.	Diretor	10 anos	06 anos	06 anos
E3D	Pedagogia; Pós-Graduação em Psicopedagogia; e Gestão escolar.	Diretor	18 anos	11 anos	10 anos
E4D	Pedagogia com séries iniciais, Licenciatura plena	Diretor	18 anos	07 anos	07 anos
E5D	Pedagogia; Pós-Graduação em Psicopedagogia; e em Gestão Escolar.	Diretor	16 anos	16 anos	03 anos
E6D	Pedagogia; Letras; Licenciatura em Supervisão Escolar; Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior; Gestão Escolar; e Temática indígena.	Diretor	26 anos	18 anos	18 anos
E2P	Pedagogia e Geografia	Supervisor escolar	07 anos	04 anos	02 anos
E3P	Pedagogia	Coordenador pedagógico	26 anos	02 anos	02 anos
E6P	Pedagogia Pós-Graduação em Supervisão escolar, Orientação e Administração; e Psicologia educacional	Vice-direção	14 anos	06 anos	02 anos
E6B	Ensino médio	Equipe de apoio	7 anos	7 anos	4 anos

Utilizando o método da análise de conteúdo, como já referimos anteriormente, seguiremos as orientações de Bardin (2016, p. 147), que sugere a utilização de categorias: “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos [...] sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns dos elementos”. Nesse

sentido, começamos por seguir a estrutura da matriz elaborada para as entrevistas, e criamos categorias que derivam das questões efetuadas em cada tema.

A pergunta inicial que foi formulada, ainda no item de caracterização, direcionada a todos os participantes, foi “Você teve, em sua formação, alguma disciplina que tratava da biblioteca escolar?”. Esta questão foi considerada relevante para análise da visão sobre seu papel, suas perspectivas em relação à BE e sobre a própria BE, por entender que faz parte das entrelinhas de todas as categorias as trajetórias intelectuais, conhecimentos teóricos e práticos sobre o assunto por parte desses colaboradores, acreditando, assim, contribuir para o entendimento do que possa ter levado a explicitar tais conceitos.

A ideia não é a de, com isso, propor isenção de algum ponto positivo ou negativo das visões apresentadas por eles, uma vez que ocupam cargos ou funções que, uma vez aceites, apontam para a necessidade de busca de conhecimento multidisciplinar, para que possam desenvolver suas atribuições, procurando atender os anseios dos que por eles (cargos ou funções) devem ser beneficiados, e muito menos para servir como justificativa e aceitação da maneira como esses espaços se apresentam, considerando ser a busca a favor de melhorias em prol da educação é um dever constante por parte dos profissionais da educação, mas tão somente para entender o que se passa, por meio de evidências.

Assim, constatou-se terem todos formação voltada para a área escolar: gestão, supervisão, orientação, e como a biblioteca faz parte da escola, também poderia estar presente nessa formação. Sobre o tema, as respostas foram as seguintes:

“Como componente curricular não, somente dentro de outro componente” (S).

“Eu não me lembro de ter uma disciplina específica, quando estudei pedagogia que falasse sobre biblioteca escolar [...]” (E1D).

“Em relação à disciplina, eu não me recordo se foi tratado na minha formação sobre... só sobre biblioteca... não me recordo... de nenhuma disciplina específica” (E2D).

“Em minha formação [...] eu não tive nenhuma disciplina que trabalhasse sobre biblioteca escolar” (E2P).

“[...] eu não tive nenhuma disciplina que abordava especificamente biblioteca escolar” (E3D).

“Não tive na minha formação que foi há quase vinte anos atrás, essa disciplina que tratava da biblioteca escolar [...]” (E3P).

“Quando fazia faculdade... não me recordo de nenhuma disciplina voltada para o tema biblioteca escolar” (E4D).

“A minha formação não tratou da biblioteca escolar, porque terminei em 2001... então... a grade não atendia sobre biblioteca escolar” (E5D).

“[...] não me lembro que dentro dos cursos que fiz tenha essa questão específica pra se trabalharem em biblioteca escolar[...]. Minha primeira graduação terminei em 94, então... tem um tempo, a segunda em 98... não lembro que tenha uma disciplina que trata exatamente da questão biblioteca escolar. No entanto... conhecimento a gente tem, porque na época, a gente frequentava muito a biblioteca escolar né? ... A biblioteca da Universidade.” (E6D).

Verifica-se que nenhum participante no estudo teve o tema biblioteca escolar na sua formação. O entrevistado E6D cita que faz muito tempo e não se recorda de disciplina que tratava da BE. Revela que tem conhecimento da biblioteca como usuário. O lado positivo é que, como afirma, melhor que tenha “amor” por ela, porque é o que se nota de diferencial entre quem frequentou alguma biblioteca e quem não, o que ajuda no olhar, mas não respalda a gestão. Para isso, tem que se embrenhar na busca de informações para a construção do conhecimento do que a BE é/deve ser realmente, nos dias de hoje. Paralelamente, seria quase dizer que se pode dar aula, porque foi aluno.

“Infelizmente quando estudei [...] nunca tivemos nenhuma disciplina que tratasse da biblioteca escolar. E [...] na própria universidade [...] os professores sempre pediam livros que não tinham na biblioteca [...] acabávamos tendo que comprar fora [...] meu convívio dentro da biblioteca da universidade foi bem pouco, mas tive a possibilidade de ter outros livros fora daquilo que os professores pediam” (E6P).

Observamos aqui a ideia que se tem de bibliotecas em geral, como um sendo lugar que serve somente para empréstimos de livro, mas se denota, também, a ausência da biblioteca em toda a sua formação, mesmo estando formado, o que lhe respalda a ideia de que mesmo sem ela “tive a oportunidade de ter outros livros fora daquilo que os professores pediam”, deixando claro que biblioteca remete somente a livros.

Agora, com envolvimento numa função que necessita de um olhar mais aprofundado sobre a BE, como entender na prática o que ela representa na escola? Continuará apenas a enxergá-la como lugar de empréstimos de livros?

O único colaborador que atuava em biblioteca (E6B), com formação em ensino médio, curso técnico em serviços públicos, lotado na BE há quatro anos, respondeu, apenas, que não.

Analisando as respostas, observa-se que não foi dada, observando respostas de educadores formados há mais tempo, e continua não sendo dada, pelas respostas dos formados mais recentemente, nenhuma ênfase ao tema BE na formação dos educadores,

futuros gestores das escolas. De acordo com as afirmações de Silva (2005, citado em Macedo, 2005, p. 241),

as transformações que precisamos, na verdade, devem ser iniciadas nos cursos universitários com alunos de educação. A universidade, portanto, deverá contribuir para a formação de profissionais comprometidos também com os serviços da biblioteca e toda a sua demanda de informação. Exige-se sim que o bibliotecário conheça a dinâmica escolar, mas o inverso não é verdadeiro, o professor muitas vezes não conhece a biblioteca escolar e sua função. Os dois são educadores!

Ainda em Macedo (2005, p. 45) se aponta que “nem o bibliotecário escolar nem o professor do ensino básico conhecem, formalmente, a área um do outro”.

Imaginando que para o profissional pedagogo, como dito anteriormente, que será o futuro gestor da escola, ocupando as funções na equipe gestora como supervisão, orientação, direção, a necessidade de ter esse conhecimento é muito maior, pois o êxito da BE vai depender muito da visão desses profissionais. Considerando que a tendência e probabilidade do bibliotecário chegar depois são muito maiores, como ainda acontece em nossa realidade e, no caso de chegarem juntos, ambos com conhecimentos formais sobre as duas áreas, certamente a comunidade escolar será muito beneficiada.

Fazemos menção aqui de um quase apelo feito por Fragoso (2005, p. 49), “que as escolas que formam professores tenham em seus programas disciplinas que tratem da biblioteca como parte integrante do processo pedagógico”.

3.2.2 Articulação entre a Escola, Secretaria Municipal de Educação e BE

Para que a BE possa cumprir suas funções, faz-se necessário que haja articulação entre os atores que a cercam. Neste caso, por se tratar de uma BE, é necessário que haja ampliação do conhecimento por parte dos educadores que, normalmente, são os gestores das escolas, instituição onde está inserida a BE, a respeito do que ela é e, entendendo o seu potencial, amplia seu papel, “do paradigma da leitura para o paradigma da aprendizagem” (Campello, 2012, p. 7). Da mesma forma, o bibliotecário atuante em biblioteca escolar precisa estudar as linhas pedagógicas existentes e entender qual é a adotada pela escola, principalmente porque ali é também um educador. É necessário que estejam em constante reflexão sobre o papel de cada um no âmbito da BE.

Campello (2010) defende a atuação de bibliotecas e bibliotecários educadores na qual a integração e cooperação entre bibliotecários, professores, pedagogos, diretores e toda a

equipa da escola se torna indispensável como requisito para o desempenho da biblioteca atual. Neste sentido, pode-se estender a todos os responsáveis pela educação, envolvendo Secretaria e escolas. Considerando este contexto, questionámos sobre a existência de algum trabalho articulado entre eles, em favor da BE.

“[...] as coordenadoras fazem um trabalho de acompanhamento dos professores lá, então as nossas gerentes e coordenadoras [...] articulado lá [...] De atendimento ao professor, orientando e fazendo oficinas pedagógicas [...] então, aquela que tem o profissional na biblioteca, facilita mais o trabalho e enriquece o trabalho, aquela que não tem, fica a critério do professor e do supervisor que também tem uma formação específica [...] porque não temos o profissional específico, então ele faz o assessoramento” (S).

Analisando a resposta, o que se verifica é que em nível institucional não se reconhece nenhum trabalho articulado entre a escola e a equipe pedagógica da Secretaria que seja específico para a BE. Por outro lado, a pergunta não se referiu à formação especificamente, mas a algum trabalho articulado, secretaria/escola em prol da BE.

Vejamos agora as respostas dados pelos entrevistados das próprias escolas, em relação a este tema.

Articulação com a Secretaria de Educação

“A Secretaria de Educação, ela apoia as nossas atividades, geralmente quando a gente precisa de livros infantis. Já foi adquirido este ano alguma coisa, mas, mais para as escolas que estão é... começando agora. A nossa, como já tem um tempo, o acervo adquirido aqui é através dos programas federais: o PDDE²⁰ e o Mais Educação²¹, e também a gente pode conseguir alguma coisa” (E1D).

²⁰ Criado em 1995, o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem por finalidade prestar assistência financeira, em caráter suplementar, às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial, mantidas por entidades sem fins lucrativos, registradas no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) como beneficentes de assistência social, ou outras similares de atendimento direto e gratuito ao público. O programa engloba várias ações e objetiva a melhora da infraestrutura física e pedagógica das escolas e o reforço da autogestão escolar nos planos financeiro, administrativo e didático, contribuindo para elevar os índices de desempenho da educação básica. Os recursos são transferidos independentemente da celebração de convênio ou instrumento congênere, de acordo com o número de alunos extraído do Censo Escolar do ano anterior ao do repasse. Disponível em <http://www.fn.de.gov.br/programas/dinheiro-direto-escola/dinheiro-direto-escola-apresentacao>

²¹ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao>

O que se vê aqui nesta resposta (E1D) é a posição de aceitação de uma situação que, se bem analisada, deveria ser de indignação, como se o acervo de BEs com mais tempo de existência não precisasse ser renovado, atualizado.

“A Secretaria de Educação [...] apoia as atividades, inclusive a escola já recebeu esse ano um acervo de livros que foram adquiridos pela, pela Secretaria de Educação” (E2D).

“Com relação ao apoio da Secretaria Municipal de Educação às atividades e ações desenvolvidas na escola [...] todos os recursos são destinados direto à escola e a escola utiliza da maneira que acha mais conveniente. E em relação ao apoio direcionado à biblioteca, não tem um [...] direcionado à biblioteca, mas [...] com o PDDE mesmo, que a gente pode adquirir móveis, pode adquirir livros, é... fica a critério da escola mesmo”(E3D).

“A Secretaria de Educação [...] atende a gente de forma formal, observando, acompanhando todas as atividades desenvolvidas na escola. [...] a verba destinada para essa política de ações a serem desenvolvidas sim existe né? Mas ainda é ineficiente.” (E4D).

“Existe, mas não em relação à BE. A outros projetos da escola”(E5D).

“[...]quanto à questão do apoio da Secretaria nas atividades desenvolvidas na escola, [...] com os supervisores escolares para com a equipe gestora e com os professores [...]. Agora, especificamente, para a biblioteca da escola, [...] nós conceituamos como sala de leitura [...] não.” (E6D).

Assim, como havia sido expressado por S, ficou confirmado pela maioria dos diretores das escolas participantes da pesquisa que entre a Secretaria e as escolas não há articulação, com um trabalho específico, formal ou sistematizado, direcionado às BEs.

Articulação na Formação em BE

“Nós temos no nosso calendário escolar a previsão de um mínimo de quatro reuniões de formação continuada anuais [...] Nós temos os coordenadores e os que atuam e os extras que vem de formação, as possibilidades que surgem [...] fizemos uma formação em oficina para o 4º e 5º ano. Então essas formações visam preparar o professor para trabalhar com o acervo bibliográfico que ele tem disponível na instituição de ensino” (S).

A observação de S nos leva a entender que a formação em BE ou Sala de Leitura fica restrita ao trabalho com o acervo bibliográfico que se tem na escola, dirigida aos professores de maneira geral e não a um trabalho para ser desenvolvido na ou com a BE ou Sala de Leitura que, a nosso ver, neste caso, são coisas bem distintas. Um seria um trabalho desenvolvido pela e na BE, como espaço integrante e participativo da escola, podendo incluir o trabalho com o acervo bibliográfico e o outro seria a formação para os professores trabalharem com o acervo bibliográfico em suas aulas.

Em relação ao questionamento sobre a oferta de formação pela Secretaria de Educação na área das bibliotecas escolares, todos os diretores responderam que não existe. Note-se, por exemplo, a observação de E1D. Embora seja oferecida formação, não é contemplada esta área, o que poderá significar um desconhecimento pela importância do seu papel na educação e de como a formação é um elemento importante para consolidar a sua ação na escola: “A Secretaria tem formação continuada para todos os funcionários da escola, mas na questão biblioteca só, eu nunca vi. Eu estou há praticamente dezoito anos no município e nunca vi” (E1D).

Talvez a aceitação de E1D sobre as escolas novas receberem acervo e as mais antigas não, como visto em sua resposta acima, tenha a ver com o que disse agora que, estando há dezoito anos na educação, nunca ouviu falar de algum curso de formação que envolvesse a BE, fato que pode, certamente, contribuir para conformar-se com a ação.

“Na área de biblioteca nunca teve. Inclusive assim uma dificuldade que a escola tem... que geralmente não tem professor para cumprir as salas, na biblioteca vai sempre alguém que não está apto a sala de aula né? Então...alguém que está readaptado ou assim que tem algum problema que não pode estar em sala, né?” (E2D).

“A Secretaria de Educação [...] sempre oferece cursos de formação para todos os professores, é... já tem um tempo que está trabalhando com professores do primeiro ao terceiro ano [...] com formação com professores do quarto e quinto ano e a Educação Infantil também. Atualmente nós não temos nenhuma pessoa trabalhando diretamente na biblioteca, então não tem [...] um curso específico para a pessoa da biblioteca” (E3D).

“A Secretaria oferece cursos para todos os servidores e não me recordo ou não houve nenhum [...] curso específico para a biblioteca, não” (E4D).

“Não temos cursos na área de BE [...] E são poucas as escolas que têm esse ambiente formado, né? Das escolas municipais. Então a gente não tem curso nessa área. Nem nos últimos dois anos, e eles não oferecem” (E5D).

“Não. Pra curso específico da Sala de Leitura e biblioteca no momento não. Existe sim para as outras: professores, curso de merendeiras, para o restante do pessoal. Agora, como biblioteca, ainda não. A Secretaria, no caso, oferece toda essa formação continuada para professores, para a equipe gestora, composta pelos nossos supervisores. A formação continuada existe para o pessoal da secretaria, nossos auxiliares e secretários, equipe gestora e professores, agora especificamente para a biblioteca, ainda não” (E6D).

“É... infelizmente não é dado nenhum curso, nenhum treinamento pela Secretaria de Educação, nem pelo governo federal. E como nós não temos uma biblioteca e sim uma sala de leitura, nós não temos o conhecimento de como seria o funcionamento [...] de uma biblioteca em si” (E6P).

Nas respostas dadas, salientamos também a observação de E2D para um facto que continua marcando a nossa realidade, com a indicação de professores com problemas para o serviço na BE. Tal como mencionado em Côrte & Bandeira (2011):

É comum haver professores que, impossibilitados de exercerem a regência de classe, por estarem aguardando a aposentadoria, ou por problemas de saúde, serem lotados na biblioteca. É como se a biblioteca fosse um espaço de terapia ocupacional. Certamente o professor doente em sala de aula será doente também na biblioteca. Quem deseja trocar o barulho e a agitação da sala de aula pela suposta tranquilidade da biblioteca pode até “tomar conta” dela, mas jamais a transformará num espaço educativo e de efervescência cultural (p. 14).

Note-se igualmente os comentários de E3D e E5D: não existindo BE não reconhecem a importância de haver formação nessa área, o que acaba por validar um círculo vicioso. Se não existe, nem vale apenas um esforço para saber como deveria ser.

Nos comentários de E6D, nota-se que fazem diferença entre a Sala de leitura e BE, inclusive durante a fala ele diz que reconhece como diferença entre uma e outra pelo tipo de acervo, que para a primeira deve ser mais amplo, em suas palavras, “não temos um acervo que esteja dentro dessa categoria de biblioteca escolar” e complementa, em sua visão, sobre essa diferença dizendo: “[...] pra ser realmente constituída como biblioteca tem que existir um profissional formado nessa área, né?”, porém a BE da E6 conta com pessoal, como E6D mesmo afirma: “nós temos uma pessoa que trabalha na sala de Leitura, mas não com formação específica” e analisando sua resposta sobre formação: “A Secretária, no caso, oferece toda essa formação continuada para professores, para a equipe gestora, composta pelos nossos supervisores. A formação continuada existe para o pessoal da secretaria, nossos auxiliares e secretários, equipe gestora e professores, agora, especificamente para a biblioteca, ainda não”, caberia incluir os servidores que estão lotados na BE também. Não incluindo, pode ser uma demonstração de que não tem a visão de que a BE/Sala de Leitura tem responsabilidade de educar e que os servidores que lá estão fazem parte da equipe de educadores da escola.

Articulação interna - Equipe Pedagógica da Escola e BE

Quanto à articulação da Equipe pedagógica da escola e a BE, as três responsáveis pelas equipes pedagógicas que conseguimos entrevistar deram as seguintes informações:

“Infelizmente nós não temos uma pessoa capacitada para que atenda nas bibliotecas das escolas. Geralmente são aquelas pessoas que já não têm mais condições de estar em sala de aula, com muitos problemas psicológicos que são colocados nas bibliotecas pra que exerçam essa função, porém muitas vezes a pessoa não consegue nem fazer um atendimento é... digno para as crianças, né? Não consegue nem receber, muitas vezes entra em crise e a gente [...] da coordenação pedagógica, equipe gestora, ou a orientadora tem que estar substituindo [...]. Geralmente ela não participa das reuniões pedagógicas [...] muito pouco ela se relaciona com o restante dos funcionários, é uma pessoa que fica realmente muito distante de todos”. (E2P)

E2P relata aqui a realidade da escola onde atua, justificando porque não existe nenhuma articulação entre a equipe pedagógica e o pessoal da biblioteca. Verificamos que embora reconheça a importância da BE, afinal essa importância não encontra respaldo na prática, uma vez que a responsabilidade da BE é atribuída a uma pessoa sem capacidade para essa função.

Na visita, como era objetivo desta pesquisa, procuramos conversar com a pessoa que é responsável pela BE nesta escola, mas a própria direção e equipe pedagógica informaram que não seria possível, porque ela “não fala”, não se comunica, devido a problemas de saúde, conforme descrição acima, e nesse dia a pessoa estava afastada. Voltamos em outro dia e, realmente, ela não quis falar.

Entre as seis escolas visitadas, são somente duas que têm alguém a trabalhar na biblioteca, mas, perante o exposto, apenas teremos de considerar verdadeiramente uma.

Aqui, como em outros comentários anteriores, é citado o problema do readaptado na biblioteca que, mais uma vez, confirma na prática o que vimos na teoria, só existirá como número.

“O trabalho da coordenação pedagógica, relacionado à biblioteca, como não tem essa pessoa responsável [...] pela biblioteca, ele é de orientar os professores no planejamento relacionado ao trabalho com leitura, de fazer a leitura prazerosa, fazem leitura dirigida e utilizando o espaço da biblioteca ou levando os livros até a sala de aula. Como aqui é uma escola integral, as crianças levam poucos livros para lerem em casa, porque nós não temos o hábito de passar tarefa de casa pra eles, a não ser nos finais de semana, porque eles ficam integral²² na escola a semana toda. [...] a biblioteca participa das reuniões planejamento, do planejamento pedagógico [...] só através de professores mesmo, mas de forma separada não” (E3P).

Temos de comentar a resposta, no sentido em que não é compreensível a relação feita entre a escola de tempo integral e a situação de levar poucos livros para ler em casa, passando um entendimento de que essa leitura apenas é considerada como trabalho escolar e não

²²Tempo integral: está se referindo ao fato dos alunos permanecerem na escola o dia todo. (Grifo nosso).

leitura de lazer. Também as referências às reuniões de trabalho deixam perceber que como não têm pessoal na BE, entendem todos os professores como responsáveis pela BE.

“Na sala de Leitura, a pessoa que fica responsável, ela passa pra mim quais são as necessidades ou possíveis projetos. A gente trabalha com os professores e aí já passa o retorno pra fechar esse projeto. E aí ele começa a ser praticado dentro da escola. É feito dessa forma porque as reuniões pedagógicas, elas precisam ser feitas em horário oposto pra não haver danos aos duzentos dias letivos e a pessoa da Sala de Leitura não tem esse horário oposto pra trabalhar com a gente, então seriam duas reuniões no dia e ela precisa fazer o atendimento e no outro horário, no outro período, ela não trabalha na escola, uma vez que ela faz horário corrido²³. Mas existe sempre um contato entre os professores, a pessoa responsável e a equipe pedagógica. Então, todo mundo sempre sabe o que está acontecendo, como vai acontecer e funciona. [...] a gente sempre monta junto os horários de visitas das turmas, qual turma vai. Todos os dias da semana tem turmas visitando a Sala de Leitura, é... trabalhado empréstimos de livros [...] é tudo bem organizado e tudo feito em conjunto, apesar das reuniões serem separadas, mas é tudo uma mesma linha de trabalho. Então existe essa continuidade no planejamento. A Sala de Leitura, ela participa do planejamento escolar sempre que a gente precisa reformular os horários, trabalhar novos projetos e novas ideias, como melhor atender os alunos, o que mais pode ser feito, como pode melhorar o ambiente, a distribuição dos livros, quais são os níveis dos alunos para que ela separe esses livros, pra quando essas crianças cheguem [...]” (E6P).

Em primeiro lugar, vimos pela resposta de E6P que a BE passa para a equipe pedagógica as necessidades e “possíveis” projetos que serão analisados juntos com os professores e, só então, é dado o retorno para que se inicie na prática. A pessoa que trabalha na BE não tem como participar das reuniões da equipe pedagógica por problemas de horário, tanto pela pessoa fazer horário corrido, quanto da biblioteca, que precisa estar aberta, porém existe sempre o contato entre estes servidores da escola, para lhes garantir continuidade no planejamento. Acrescenta, ainda, que a participação da BE/Sala de Leitura no planejamento escolar para resolução das questões formais, como horário, atendimento, mudança de *layout* e execução dos novos projetos e, pela fala, nos leva a entender que a BE/Sala de Leitura, no sentido de articulação e planejamento com a equipe pedagógica/escola, atua de maneira passiva, respaldada pelas situações expostas anteriormente. Porém, na E6, segundo a própria escola, contam com um servidor por turno na BE/Sala de Leitura, fato que sanaria os problemas citados, permitindo a participação ativa de um dos servidores que atuam na BE/Sala de leitura nessas reuniões, em que pese, mesmo estando fechada nesse horário, seria para um bem maior em prol dos usuários, desde que planejado e comunicado com antecedência. Isso porque se faz necessário estar junto nas discussões, ouvindo, ponderando, articulando, opinando, concordando, discordando, enfim, participando ativamente das

²³ Trinta horas semanais, seis horas diárias, sem intervalo (Grifo nosso). Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/busca?q=JORNADA+DE+SEIS+HORAS+SEM+INTERVALO>

decisões do que será desenvolvido pela ou na BE/Sala de Leitura, que certamente contribuirá para clareza de visão de sua missão e papel na escola, integrante e participativa em prol do processo de ensino aprendizagem.

Como nos alerta Roca (2012, p. 25) sobre a BE: “não é que a biblioteca deva ser integrada, mas participar; não reconhecida, mas simplesmente, considerada com uma função clara e definida”.

Vejamos agora as respostas dadas pela responsável da Sala de Leitura desta mesma escola (E6B), única que finalmente tem um servidor específico.

Verifica-se para o item referente à pessoal na BE que, aparentemente, por ser tão desfalcado, ter alguém para abrir a porta já caracteriza vantagem sobre as demais escolas que não contam com ninguém, porém, na prática, tendo aqui como exemplo o que acontece em E2, percebe-se que com pessoal não qualificado, a realidade é uma só, ou seja, acaba não contando também com alguém para que a BE possa cumprir seu papel na escola, cabendo aqui, o que já foi dito anteriormente neste trabalho, portanto, repetindo o que nos diz Côrte & Bandeira (2011, p. 14): “pode até ‘tomar conta’ dela, mas jamais a transformará num espaço educativo e de efervescência cultural”.

Vamos às respostas de E6B:

“[...] Apesar de não ser uma biblioteca, pois é uma Sala de Leitura, a equipe pedagógica sempre está prestes a nos ajudar, a solucionar os problemas que tem, para que nós possamos dar um bom atendimento aos professores e aos alunos. Das reuniões pedagógicas, de planejamento da Secretaria ou da escola não participo [...] o que tem sido feito pela equipe é... eles tentam incluir a Sala de Leitura [...] nos projetos, como fazemos noite cultural, teatro, né? Essas são as partes que a gente tenta incluir a Sala de Leitura, Colocando os alunos a ter interesse pela leitura, né? E que assim eles possam fazer trabalho, teatro, representar as coisas que eles leem” (E6B).

E6B afirmou não participar de reuniões pedagógicas, nem na Secretaria, nem na escola, confirmando o que expôs E6P sobre o tema da articulação. É possível concluir por meio das respostas dos colaboradores desta escola que não existe um trabalho formal, sistematizado, entre o pessoal da BE e a escola. Vale aqui retomar o que nos informou, anteriormente E6P, dizendo que, quando parte do pessoal da BE alguma ideia, algum projeto, ele é passado para E6P que, em reunião com equipe pedagógica e professores, após decidirem se será adotado, passa a ser implantado na escola juntamente com o pessoal da

BE. Percebe-se pelas anotações de E6B que são somente atividades voltadas à promoção da leitura. Para entender melhor, cabe aqui retomar outro comentário de E6P: “na Sala de Leitura, a pessoa que fica responsável [...] passa pra mim quais são as necessidades ou possíveis projetos. A gente trabalha com os professores e aí passa o retorno pra fechar esse projeto e aí ele já começa a ser praticado dentro da escola”. Sem a participação de E6B diretamente nessas reuniões, como comentado anteriormente, portanto, confirmado também pela resposta de E6B que a BE atua de maneira passiva quanto às decisões finais do que vai ser desenvolvido, até que a atividade proposta seja aprovada pela equipe pedagógica juntamente com os professores para, só então, ser ou não, colocada em prática na escola. Aí sim, após a aprovação, passa a contar com a participação da BE, lembrando que, até então, E6B aguardava.

3.2.3 Inclusão da BE no Planejamento de Ação e quais são as ações

Quanto à inclusão da BE no Planejamento de Ação os participantes da pesquisa responderam:

“Sim, com certeza. O [...] PNAIC²⁴ mesmo mostrou um trabalho muito bonito, incluindo vários tipos de trabalhos com acervo bibliográfico, construção de material que professores apresentaram, inclusive foi lançado um livro, provavelmente, [...] teremos todo um momento dedicado à apresentação de trabalhos docentes e nesse trabalho vai ser entregue aos professores um livro, que foi construído pelos próprios professores, artigos escritos sobre o trabalho com os alunos, trabalhos com discentes na área de leitura, de pesquisa... Não propriamente na biblioteca né? Como eu falei, as escolas não têm biblioteca, mas elas têm Sala de Leitura e tem as bibliotecas itinerantes. Aquela que tem o menor acervo trabalha com bibliotecas itinerantes.²⁵ [...] quando nós fazemos um projeto que é da Secretaria [...], por exemplo, nós tivemos o “Todo dia é dia de ler²⁶”, se não me engano de Barueri [...] Nós participamos desse projeto e como Secretaria nós mobilizamos todas as instituições de ensino para fazerem um

²⁴PNAIC – O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. Disponível em <http://pacto.mec.gov.br/documentos-importantes>

²⁵O termo Biblioteca Itinerante é principalmente usado por bibliotecários britânicos e australianos, que o utilizam para descrever um veículo motorizado que transporta material bibliotecário. Em outros países são denominados Bookmobile, Bibliobús, Bucherbus, etc. Este documento utiliza o termo no seu sentido mais amplo. Qualquer serviço de Biblioteca, que não esteja fixo num lugar, é classificado como uma Biblioteca Itinerante. Disponível em <https://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/professional-report/123-pt.pdf>

²⁶Dia de ler. Todo dia. Campanha pela leitura. A campanha pela leitura começou na cidade de Barueri, São Paulo, em 9 de abril de 2015, quando mais de 93 mil pessoas participaram. Seis meses mais tarde, no dia 1º de outubro de 2015, aconteceu nova movimentação pela leitura, desta vez, com a participação de 427 cidades brasileiras e o envolvimento de mais de 1,3 milhão de pessoas. Agora, em 20 de setembro de 2016, a mobilização será mundial! É simples e não precisa de nenhum investimento. Basta ler, incentivar os amigos, os alunos e os familiares a fazerem o mesmo. Disponível em <http://arb.org.br/2016/09/dia-de-ler-todo-dia-campanha-pela-leitura/>

trabalho com as bibliotecas e com as Salas de Leitura, mobilizando tanto os discentes, como equipe da instituição de ensino, todos os profissionais da educação e comunidade” (S).

Cita ações que não foram desenvolvidas para, pela ou na BE/Sala de Leitura, mas ações ligadas a serviços que, provavelmente a BE/Sala de Leitura não foi parte integrante, não participou como BE/Sala de Leitura, quando afirma: “não propriamente na biblioteca, né?”. Mas cita por serem ações ligadas à leitura e a pesquisa, tendo como produto final um livro que, em sua concepção, remete à BE. São ações que poderiam ser articuladas com a, ou pela BE, se ela existisse. Ao visitar as escolas, citaram a biblioteca itinerante do SESC, que atende, também, as escolas. O Dia de ler. Todo dia, é uma campanha pela leitura que começou na cidade de Barueri, estado de São Paulo, em 9 de abril de 2015 e que se tornou nacional, e qualquer pessoa pode participar, porém, ações propriamente ditas, partindo da Secretaria com ou na Biblioteca, não foram citadas.

Lembrando Antunes (2005, p. 272): “o trabalho com leitura e biblioteca nunca poderá ser feito por meio de campanhas passageiras e, sim, com postura e opção permanente”.

“Nós temos uma caixa destinada a cada turma, então, como os livros são poucos, a gente coloca entre trinta a quarenta livros, por ano (ano escolar)²⁷. Primeiro ano tem uma caixa de livros, que são os livros menores, pouquinho mais né com ilustrações, essas coisas, segundo ano pouquinho mais de historinhas, terceiro ano já são livros um pouco mais infanto-juvenil e quarto e quinto ano já é juvenil. Então a gente separa em caixa...ela é... feito rodízio desses livros que também são incluídos no Programa Gestão Nota Dez, do Circuito Ayrton Sena²⁸, [...] isso, também, vale nota e, também, vale Talento, que outro projeto que temos aqui desenvolvido, que é o aluno ganha um dinheirinho por livro lido, por participação, ele ganha “dinheiro”. E esse dinheirinho fictício que a gente faz na nossa escola, a cada bimestre a gente faz um mercadinho e ele (aluno)²⁹ vai e faz compra. Então são assim... incentivos que a escola tem pra leitura. Além do caminhão do SESC³⁰, que vem uma vez por semana e, também eles (alunos)³¹ escolhem o livro [...]” (E1D).

As caixas as quais se refere E1D são as de papelão onde colocam os livros divididos por série, que, segundo ele, são poucos. Elas estão na BE/Sala de leitura e, pelo seu relato, fazem rodízio, levando os livros e trabalhando atividades relacionadas à leitura. Cita outro projeto: Talento, também voltado para a leitura. O espaço dedicado ao pequeno acervo nesta

²⁷Grifo nosso.

²⁸Disponível em <http://www.institutoayrtonsenne.org.br/como-atuamos/solucoes-educacionais/politicas-de-aprendizagem-escolar/>

²⁹Grifo nosso.

³⁰BiblioSesc – Para levar leitura e conhecimento ao interior do país, as 56 bibliotecas volantes do Sesc carregam cerca de três mil obras. Clássicos da literatura, aventuras, ficções e histórias reais chegam às mãos de leitores de todas as idades e fazem parte da maior rede de bibliotecas móveis do Brasil. Disponível em <http://www.sesc.com.br/portal/cultura/biblioteca/BiblioSesc/BiblioSesc>

³¹Grifo nosso.

escola é muito pequeno, por dividir uma sala com os computadores do laboratório de informática, ficando, na prática, muito limitado para o desenvolvimento de ações com os alunos no local, sem considerar a impossibilidade por não contar com pessoal para elaboração e execução de ações que contribuam no processo de ensino aprendizagem, permitindo que a BE cumpra sua missão na escola.

“[...] Nós temos vários projetos relacionados a livros, e eu também busco, como nosso ensino é de primeira a quinta, mais livros paradidáticos, né? Temos algumas enciclopédias, mas nosso foco maior são livros paradidáticos. E além da biblioteca, a escola também tem a parceria com o SESC, que a cada quinze dias, eles vêm à escola e os alunos também levam livros, tanto da biblioteca da escola, como da biblioteca do SESC, que aí a menina fez uma estimativa de duzentos e cinquenta livros pegos pela biblioteca, além do que a escola oferece. [...] E quanto a essa parceria os pais também usam os livros do SESC, que também tem mais acervos de livros para adultos, que não é o nosso caso, que é mais para a nossa clientela” (E2D).

Em suas respostas, tanto E1D como E2D citam a parceria com o SESC, Biblioteca Itinerante, como parte de suas ações desenvolvidas na BE/Sala de Leitura. A busca de parcerias no caso destas escolas acaba sendo necessária e assumindo um papel realmente importante, pela atual conjuntura ou, até mesmo porque as parcerias são de grande valia, pois só vêm a somar sempre, porém, entender que parcerias são para somar e não para assumir é, também, de fundamental importância, pois, “a escola que pretenda investir na leitura como ato verdadeiramente cultura, não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para a expressão genuína da criança e do jovem” (Carvalho, 2008, p. 23).

“A nossa biblioteca, ela funciona da seguinte maneira: os professores levam os alunos até a biblioteca, a gente dividiu em duas partes: uma parte com os livros e outra parte com as mesas, para que eles, além de desenvolver leitura, também possam trabalhar com materiais concretos, com outro tipo de atividade também. Até porque a escola é integral, então a gente tem que [...] tentar aproveitar tudo que a gente tem pra realizar todas as atividades da escola integral” (E3D).

Na escola E3, pelo espaço ser dividido com as aulas de artes e recreação, contam como ações todo o trabalho que existe no espaço com os monitores em suas aulas de artes, recreação e jogos de mesa, onde trabalham, também, com leitura. Essa escola, em meio a dificuldades com espaço para salas de aula e pessoal, mantém um local onde, pelo menos, pode disponibilizar os livros que têm e oferecer atividades voltadas ao incentivo à leitura, valorizando a existência desse espaço na escola, preferindo dividir, a ceder somente para as

aulas. Por outro lado, não podemos viver somente de boas intenções, paralelamente a isso, temos que procurar viver de boas práticas em relação à BE.

“Eu, como gestora costumo estar observando a biblioteca, mesmo para ver a questão da organização e como a mesma está sendo utilizada. Além do momento de leitura utilizado do primeiro ao quinto ano, o espaço também é utilizado para as aulas de reforço” (E4D).

Para E4D, além do momento de leitura que acontece no espaço, cita também as aulas de reforço e, pela maneira como aborda, parece aceitar como parte integrante das ações que são desenvolvidas na BE/ Sala de Leitura. Essa situação exposta por E4D foi quando da visita direcionada à entrevista, porque em outra, para conhecimento do espaço, uma vez que não foi possível até então, pela indisponibilidade do espaço e horário da escola, já havia sido cedido para turma da Educação Infantil.

“A equipe pedagógica, juntamente com o SOE³² e com a orientação pedagógica [...] idealizamos um projeto [...] que é o Projeto Família Nota Dez. [...] a criança leva, semanalmente, um livro para a casa, pra que os pais possam estar lendo para ela, então nesse momento o pai tem um momento pra trabalhar, conversar com a criança, um momento junto com a família, para a família, né? O projeto tem dado muito certo e tem sido um sucesso, praticamente 95% dos pais aderiram ao projeto e estamos contentes com os resultados. Neste ano que vem queremos novamente aperfeiçoar o projeto ainda mais e obter melhores resultados e o nosso objetivo é atingir os 100% dos pais” (E2P).

Em suas observações, E2P cita um projeto, uma ação desenvolvida junto à comunidade escolar, levando a leitura à casa dos alunos, o que ela considera como sendo uma ação planejada para envolvimento da BE/Sala de Leitura, talvez, pelo fato dela (BE) ter os livros que são levados pelos alunos para que seus pais leiam com eles e para eles, o que tem funcionado. Isso vem corroborar com o que nos orienta Roca (2012, p 31): “da biblioteca, pode-se conduzir um interessante trabalho de apoio à promoção da leitura nos lares e, também, um projeto estruturado de atenção às necessidades especiais e à compensação de desigualdades educacionais”.

“[...] não existe uma equipe da biblioteca. Existe a equipe de professores. [...] As ações de leitura são passadas através do planejamento dirigido. [...] É, orientar as ações de leitura, né? Em sala de aula pelo professor pra utilizar o espaço. Como a escola aqui é uma escola integral, a gente utiliza o espaço da biblioteca para aulas de artes. A biblioteca está dividida em duas partes e uma parte é trabalhada com jogos, né? Com recreação dentro da biblioteca, porque a escola é integral, falta espaço, então o espaço da biblioteca é utilizado por estes monitores, tanto pra aula de arte, quanto recreação de jogos de mesa [...] hora de leitura, hora de artes, hora de jogos [...] incluindo ações no planejamento do professor [...] nós trabalhamos com projetos na escola, durante todo o ano. [...] há uma sequência didática e a gente trabalha com a

³² SOE, para E2 é Serviço de Orientação Educacional, segundo informação de E2P. (Grifo nosso).

diversidade textual, então trabalhamos músicas, parlendas cantadas, né? Dentro da diversidade textual, que o foco é a leitura e a escrita [...] projetos voltados pra leitura” (E3P).

Como já mencionado, na escola E3, as aulas de artes e recreação, por não ter outro espaço, são ministradas no mesmo espaço onde funciona a BE. A escola não tem um responsável por ela e eles entendem como pessoal que atua na BE os monitores que ministram suas aulas lá, o diretor e equipe pedagógica e as ações, sejam de leitura ou outras, são incluídas no planejamento do professor que, mesmo sendo por força das circunstâncias, acaba desenvolvendo-as no espaço junto à BE.

“O planejamento para a utilização dos serviços é [...] feito através de horário. Cronograma que nós montamos com professores e a pessoa responsável pela Sala de Leitura. [...] tentamos encaixar, porque nós temos vinte e oito turmas na escola [...]. Os professores, eles utilizam a Sala de Leitura [...] uma vez por semana, todo professor tem que levar a sua turma no seu horário pra sala de leitura. Ele tem um horário pré-estabelecido. São quarenta e cinco minutos pra cada turma. Então ele chega [...] já a responsável pela Sala de Leitura, que tem esse cronograma, já sabe qual a turma que vai chegar, já existe aqueles livros próprios para aquela faixa etária, aquele nível de leitura, à disposição, mas não impede que um aluno que esteja pouco mais avançado pegue um outro nível de livro, pode ser pego também, mas o professor com os alunos, ele chega, pega uma sala organizada e ele precisa sair e deixar uma sala organizada, então eles aprendem também essa organização do espaço. É... o planejamento das atividades, ele é bem restrito [...], porque por ser uma Sala de Leitura, então as ações são bem específicas, é leitura, não tem como eu falei, pesquisa, ambiente pra pesquisa, pra discussão de conteúdo dos livros, grupos de estudos, coisas assim, que eu acredito que seja o ambiente favorável, NE, pra uma escola [...]” (E6P).

“A proposta [...] política da escola para a Sala de Leitura é o que está em prática mesmo, né? Que é o que a gente pode ofertar no momento, que são momentos de leitura e de empréstimos de livros, não temos como fazer de outra forma né? Uma vez que nós temos muitos alunos, o ambiente, o espaço é pequeno e o material que nós temos para oferecer é muito escasso, na verdade” (E6P).

Vejamos aqui, também, o que nos diz E6B a esse respeito:

“[...] as ações e atividades que realiza na Sala de Leitura, são os horários que temos para os alunos fazer(em) sua leitura, troca de livros ou eles também participar(em) com alguns jogos educativos que a Sala de Leitura oferece para eles. Essas atividades que participam são incentivando os alunos a ter(em) um interesse melhor pela leitura, como fazer relatórios, resumos, trabalho, teatro, incluindo o assunto que é a leitura de livros que eles têm. Essas atividades que participamos são incentivando os alunos a terem um interesse melhor pela leitura, como fazer relatórios, resumos, trabalhos, teatro, incluindo o assunto que é a leitura dos livros que eles leem” (E6B).

As respostas de E6P e E6B citam ações voltadas à leitura, mas mencionam utilizar o espaço como um local para desenvolvimento de habilidades dos alunos em relação à organização, respeito ao coletivo, artes, enfim, oportunidades para exercício de cidadania.

Em Kuhlthau (2013, pp 18-19) encontramos uma lista de habilidades para usar a biblioteca, orientando como colocar em prática, como acompanhar a evolução da aprendizagem em todas as etapas e orienta que,

“as habilidades para usar a biblioteca e os recursos informacionais não são aspectos isolados do projeto pedagógico da escola. Assim como a leitura e a escrita, elas constituem um conjunto de habilidades usadas para alcançar outros objetivos de aprendizagem”.

Ainda em Kuhlthau (2013, p. 19) encontramos que “o programa de desenvolvimento de habilidades para usar a biblioteca e a informação deve integrar-se à proposta curricular da escola”.

3.3 Perspectivas sobre a BE

3.3.1 Normativos sobre a BE/Institucionalização da BE

Neste item será analisado o conhecimento e entendimento, por parte dos colaboradores, dos documentos internos da escola, normativos e Leis nacionais e internacionais existentes sobre a BE – Institucionalização da BE.

Aqui serão analisadas as respostas dadas nas entrevistas em relação aos documentos internos, citaram no questionário, em sua maioria, constar a BE, se entendem essa inclusão da BE nos referidos documentos como apoio para que se institucionalize a BE na escola, fazendo cumprir o que neles consta e, para os normativos e Leis nacionais e internacionais, para entendimento do por que não conhecem e o que há de “ruído nessa comunicação” entre as leis, normativos e o sujeito.

Lembrando Silva (2005, p. 212): “É preciso lembrar que a biblioteca escolar só deverá ser considerada autônoma quando já for institucionalizada.”.

Entendemos que a biblioteca escolar, para cumprir seu papel, deve “estar em estreita sintonia com a concepção educacional e as diretrizes político-pedagógicas da escola à qual

está inserida” (Côrte & Bandeira, 2011, p. 8). Assim, procurou-se identificar se os colaboradores conheciam e/ou entendiam os documentos elaborados na escola, que citam a BE, como o Regimento Interno da escola, PPP e Plano de Ação, como ferramentas auxiliares no cumprimento do papel da BE, pois “mais que um documento esquecido no canto qualquer da escola, ou obrigação legal, o PPP deve ser um documento vivo, que de fato, mude a realidade dos alunos no processo de ensino-aprendizagem” (Ferreira, 2015, p. 34). Foi perguntado se existia algum normativo ou algum outro tipo de documento em nível de Instituição – Secretaria de Educação/Escola, que incluísse a biblioteca como agente integrante e participativo da escola, e qual(is), ao que responderam:

“É o Regimento Escolar. Nós, enquanto Secretaria, orientamos o Projeto Pedagógico escolar que conste, obrigatoriamente, e que conste no Regimento escolar, porque eles passam pelo Conselho Municipal de Educação e passam pelas nossas técnicas que fazem o acompanhamento lá na escola... Então... consta nos dois” (S).

“Ela está inserida no Regimento e na Proposta Pedagógica” (E5D).

“Não sei” (E6B).

Os demais participantes da pesquisa, responderam que não existia.

Considerando que no questionário cada escola havia respondido sim à inclusão da BE em pelo menos dois desses documentos, é possível perceber que pode estar sendo feito por pura formalidade, ou obrigação legal, mas que não é inserida por entenderem que tais documentos existem para que se procure cumprir o que nele está instituído e que passa a ser a institucionalização da BE na escola, como disse a colaboradora da pesquisa, da Secretaria, “orientamos o projeto político pedagógico escolar que conste obrigatoriamente [...] e que conste no Regimento Interno da escola”, porém, é necessário que se entenda o porquê e para que a BE esteja sendo inserida em documentos da escola.

Procurando entender o não conhecimento por parte dos sujeitos colaboradores da legislação e normativos referentes à BE em nível nacional e internacional, os referidos documentos foram novamente citados na entrevista e, em seguida, foram entregues cópias dos documentos: “Biblioteca Escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para as Bibliotecas Escolares” (GEBE/UFMG) e Resolução 119/2011 do Conselho Federal de Biblioteconomia, que o adota; a Lei 12.244/10, sobre a

institucionalização das bibliotecas escolares no Brasil; a Declaração Política da IASL (International Association of School) sobre BE; e o Manifesto IFLA/Unesco para Bibliotecas Escolares.

O documento “Parâmetro para bibliotecas escolares brasileiras”, adotado pela Resolução 119/2011, o CFB, trata, segundo Campello *et al.* (2011, p. 108), do processo de elaboração dos padrões e teve fundamentação no entendimento da biblioteca como espaço de aprendizagem, vista assim desde a década de 1960, pela biblioteconomia, e pressupõe-se que a escola compreenda e acolha a biblioteca como recurso de aprendizagem e tais parâmetros visam apoiar e complementar a Lei 12.244/10, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas no Brasil. Esta ação vem ao encontro do que compõe o Manifesto IFLA/Unesco, que também se constitui em um importante documento para servir como parâmetro para que se possa contar com uma biblioteca como espaço de construção do conhecimento (Vaz, 2102), além da Declaração Política da IASL que é encabeçada pelo Princípio 7 da Declaração das Nações Unidas sobre o Direito da Criança, na qual a biblioteca projeta sua ação. Neste contexto, foi perguntado aos colaboradores educadores se tinham conhecimento desses documentos.

A colaboradora da Secretaria, primeiramente, respondeu: “Temos. Não da forma como deveríamos, mas temos”. (S) Foi-lhe entregue o documento, ao que ela, com ele em mãos, continuou:

“Então... a nossa equipe da estatística chegou a construir um material com base nessas orientações para fazer um trabalho que não foi feito, nessa gestão [...]. A ideia seria formar [...], pela UAB. Então [...] não há essa apresentação desse material, a formação com base nesse material, não com as professoras. Mas, elas têm toda uma orientação daqui dos nossos técnicos. Esse material [...] é atual, não é?” (S).

Expliquei-lhe sobre o teor do documento, ao que ela respondeu: “[...] acredito que o que tenho é um... não, é da UFMG” (S).

Sobre a Resolução 119/2011 do CFB e a Lei 12.244/2010, ela respondeu: “Não, não tenho. A 12.000 sim, mas essa resolução eu não me recordo dela” (S).

E continuou:

“Com relação às (questões) que tratam dos documentos específicos da biblioteca [...] tivemos acesso a esses documentos, mas quando eu digo que eu não conheço é no sentido [...] de não lidar com eles continuamente, então se você me fizer uma pergunta hoje eu não sei te responder quais são os critérios específicos. Por quê? Porque nós não chegamos a inserir esses critérios dentro do nosso sistema. Então é algo que planejávamos formar com a UAB essa primeira turma que está aí já atuando e gradativamente inserirmos dentro das escolas, mas, nas escolas conhecimento técnico em relação a isso, elas não têm” (S).

“Sobre a legislação, [...] algumas eu conhecia por alto, mas... pesquisei [...] vi que algumas melhorias que a escola teve relacionada a acervo bibliográfico a gente recebeu pelas legislações que começaram a ser vigentes né?” (E2D).

“Eu conheço a Lei 12.244 que é a Lei Federal e também é... a Lei do Conselho [...] de Biblioteconomia, essas duas leis eu conhecia, as outras infelizmente eu não tinha conhecimento” (E2P).

Na E2 foram feitas duas visitas. Na primeira não foi possível concluir as entrevistas, devido a terem recebido visita do pessoal da Secretaria e MEC, inesperadamente, ficando remarcada para outro dia, porém os documentos já haviam sido mencionados: “É... Eu desconheço né? [...] eu tenho que fazer pesquisa em relação a isso” (E3D).

Um ponto positivo de imediato comentado pela E3 é que vai fazer pesquisa em relação à documentação, fato que comprova a necessidade da ação e intervenção nas escolas para discussões sobre os referidos documentos.

“Não, não me lembro de nenhuma assim de memória, não” (E3P).

“Não, porque [...] como nós não temos (BE), então você acaba não tendo interesse em se informar [...] sobre isso” (E5D).

“[...] como eu fiz parte do Conselho Municipal de Educação durante seis anos, nós sempre tratamos as nossas instituições hoje do município é... inclusive me parece que no Estado também não sei se tem Biblioteca propriamente dita, é... no nosso município principalmente aqui, estou me referindo a (nossa escola)... conhecimento da legislação, é... por não termos ainda uma... biblioteca, nós não temos [...] buscado conhecimento especificamente [...], nesta área, porque nós temos uma Sala de Leitura, com um acervo bom para ser uma Sala de Leitura, mas não buscamos assim essa legislação específica sobre biblioteca, até porque não temos ainda essa biblioteca implantada na escola, tá?” (E6D).

“Eu não tenho conhecimento de legislação ou normativa referente à biblioteca, uma vez que o município de Ji-Paraná nunca estabeleceu normativa para funcionamento da biblioteca na escola [...] E uma vez que a gente não tem biblioteca, acredito que a gente acaba se acomodando e não buscando esse conhecimento, né? E de repente é o que também nos falta pra estar dando uma alfinetadinha pra conseguir conquistar o espaço da biblioteca mesmo. Mas infelizmente a gente sabe que não depende de quem está na escola e teria que ser uma visão política mesmo a nível federal, né? A importância da biblioteca deveria ser discutida a nível nacional” (E6P).

Os colaboradores E1D, E4D e E6B responderam somente não conhecer.

O conhecimento do teor destes documentos pode contribuir para discussão e reivindicação em qualquer esfera, como direito do cidadão, para implantação da BE da escola onde atua ou da qual participa, trazendo para si a parte da responsabilidade que lhe cabe, pois, segundo o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar:

[...] A responsabilidade sobre a biblioteca escolar cabe às autoridades locais, regionais e nacionais, portanto deve essa agência ser apoiada por política e legislação específicas. Deve também contar com fundos apropriados e substanciais para pessoal treinado, materiais, tecnologias e instalações. (IFLA, 2000, p. 2).

Cabe aqui citar o que nos apresenta Castro Filho e Coppola Junior (2009):

Legislação específica, diretrizes e padrões já representam uma realidade para a implantação das bibliotecas escolares, no entanto, o agir dos responsáveis pela educação municipal e o envolvimento da comunidade escolar consolidará essa conquista na rede municipal de ensino [...], possibilitando a milhares de crianças e adolescentes o acesso à informação, cultura e cidadania (p. 39).

E para Campello (2010), na expectativa de que a comunidade escolar venha a ser fortalecida, participando da implantação e aperfeiçoamento da BE, no documento “Parâmetros para Bibliotecas Escolares Brasileiras”, além de fazer constar os itens com quantitativo, medidas, etc., enfim, “apontando indicadores” necessários para fazer acontecer uma BE dentro dos parâmetros necessários para ser uma “biblioteca escolar como espaço de aprendizagem” ao final, fez constar um *check-list* “que permite a avaliação e o planejamento sistemático da biblioteca de cada escola” e aponta o desenvolvimento destes parâmetros como ponto de partida para ações em prol da qualidade das bibliotecas escolares brasileiras.

Neste mesmo documento, em sua apresentação, Campello e Rodrigues, afirmam que “espera-se que, no nível básico, os indicadores sejam um ponto de partida, servindo para orientar a maioria das escolas que desejem criar sua biblioteca ou reformular espaços que ali já existem, mas que não podem ser considerados como biblioteca” (p. 8).

Analisando as respostas dadas pelos colaboradores, certificando que todos responderam não conhecer integralmente todos os documentos, e considerando a abordagem de alguns de que não conhecem por não terem a BE; conhecendo o teor dos documentos, lendo os comentários feitos sobre eles pelos profissionais envolvidos nesta causa, nos leva a acreditar que é justamente o contrário, ou seja, não têm BE porque não conhecem os

referidos documentos, conseqüentemente, impossibilitando a essas comunidades o acesso à informação, cultura e cidadania.

3.3.2 Identificação das concepções sobre a BE

Segundo Andrade e Machado (2014):

Ao analisarmos o papel das bibliotecas escolares na contemporaneidade devemos percebê-las e inseri-las na conjuntura da sociedade da informação e do conhecimento. Nesta a biblioteca é vista como um espaço de promoção de aprendizagens e formação de indivíduos críticos/reflexivos capazes de gerenciarem informações de forma autônoma e responsável mediante práticas leitoras e culturais diversas (p.20).

Considerando que se busca aqui conhecer a relação que há entre a biblioteca escolar e educação e sua importância para ela, e partindo do pressuposto de que ambas estão interligadas, quando se voltam a um objetivo maior que é a educação em sentido mais amplo (Silva, 2004), neste item foi perguntado, na visão dos sujeitos, colaboradores da pesquisa, qual o papel e a importância da BE na escola, a relação entre biblioteca e desempenho pedagógico e o que acha necessário para melhoria da BE de sua escola, com o intuito de identificar as concepções da BE, pelos mesmos.

(a) Sobre o papel e importância da BE na escola:

“Ela é uma parceira do professor [...] estamos tratando de alfabetização, de construção do conhecimento, porque a nossa visão é construtivista. Estamos tratando de construção do conhecimento e não há como fazer essa construção sem acesso a um bom acervo bibliográfico e sem uma pessoa com formação adequada para fazer esse trabalho articulado com o docente que está lá em sala de aula... e alcançar o objetivo da alfabetização” (S).

Este colaborador associa a BE como parceira na construção do conhecimento, por meio de um bom acervo bibliográfico e um profissional habilitado se articulando com o professor que está em sala de aula e, assim, alcançando o objetivo da alfabetização. Remete à ideia de um espaço dinâmico, participativo, articulado com o professor, mas a deixa atrelada somente ao acervo bibliográfico, não citando outros meios ou serviços voltados à atual visão da BE como integrante e participativa na construção do conhecimento, na formação do indivíduo como cidadão, muito além do espaço escola, para toda vida. Portanto, importa ter presente a abertura que a BE dá para a construção do cidadão:

“às crianças e jovens alunos um contacto com fontes diversificadas de informação que os auxiliem numa construção activa e reflectida do conhecimento (condição essencial para a progressiva construção da tão falada como imprescindível capacidade para desenvolver uma aprendizagem ao longo da vida) (Bastos, 2009, p. 316).

As perspectivas dos diretores das escolas são unânimes em considerar a importância da BE na escola, sobretudo no campo da leitura, que é o foco que quase todos mencionam. No entanto, verificam que essa importância não pode ser completamente cumprida, por dificuldades de diversa ordem.

“O papel da BE, ele é fundamental para que a criança possa desenvolver [...] o gosto pela leitura. Eu acho que eu me formei assim, eu gosto de ler, porque tive acesso a uma biblioteca, eu tive acesso à leitura, as pessoas liam pra mim, aquilo foi despertando meu interesse, foi abrindo novos horizontes, então eu acho que a biblioteca é fundamental pra que as crianças aprendam a gostar de ler” (E1D).

Para este entrevistado, a BE está relacionada somente à leitura. Lembramos aqui o que nos orienta (Campello, 2012, p.7) sobre o que revelam as pesquisas recentes a respeito de BE: “uma ampliação significativa do papel da biblioteca escolar: do paradigma da leitura, para o paradigma da aprendizagem [...] revelam potencial para ser um espaço de aprendizagem”.

“[...] a gente não tinha biblioteca, a gente tinha só um pequeno espaço que as crianças só iam ler e pegavam, mas não tinha aquele momento para o professor levar aluno lá... porque nós temos um cronograma semanalmente, aonde as crianças vão lá com o professor e duas vezes na semana eles passam cinquenta minutos na biblioteca. Então todas as turmas do primeiro ao quinto ano têm esse horário, que eles vão lá à biblioteca, independente dos livros que são levados pra casa, eles têm cinquenta minutos pra ler na sala da biblioteca. Então eu vejo assim, que quando a gente participou do concurso pensando em montar, equipar nossa biblioteca com mais acervo, com mais estrutura de... bancos, bem criativa, bem atrativa, né? A gente percebeu que nós não tínhamos o coração, que seria a biblioteca, o coração da escola, então... o que nós falamos... nós temos que criar o nosso coração, que nós estamos sem coração... Então a importância da biblioteca para a escola é indispensável, inclusive a orientadora e a supervisora apresentou o projeto para os professores em reunião pedagógica que foi aprovado e, hoje, a gente vai finalizar esse projeto [...] que é o Família Nota Dez, que é um incentivo para o pai ler para o filho em casa aos finais de semana [...], a gente tem buscado através da leitura né?... essa parceria, para que nossos alunos possam melhorar ainda mais a leitura e a interpretação” (E2D).

Relata que sentiam a falta do “coração da escola” sem a biblioteca. Relata os trabalhos que realizam hoje, com êxito, que vão além dos muros da escola, alcançando as famílias dos alunos, buscando parcerias. É um trabalho realmente louvável. O espaço é atrativo, mobiliário adequado, colorido, atraente, mas como a própria escola se posicionou ao ser perguntado se possuía BE, a resposta foi: possuímos uma Sala de Leitura e, embora

em meio ao discurso denominem a Sala de Biblioteca, sabe-se que o trabalho com a leitura é, entre outros, somente um dos serviços que a BE pode disponibilizar.

O próprio projeto que oferece a Sala de Leitura aos contemplados recebe o nome de Projeto Biblioteca Cooperar e durante a entrega do acervo é chamado sempre de biblioteca.

“A biblioteca [...] é muito importante dentro da escola, porque ela tem uma intencionalidade não só política, mas também social [...] o prédio físico [...] é um lugar onde a criança é acolhida e ali ela tem contato com uma diversidade de conhecimento muito grande, então... é o momento que eu digo que ela pode viajar e conhecer outros mundos [...] Os livros nos fazem conhecer diversos mundos, diversas culturas e é maravilhoso. A biblioteca tem esse papel essencial dentro da escola” (E2P).

Vai mais além do conceito da BE somente no contexto escolar, da sua influência política e social através da formação do indivíduo, cita a importância de se ter um local para ela (BE) na escola, um “prédio físico”, lugar de acolhimento da criança, onde ela tenha contato com a diversidade de informação para a construção do conhecimento.

“Eu acredito que a biblioteca [...] é muito importante, até porque hoje a gente está com tantos alunos [...] letrados e analfabetos, né? Até porque nós brasileiros não temos muito o hábito de leitura e, atualmente com internet, as pessoas, os jovens, só querem [...] ver tudo no telefone, no computador ou no notebook. [...] não consigo entender, interpretar alguma coisa sem estar manuseando, eu prefiro, ainda, folhear, né? Então... eu acho que é muito importante a escola estar sempre desenvolvendo alguma coisa com relação à leitura por conta disso, porque nós, as famílias... elas não têm o hábito de leitura, não têm livros em casa, não tem hábito de comprar livros, né? Se a gente for prestar atenção, dentro de nossa cidade, é... as livrarias estão praticamente falidas, né? Porque as pessoas não têm o hábito de comprar, então... pra que abrir livraria se não tem um cliente, é pouca clientela. Quando você vai a alguma livraria, você vê, pelo menos aqui em Ji-Paraná, né? Que o acervo é ainda pobre, né? Muito... muito limitado. Então é... é isso que eu penso em relação né?... que a gente tem que trabalhar mais, vendo os índices agora né? Saiu da educação do Brasil, ficou ainda mais atrás, ainda né? (E3D).

Aqui, o colaborador fala dos meios atuais, com a informatização, que, a seu ver, pode interferir no hábito de leitura, colocando o livro impresso como o melhor veículo para incentivo à leitura, mesmo reconhecendo que a juventude atual não se interessa mais por esse meio, por esse suporte, que preferem os mais modernos, como no caso dos *tablets*, *kindles*, *notebooks*, etc. Cita a BE como sendo, muitas vezes, o primeiro contato da criança com a leitura, apontando os vários problemas sociais que levam à falta de hábito de leitura, o pouco interesse pelos livros, a dificuldade que o comércio livreiro tem ao tentar trazer o livro pra mais perto, assinalando que isso se deve a falta de incentivo, e que a BE pode trabalhar com isso, colaborando na solução de tais problemas. Demonstra uma visão da BE como sendo um lugar na escola que pode colaborar com o cumprimento de seu papel social.

“Em minha opinião a biblioteca, ela é de suma importância na escola, mesmo sem ter esse profissional específico que fique lá né? Se tivesse seria muito melhor, que é correto, mas como nós não temos, nós tínhamos uma pessoa, mas devido à falta de professores, né? Ela assumiu uma sala de reforço e ela não está mais na biblioteca. Então a gente sente muito a diferença. Mas não é porque não tem esse profissional específico que o professor de pré ao quinto ele não vai utilizar esse espaço, como eu disse, incluindo no seu planejamento” (E3P).

Embora pareça no início de sua fala, que está se referindo ao profissional habilitado para desempenhar seus serviços na BE, ou seja, ao bibliotecário, no decorrer de sua fala, percebe-se que está se referindo a um servidor da escola, que pudesse ficar lá, porque nem esse a escola tem no momento, pois há falta de professor – o que estava foi recolocado em sala de aula. Mas dá ênfase a que não será esse o motivo pelo qual os professores deixarão de utilizar o espaço e seus recursos, deixando de incluí-lo em seu planejamento, o que demonstra um grande interesse de manter a BE no planejamento escolar. Na realidade, esta escola não tem outro espaço disponível para as aulas de artes e recreação, por isso cita os professores de pré ao quinto porque, para suas aulas, dividem o espaço onde abriga os livros, jogos, material de arte e eles passam a incluir em seu planejamento tais aulas, como sendo na biblioteca. O lado positivo é que está sendo utilizado.

“O papel da BE na verdade seria de entretenimento para o campo da leitura, né? O incentivo à leitura, a descoberta, né? De história, de vivência, porém, com a falta de recursos, de investimento, o espaço acaba tendo outras finalidades, o que não vem a agregar e nem colaborar com o trabalho pedagógico, tá?” (E4D).

Vê o papel da BE na escola voltado somente à leitura e recreação. Na realidade, no espaço ocorriam aulas de reforço, naquela época, segundo a direção. Como já comentado anteriormente, numa segunda visita para conhecimento do espaço, a sala já havia sido cedida para uma turma da Educação Infantil.

“Seria muito importante, seria não, é importante, mas assim... nós temos uma dificuldade muito grande de estrutura, tanto na parte física, como na de acervo, inclusive na Sala de Leitura não tem acervo suficiente e neste ano de 2016 [...] até perdemos a Sala de Leitura, porque eu tive que abrir turmas na Sala de Leitura. [...] E acrescentei a Sala de Mídias junto com a Sala de Leitura, então acaba não desenvolvendo nenhum papel e nem outro” (E5D).

O que vem corroborar com Ferrarezi e Sousa (2014) quando afirmam:

o estabelecimento de uma biblioteca em salas de aula adaptadas inibe, segundo Furtado (2004) e Antunes (1998), o seu pleno funcionamento e continuidade, pois, a qualquer momento, por falta de espaço, estas salas podem ser desativadas- o que nos leva a dizer que a biblioteca escolar ainda se encontra em um longo estado de provisoriedade que, sustentado pela inércia do poder público, dificulta a superação dos problemas que a afetam (p. 82).

Ainda, em relação a essa escola (E5), que abriu turma na sala onde estava a BE em 2016, foi ela a única que disponibilizou os três documentos solicitados para análise e que cita a BE nos três, conforme apresentado no item análise dos documentos, nesta pesquisa. Sobre esta escola a Secretaria informou que contava com BE ou Sala de Leitura e que se tratava de:

“[...] uma escola que tem conseguido um trabalho excelente com toda a equipe docente. Você tem o cronograma de atendimento de laboratório, de biblioteca e eles conseguem fazer essa articulação, porque às vezes fica uma coisa isolada, o aluno vai para a biblioteca e eles conseguem fazer essa articulação: laboratório, biblioteca escolar e sala de aula. Habilidades que estão sendo trabalhadas lá para poder melhorar o rendimento do aluno. Digamos assim: habilidades do aluno de compreensão, de interpretação de texto, de lógica matemática. Então... consegue fazer um trabalho articulado, professor e professor responsável pela biblioteca, sala de leitura, do laboratório” (S).

Na resposta de S, acima, observa-se a (des)articulação entre a Secretaria e as escolas, quanto às instalações e funcionamento das bibliotecas escolares.

“Vejo que a biblioteca seria uma necessidade das instituições maiores que irá, sem dúvida, aperfeiçoar esse conhecimento das crianças e também dos nossos professores. Seria mais uma ferramenta que os professores [...] teriam para fazer... para preparar suas atividades e trabalhar com os alunos [...]” (E6D).

A escola onde atua este colaborador conta com mais de mil alunos e com um espaço muito pequeno e apertado, além de receber os livros didáticos no PNL D, que ocupam algumas das mesas baixas que existem neste espaço, por isso acredita que pelo menos para escolas assim, maiores, como no caso essa, deveriam contar com uma biblioteca e não somente com uma Sala de Leitura. Expõe uma visão mais ampla sobre o papel e a importância da BE na escola, quando diz que seria um lugar para interação BE/professor/aluno, não se restringindo somente a espaço para leitura. “O papel da Sala de Leitura na nossa escola é possibilitar os alunos e professores esse momento diferenciado, um ambiente diferente, conhecer como é que é um pedacinho do que seria uma biblioteca né?... O momento da leitura” (E6P).

Este colaborador se reportou ao que têm disponível na escola, à Sala de Leitura, colocando-a como parte do que seria uma biblioteca, ou seja, com a visão de que a leitura é só mais um serviço que a BE oferece.

“Na minha visão o papel da BE é auxiliar os alunos, oferecer livros para suas pesquisas e também tem um papel fundamental que é incentivar os alunos a ter uma curiosidade pela leitura, porque

a leitura nos permite viajar para diversos lugares, sem a gente sair do lugar e a biblioteca tem um papel muito importante, é fazer com que eles descubram isso, porque sem a leitura a gente não vai a lugar nenhum” (E6B).

Este colaborador amplia sua visão em relação ao papel da BE quando cita o auxílio às pesquisas por meio de livros, certamente porque é o que tem disponível neste espaço. Cita como papel fundamental da BE o incentivo à leitura como meio de aquisição de conhecimentos diversos no lugar em que está, ideia já compartilhada por outros colaboradores, como por exemplo, E2, neste mesmo tema.

(b) Relação entre a BE e o desempenho pedagógico

Como apresentado anteriormente, a BE não pode mais ser entendida apenas como um espaço para se trabalhar com leitura, ora como apoio à alfabetização, ora como apoio ao hábito de leitura, ora como leitura de lazer, sem se voltar para a formação de cidadão como um leitor crítico. O conceito contemporâneo de BE é o de uma instituição presente e participativa do processo de aprendizagem que, juntos, todos os educadores: bibliotecários e professores, possam planejar atividades e ações voltadas para situações que levem os alunos a desenvolverem competências informacionais, que lhes serão úteis para toda vida, como cidadãos críticos e independentes, conseguindo em meio a tantas informações e tantas mudanças, ser capaz de discernir ou decidir o que lhes será útil e o que não, de maneira que permita “às crianças e jovens tomar conhecimento de informações acessíveis, dominar habilidades para localizar os materiais desejados e ter competência para avalia-los, selecioná-los e interpretá-los” (Kulthau, 2013, p. 23).

Campello (2008, p.11) afirma que “ao reproduzir o ambiente informacional da sociedade contemporânea, a biblioteca pode, através de seu programa, aproximar o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no seu dia a dia, como profissional, como cidadão”.

Para que isso possa acontecer em sua plenitude, é necessário entender que:

a existência e a essência da biblioteca escolar, enquanto tal, exige que esta não se feche nas suas quatro paredes, continuando a (sobre)viver nas margens do trabalho pedagógico desenvolvido pela escola; pelo contrário, a biblioteca escolar deve estar profundamente envolvida e implicada nesse labor, contribuindo com as suas mais-valias [...] para o sucesso escolar e educativo dos alunos. (Bastos, 2009, p. 318)

Para a BE, além de outros fatores que podem afetar o bom andamento de seus serviços, soma-se os de ordem pedagógica que, não lhe atribuindo a relevância merecida, podem impedir que cumpra o seu papel integral na escola, o que vem a corroborar com o que nos apresenta Bastos (2009):

Podemos assim dizer que aos factores contextuais que normalmente afectam as bibliotecas em geral – de ordem social, intelectual, organizacional, económica... – aliam-se os componentes de ordem pedagógica, mais prementes na biblioteca escolar [...] a biblioteca escolar está, antes de mais, envolvida na questão da qualidade do ensino que desenvolvemos nas nossas escolas e na luta contra a exclusão e o insucesso escolar (p. 320).

Também para Davies (1974, citado em Silva, 2009, n.d.):

la biblioteca escolar se convierte en una fuerza que favorece la excelencia educativa cuando funciona como un elemento de apoyo que es parte integrante del programa educativo em su conjunto [...] El programa de la biblioteca y el programa educativo son interdependientes, idénticos e inseparables.

Com base nestes referenciais é que foi perguntado aos colaboradores qual a relação que vêm entre a BE e o desempenho pedagógico, ao que responderam:

“A base da, [...] da educação municipal é de 1º ao 9º ano. E uma clientela maior ainda é do 1º ao 5º ano, na Educação Infantil. Qual é a base? É a alfabetização da maneira mais ampla possível, porque quando tratamos, por exemplo, da Educação Infantil, ela é... a leitura, ela é essencial... a pseudoleitura, a expressão para a criança criar, para a criança desenvolver ideias, ela precisa conhecer, ela precisa ter esse contato com todo tipo de acervo bibliotecário e as escolas, como mencionei, elas não têm biblioteca escolar, mas todas elas têm sala de leitura [...]. Não são organizadas dentro da estrutura de uma biblioteca, mas tem um acervo considerável, as que não têm essa biblioteca escolar têm a biblioteca itinerante, que elas são fundamentais nesse desenvolvimento da criança. É o contato com os diferentes tipos de textos, contato com diferentes portadores de texto, o contato com os projetos diferentes de leitura que é feito em biblioteca escolar ou sala de leitura. Então, ela é essencial para a formação da criança nessa etapa de desenvolvimento, porque... então... não tem como alfabetizar sem um acervo bibliográfico [...]” (S).

Primeiramente S fala da importância da leitura, do contato com o acervo bibliográfico, com os diferentes portadores e tipos de textos na alfabetização. Portanto, até agora vimos que se refere a um acervo mínimo que uma BE deve ter disponível. Depois, novamente, S enfatiza que as escolas não possuem biblioteca e, a essa altura, já podemos concordar com essa sua fala, mas enfatiza que todas as escolas possuem sala de leitura e um acervo bom e, considerando as escolas visitadas, temos respaldo para discordar de S. São situações desta natureza que nos levam a crer que não existe um controle real do que existe, de fato, nas escolas em relação a esses espaços e o que neles tem, por parte da Secretaria Municipal de Educação. Mesmo não tendo BE em nenhuma escola, como sempre foi

ênfatisado por todos e, inclusive, por S, para Salas de Leitura, muitas estão deixando a desejar também, quando se verifica o espaço disponível, o acervo, as atividades desenvolvidas, o pessoal para atendimento. Sabe-se que o trabalho disponibilizado pela BE na escola é muito mais abrangente, pela sua proposta, pela sua missão e pelo seu papel na escola. Alguns colaboradores desta pesquisa deixaram claro ter essa percepção, esse entendimento, mas é bom que se tenha esse mesmo entendimento em relação à sala de leitura, para que não se acomode com alguns poucos livros, justificando ser uma sala de leitura e não uma BE, como resposta à precariedade. Mesmo que as sejam bem montadas, como acontece em umas poucas escolas, não esquecer que ela não substitui a BE, mas que pode até ser incorporada a ela, dada a missão dela que, como já vimos, cabe perfeitamente na missão que a BE sempre atribui aos seus espaços infanto-juvenis.

“Para que a criança possa ter um desempenho pedagógico, a gente chama cognitivo, tudo é a base de ler, não só ler, nós falamos bem assim, uma criança, ela tem que ler e se letrar, né? Hoje em dia está se falando isso muito, porque ...você...só ler e decodificar aquilo, casa, muro, bola, é uma coisa, agora quando você começa a ler e dá sentido para aquela leitura... e você começa a entender essa leitura e utilizar ela para seu mundo, ela vai ter um desempenho melhor e isso é através da leitura, né?” (E1D).

Para ED1, a contribuição da BE no desempenho pedagógico está vinculada à leitura, mas com sentido crítico, não ler por ler, mas entendendo e incorporando na vida, no seu mundo. Desempenho pedagógico: BE = leitura.

Analisando o que nos fala ED1, nota-se, por parte deste, a reconhecida conexão que faz da BE com a leitura. Se nos voltarmos para uma concepção mais atual de que a biblioteca escolar, além de incentivar a formação do hábito de leitura é, também, um espaço de estudo, de aprendizagem, de enriquecimento cultural, intelectual, de construção do conhecimento, dinâmico, passamos a entender que seu papel vai bem mais além e a reconhecer nela um potencial muito maior como integrante e participativo do processo educativo, como nos orienta Kulthau (2013, p. 19), onde encontramos que,

lemos para descobrir significados. Escrevemos para transmitir ideias. Utilizamos as habilidades de usar a biblioteca para localizar e interpretar informações que ampliam nosso conhecimento e nos permitem tomar decisões e fazer escolhas adequadas. Quando conjuntos de habilidades são ensinados como atividades isoladas, geralmente ocorrem problemas de aprendizagem.

“A gente [...] que, quanto mais os nossos alunos lerem, melhores eles serão, mais críticos [...]. o resultado disso tudo, que foi plantado... principalmente nesse ano, a gente só vai colher para o ano que vem ou mais pra frente, que a gente vai conseguir comparar como que foi o maior

incentivo da escola em leitura pra gente poder ter um diagnóstico preciso do que melhorou após a implantação desse projeto deste ano” (E2D).

Desempenho pedagógico: BE = Leitura

E2D também vê a BE como contribuinte no desempenho pedagógico somente por meio da leitura e, pelo que foi visto *in loco*, possuem Sala de Leitura, com grande parte do acervo composto por livros de literatura, portanto, provavelmente, a resposta tenha sido dada considerando o que têm na prática e, por isso, fala que terá que esperar os resultados para diagnóstico, ou seja, para saber se a BE/Sala de Leitura contribui com o desempenho pedagógico. Cabem aqui, também, as mesmas considerações feitas acima, em E1D, sobre a abrangência do potencial da BE no processo educacional que, uma vez entendido e praticado, certamente, também de maneira mais abrangente, colherão melhores resultados, diariamente e definitivamente.

“As crianças geralmente vão à biblioteca duas vezes na semana, onde eles têm esse momento junto com o professor pra leitura dos livros, pra troca entre eles, conversarem a respeito dos livros, muitas vezes na sala é feita a apresentação, também, desse livro e as crianças têm a oportunidade de dizer do que gostou, do que não gostou, conversam um pouco sobre o autor [...] tentar, também, muitas vezes modificar o final da história, então é feito todo esse trabalho, mas com o professor” (E2P).

Quando E2P enfatiza que a BE/Sala de Leitura participa do desempenho pedagógico, relatando atividades que o professor desenvolve com as crianças na biblioteca, utilizando o livro para leitura, discussões, dando oportunidade para que se expressem sobre ele e enfatiza: “mas com o professor”. Certamente está se reportando ao fato de não ter partido da BE e, implícito, a denúncia de não poder contar com a pessoa que atua na BE que, enquanto coube, foi explicitado.

“[...] a gente precisa trabalhar a [...] Educação Infantil, séries iniciais, trabalhar bastante com leitura, porque a criança vai aprender a ler e escrever, mas se ela não souber, vai ter sempre limitações, chegando até a universidade com todas essas dificuldades” (E3D).

Em suas observações, E3D expõe a importância da BE no desempenho pedagógico, como lugar onde se pode trabalhar desde cedo a leitura, deixando implícita a preocupação com o desenvolvimento da leitura crítica para formação do indivíduo, para toda sua vida, quando diz que “mas se não souber...vai ter suas limitações, chegando até a universidade com dificuldades”, ideia que vem a reforçar o que esta pesquisadora citou no início da pesquisa sobre perceber as dificuldades que os alunos têm em utilizar a biblioteca

universitária, em permanecer em estudo contínuo, não só para necessidades pontuais, como no caso de trabalhos exigidos pelos professores, ou para provas, mas para aproveitar esse momento em que estão passando pela universidade, de formação para suas profissões futuras, para toda vida, e que se tivessem tido a oportunidade de ter no Ensino Fundamental a BE ativa, dinâmica, integrante, participativa, quando no início de sua formação, dentro dos parâmetros, como realmente ela deve ser, cumprindo o seu papel, com programa de desenvolvimento de habilidades para utilização da biblioteca e da informação (Kuhlthau, 2013). Portanto, no desenvolvimento de habilidades informacionais, certamente agora, o outro tipo de biblioteca que têm disponível neste outro momento de suas vidas como universitários, estaria sendo explorada e utilizada, como lhes confere de direito.

“A biblioteca é muito importante. E o incentivo à leitura, também. [...] a gente escolhe livros com gravuras grandes, chamativa, pra motivar as crianças a ler, a letra grande, a letra palito que chama a atenção da criança, porque precisa motivar, né?... despertar a criança para o gosto de leitura, se ela começa fazendo a leitura de imagens, mesmo sem saber ler, a pseudoleitura, depois, ele estando motivado, ele vai ler livros, né?... é... maiores, livros sem gravuras, a gente acredita”(E3P).

BE = Leitura.

E3P acha a biblioteca importante e, em sua resposta, expressa o cuidado que têm na seleção dos livros, para que possam explorá-los em diferentes sentidos, com atividades voltadas para o desempenho pedagógico. Desde a Educação Infantil, com o intuito de motivá-los a, mais tarde, continuarem com gosto pela leitura, passando a ser realmente um leitor assíduo. É uma visão voltada ao espaço da sala de leitura, que é o que E3, de alguma forma, possui, também.

“[...] o trabalho em relação ao campo pedagógico às vezes é quase nenhum, já que a biblioteca não tem acervo necessário, nem as mídias digitalizadas, que são o que as crianças procuram hoje, novas tecnologias pra uso, não só o livro formal, aquele livro... livro de papel, né?... as crianças querem mais que isso” (E4D).

Desempenho pedagógico: BE = Leitura.

O colaborador E4D comenta a situação da escola onde atua que, atualmente, não conta mais nem mesmo com o espaço e o acervo ao qual se refere, *in loco*, verifica-se que é, praticamente, nada.

Reforça a ideia de que BE é apenas para leitura e, enfatizando seu entendimento sobre a BE ter perdido seu espaço na escola em razão das novas tecnologias, não associando as mudanças de suportes para leitura como perfeitamente viáveis para fazer parte do acervo da BE, como se ela fosse traduzida em leitura em livros de papel.

“Eu diria que eles caminham juntos e a BE faz muita falta num ambiente pedagógico e na aprendizagem da criança.” (E5D)

Segundo E5D, teve que ceder o espaço da BE para abertura de novas turmas, mas expõe aqui ter o entendimento de que a BE é importante nesse processo como parceira e que faz falta, não estando condizente a fala com a ação, porque mesmo tendo esse entendimento, ainda assim, a escola cedeu o espaço.

“A relação entre a biblioteca e desempenho pedagógico sem dúvida é fundamental, porque ela enriquece [...] a questão do autoconhecimento acadêmico, a criança viaja no espaço da leitura e assim ela vai buscando, abstraindo um novo conceito da sua formação.” (E6D)

E6D cita a contribuição da BE no desempenho pedagógico, quando por meio da leitura ela (criança) obtém o desenvolvimento da sua formação.

“A importância da nossa Sala de Leitura [...] é tremenda. Ela é incentivadora da leitura, do contato... dessa criança conhecer o que é um livro, as cores, os desenhos, as letras. [...] o ideal seria como já falei, outro ambiente, um ambiente maior, pra pesquisa, pra estudo, pra discussão, pra um momento diferenciado da leitura dos pequeninos, teria que ser algo bem grandioso né?” (E6P)

Aqui, E6P descreve um ambiente mais condizente com uma BE. Demonstra entender como seria um espaço estruturado para esse fim, com os ambientes separados e apropriados para os diversos momentos do educando na escola e inclui, como mais um serviço, um espaço “diferenciado da leitura dos pequeninos” que, se bem analisado, remete à sala de leitura como mais um espaço da BE, enfim, como parte do desempenho pedagógico, por meio de vários serviços e atividades voltados para a aprendizagem.

“Bom, com relação ao desempenho pedagógico, considero bom, apesar de que nesse estabelecimento... que é uma Sala de Leitura... nós não temos muito recurso a oferecer, mas no que a gente tem tanto a pessoa que está na biblioteca faz o possível para ajudar, né?... nos projetos pedagógicos, ajudar os professores, ajudar os alunos e vice-versa” (E6B)

Quando analisada a resposta do colaborador E6B, a palavra utilizada “ajudar” dá a conotação de que a sua função ali é atender aos alunos em suas solicitações de livros, aos professores em suas solicitações de material para aula, inclusive no sentido de confecção de

cartazes ou outros materiais necessários para utilização em sala ou em eventos, que ela executa na mesma sala. Porém, nota-se uma interação desse pessoal da escola, à medida do possível e do que tem de conhecimento.

(c) O que acha necessário para melhoria da biblioteca das/desta escola(s) e considerações finais

“Por questões financeiras [...] de planejamento, não foi possível ter, ainda, em todas as instituições, mas é a meta, é o propósito nosso que isso aconteça e que, assim... foram alguns anos com o foco meio longe desse propósito, então... nessa gestão, o nosso prefeito, ele deu assim, carta branca para a Secretária e foi assim um ponto maravilhoso. Então... nós temos liberdade de investir na educação. Então foi um investimento muito grande [...] Mas, por exemplo, o espaço da biblioteca escolar vai ser uma conquista que tem que ser de forma diferente. Mas nossas instituições estão sendo preparadas para terem espaços específicos como, por exemplo, na “Mário Andreazza”³³, agora já tem a sala de leitura associada à sala do faz de conta, com a sala de artes integradas e outro espaço como sala de movimento. Então são espaços específicos que estão sendo criados gradativamente de acordo com a possibilidade de ampliação do espaço físico da escola e de pessoal” (S).

Primeiramente explica que, por questões financeiras, a BE não está, ainda, em todas as instituições de Ensino Fundamental do município. Logo após, cita que a Secretária recebeu “carta branca”, com liberdade para investir e que foi um investimento muito grande na educação, o que não corrobora com a primeira fala, tornando-a sem efeito. Por questões de planejamento, sim, talvez possa ser esse o motivo, parecendo ser confirmado quando diz que “é a meta, é o propósito nosso que isso aconteça”, mas, não diz como e nem quando. Passa a citar outros espaços que estão sendo criados, mas não inclui a BE que, relembro, com a Lei 12.244/10, a qual S diz ter conhecimento, conforme sua resposta apresentada no (quadro 7), deverá ser implantada em todas as escolas do país, respeitada a profissão de bibliotecário. Lembrando, ainda, que a Lei se refere à Instituição Biblioteca Escolar.

“Então... para que melhorasse nossa biblioteca escolar, seria a ampliação do espaço e a ampliação do acervo da escola. Além do outro projeto, também, que eu tenho em mente, que é o primeiro que eu trabalhei desde que eu tinha dezessete anos, que era a Hora do Conto. Então... os professores, poucos fazem, ainda, a hora do conto. É o primeiro e o segundo ano a gente vê acontecendo, mas se a biblioteca tivesse um espaço mais amplo e mais arejado, arejado ela até que é, porque temos ar condicionado bacana, e tal, mas um espaço mais amplo, só para a biblioteca, com acervo um pouquinho diversificado, um pouquinho maior né? E, tivesse uma pessoa destinada, formada na área, ou eu gostasse pelo menos disso e trabalhasse esse projeto de hora do conto, facilitaria muito e favoreceria, também, as crianças a gostarem da leitura, despertaria esse interesse por elas, né?... Então... eu creio que a leitura, ela é a base de todo o conhecimento do aluno e é o que pode mudar realmente a vida de uma criança, que foi o que aconteceu comigo” (E1D).

³³ Esta escola é da área rural (Grifo nosso).

Embora não seja objeto de estudo desta pesquisa, cabe esclarecer que o projeto Hora do Conto, que o colaborador diz ter participado, trata-se de um projeto da Biblioteca Pública Municipal deste município, na década de noventa, na Seção Infanto-juvenil daquela Instituição (Seção extinta, passando a funcionar neste local, atualmente, o polo da UAB, por decisão da atual gestão municipal), que atendia, principalmente, as crianças de escolas públicas, muitas delas de periferia, com várias atividades culturais, recreativas, de lazer, enfim, trabalhava-se neste local, a leitura e, embora não acontecesse ali, pois, nesse caso era utilizada a Seção onde fica o acervo geral, orientava-se a pesquisa e a utilização dessa seção. Essa Seção infanto-juvenil auxiliou muitos cidadãos a hoje terem sua profissão, sua formação, muitos deles na área de educação, como é o caso desse colaborador. O que evidencia na fala é que a associação foi feita a essa única atividade, hora do conto, e não à biblioteca como um todo, que disponibilizava outras atividades, como por exemplo, de pesquisa, clube de ciências, sala de xadrez, etc. Um processo similar é visto na BE, quando é associada somente a uma de suas atividades que é o trabalho com leitura, nota-se a necessidade de alguma intervenção na escola para esclarecimento junto aos gestores e educadores do que ela, na prática, pode fazer pela escola e desvinculá-la da visão de apenas leitura, mas levar ao entendimento de que a leitura é um dos serviços em que a BE dispõe.

“Então [...] em relação ao acervo, o ano que vem a gente vai ter que trabalhar mais [...], porque nossas crianças estão lendo muito e... então... a gente vai precisar buscar mecanismos ou pela SEMED, ou pela implantação da biblioteca que foi uma parceria com o SICOOB³⁴, para que a gente possa repor e aumentar mais essa... variedade de livros, para que os alunos não desanimem em estar sempre com aquele mesmo né?... sempre inovar para que o possa ser ainda melhor” (E2D).

E2D, com o espaço, acervo e mobiliário que conseguiram em parceria com a Cooperativa de Crédito, almejam agora expandir o acervo para poder atender melhor os alunos em suas expectativas. O diferencial de E2 em relação às demais escolas visitadas, foi ter conseguido por meio desta parceria um espaço onde é possível desenvolver atividades referentes à leitura, o que é muito louvável, porém, ainda é um espaço muito tímido em relação ao que a BE pode atuar na escola. Não esquecendo, também, da falta de pessoal habilitado e que, no momento, contam com o servidor readaptado, que não conseguiu se adaptar na BE/Sala de Leitura.

³⁴ Disponível em: <http://www.redetvro.com.br/escola-almir-zandonaide-recebe-biblioteca/>

“Infelizmente a pessoa que fica responsável pela [...] biblioteca não consegue interagir com as crianças e atender ou até mesmo realizar outros projetos. Já foi tentado passar pra ela, a equipe pedagógica sentou juntamente com a orientadora, tentamos passar alguns projetos pra que ela realizasse em sala, quando chegasse um livro novo né? Fosse até as salas divulgar o livro, mas nem mesmo esse contato com as crianças ela não conseguiu... então, infelizmente, no momento, nós não temos uma pessoa pra que possa estar realizando os projetos que muitas vezes nós gostaríamos que fossem efetivados” (E2P).

Citado em melhorias e como considerações finais, para E2P, o problema maior enfrentado no momento pela BE/Sala de Leitura está relacionado ao pessoal, que tem truncado o trabalho que gostariam de desenvolver na escola. Ela fala de outros projetos, outras ações que tentam desenvolver junto a BE/Sala de Leitura na escola, mas, muitas vezes, sem êxito, por não contarem com uma pessoa em condições de desenvolver algum trabalho na escola junto aos alunos e, novamente, lamenta a situação de não poder contar com a pessoa mesmo ela estando lá. Por ser uma escola dinâmica, ela própria entende o equívoco em manter um servidor readaptado, que não goza de condições adequadas de saúde para atuar na BE/Sala de Leitura.

Durante todo o contato mantido com E2, sempre esteve presente, de uma forma ou de outra, o problema: pessoa na BE e pessoal readaptado como condição problemática, que vem a corroborar com as observações que encontramos na literatura sobre o assunto e já comentadas neste trabalho. Infelizmente, ainda é visto como condição viável por quem não está em chão de escola ou não tem conhecimento sobre a BE. É possível perceber que existe por parte de alguns gestores de escolas uma percepção clara de que essa situação está longe de ajudar em algum aspecto.

“Aqui na escola eu gostaria que a biblioteca fosse maior (risos), que tivesse mais livros, né? ... como a gente é integral, então o número de alunos... é pequeno, porque a gente tem que atender o alunado o dia inteiro, então não tem como ter aluno de manhã e à tarde, então... o recurso é pouco, então... a gente quando vai comprar, geralmente compra... uma quantidade pouca né? ... de livros. Então... deveria melhorar o acervo. Deveria melhorar, principalmente, o tamanho, o espaço ser maior, pra gente poder equipar melhor, colocar computador, ficar com um espaço mais arejado, mais agradável” (E3D).

Percebe-se na fala de E3D que, embora reivindique um espaço maior, ri da própria ideia, porém não se desanima e explicita, dizendo que sua vontade é de que fosse mesmo maior, tanto o espaço, quanto o acervo. Cita a situação que os leva a receberem pouco recurso, como sendo uma barreira para tomada de decisões em relação aos problemas indicados. Na verdade essa é a realidade de quase todas as escolas visitadas, em relação à

BE: pouco espaço, pouco acervo, falta de uma política de organização do espaço e do acervo, etc.

“Eu penso que temos um acervo bom, bacana, na biblioteca. O que falta mesmo seria esse profissional, que poderia estar dando uma dinâmica maior a esse espaço, né?... que seria trabalhar contação de história com as crianças, uma pessoa fora de aula, um trabalho interessante, então... nós precisamos deste profissional” (E3P).

“A biblioteca acabou perdendo o seu espaço e o seu valor. O que eu penso é que, com o mundo tecnológico, o momento da leitura também necessita desse espaço, dessa nova tecnologia, desses novos instrumentos para que a criança possa sentir-se entusiasmada, porque hoje em dia a tecnologia... estando tudo à mão... e... às vezes a leitura de um livro... não deveria ser assim, mas, infelizmente está caminhando dessa forma. Eles preferem ler algo num tablet, ou no celular, ou até mesmo no computador, ou notebook, do que manusear o próprio livro sim” (E4D).

E4D chega a lamentar por ser assim, mas enfatizando que infelizmente se caminha nesse sentido. Por um lado, percebe-se que seu entendimento é de acordo com o que ele tem disponível na escola, ou seja, é o que ele conhece, então, baseado nisso, afirma que não ajuda em nada no desempenho pedagógico da escola o que têm lá. Mas coloca também a hipótese de que mesmo que tivesse mais livros, naquele tipo de suporte, não ia mudar praticamente nada, uma vez que, com as novas tecnologias e a com informação tão à mão, da forma como está, não atende as expectativas dos novos usuários da informação. Por outro, o que demonstra é que esse é o entendimento real que tem de BE e, praticamente, justifica o desinteresse da escola em relação a ter ou não uma BE, porque, em seu ponto de vista, ela já está superada.

Isso demonstra claramente a falta de real entendimento sobre o que é a BE, para que serve, qual sua função e papel na escola. São as entrelinhas das quais nos fala Minayo (2009), que nas falas deixam perceber o que realmente pensam. Embora se tenha contado com respostas de exaltação à BE, percebe-se que teoricamente ela está bem entendida, seu papel, sua missão, sua função, porém na prática em muitas falas, fica explícita essa visão.

“[...] as minhas considerações são que o município tem ainda muito que crescer nessa área sobre BE, porque nós não temos profissionais formados e acredito que no quadro da prefeitura... eu não tenho... não sei de algum profissional formado nesta área. [...] a defasagem é grande, tanto na estrutura, acervo e profissional” (E5D).

Existe o entendimento do que seja ter ou não ter uma BE, quando cita a falta do profissional com formação na área, a não existência de um espaço e acervo adequados e aponta a necessidade do município se voltar para essa área, que pode ser vista como um

ponto a ser assinalado para que se possa trabalhar com intervenção junto aos órgãos competentes ligados à educação e as escolas, propondo discussões sobre o assunto.

“Penso que... toda a instituição, principalmente as maiores, que tem acima de mil alunos, que é o nosso caso, poderia ter uma biblioteca né?... biblioteca com volumes de livros, apesar de que hoje a tecnologia... nós entendemos que a tecnologia está bastante avançada, criança tem conhecimento no tablet, tem conhecimento, né? ... que ali no celular, através da internet,... no entanto o livro nunca vai deixar de existir. O livro desde que... tenho mais de vinte anos que tenho o curso...na universidade...e nesse tempo... quando estava iniciando os computadores, que ainda era, aquelas máquinas grandes, que... né? ... E quando se falava que o livro ia deixar de existir... conversa... porque o livro é o contato mais prático que o aluno tem, né? (E6D).

Tenta explicar porque acha necessária uma BE em sua escola, atribuído ao número de alunos, considerando que esta escola conta, como ele mesmo informou em falas anteriores, com uma Sala de Leitura que, a seu ver, para o número de alunos que têm, é pouco. Seu entendimento é, portanto, o de que a BE atenderia mais a escola em suas necessidades voltadas à informação, ao processo de ensino aprendizagem.

“[...] na minha visão, em relação ao que seria necessário para este ambiente melhorar... um ambiente mais espaçoso, mais apropriado, com computador, sala de leitura, pros menores na escola, primeiro e segundo ano, tapetes com almofadas, um lugar lúdico, para que essa criança pudesse ler esse livro. Mais livros pra eles, ao nível deles, como já falei anteriormente, não recebemos livros tem dois ou três anos já, do governo federal, então... assim... todos os livros que estão na Sala de Leitura... eu acredito que a maioria das crianças já leu, já passaram por todos, às vezes falam, os professores pedem, quando vai ter mais livros? Então... assim... infelizmente também, não vem recurso para a escola estar trabalhando nessa área, estar investindo nessa área da sala de leitura... a gente faz aquilo que a gente pode fazer, que é bem restrito também’ (E6P).

E como considerações finais:

“Eu acredito assim... que governo como todos os políticos, o MEC, a Secretaria de Educação, deveriam fazer algo voltado para essa área, um investimento maior, uma ampliação, uma construção de biblioteca, né? Com todos os setores, bem organizado, o material. Móvel, cursos de treinamentos, concursos pra pessoas formadas em biblioteca, uma atualização desse profissional, constante, treinamentos, então... pra melhorar o atendimento da escola, porque a partir daí a criança poderia vir em horário oposto ao seu horário de sala de aula, pra passar um momento maior dentro da escola, lendo, conhecendo várias coisas, pesquisando, de forma direcionada, sem perder tempo, e trabalhar seu conhecimento, estar melhorando o seu conhecimento... e... eu acho que deveria ser essa a visão dos políticos, das pessoas responsáveis pelas políticas públicas para educação, [...] é um desejo, eu acho que, de todos que trabalham dentro da escola, que tenham esse ambiente bem organizado [...]”(E6P).

Também aqui, este colaborador situa a BE na escola como mais abrangente do que uma Sala de Leitura, quando cita os vários ambientes para os vários serviços que ela pode desenvolver na escola, inclusive descreve um ambiente de espaço para trabalhar com leitura com os pequenos, dentro da BE. Fala da responsabilidade dos governantes em vários

âmbitos, inclusive dos específicos da área de educação, dos responsáveis pelas políticas públicas, para que tenham um olhar diferente do que têm na realidade em relação à BE. Fala que esse provavelmente seja um desejo de todos que trabalham na escola, ou seja, contar com um ambiente apropriado, organizado, mas conclui dizendo que “estamos aí... de repente acontece... estamos esperando”, como se não fosse parte do processo. Na verdade essa é a realidade que vemos, quando surgem outras respostas a respeito da BE, como: “não procuramos saber”, em relação à legislação ou a cursos de formação, por exemplo, “porque não temos”.

Mas não se pode ficar esperando que ela (BE) saia da teoria para a prática, sem ação. É necessário que todos se sintam responsáveis por ela, já que veem com clareza a sua importância na escola. É necessário que todos se sintam responsáveis. Cada qual na sua função que embora se apresente separadamente se volta para um único objetivo, fazer uma educação de qualidade. Não vamos poder usufruir de seus serviços, nos contentando com o conhecimento teórico sobre sua importância, seu funcionamento e ficar esperando que o outro faça alguma coisa. Não seria essa uma maneira de deixar em dúvida o discurso sobre sua importância, pois se não as temos, como vamos saber?

“Para melhorar a biblioteca nós precisamos de mais livros, muitos livros, principalmente os livros de literatura. Sempre deveria assim [...], todo ano chegar livros, pra literatura, pros alunos, porque às vezes eles se cansam de ler, porque são poucos livros, ficam repetindo, então... não desperta aquela curiosidade, porque daí eles falam... ah, esse eu já li, eu já li. Então falta muito, muito livro. É... eu acho que eles deveriam investir nisso. Livros de literatura para diversas idades, como aqui que é do primeiro ao quinto ano, né?... então... deveriam vir vários livros. Para eles terem bastantes opções. Também deveria vir jogos educativos, porque eles aprendem brincando né? Jogos educativos são muito bons e o que temos aqui... são muito poucos. Mas a gente faz de tudo para atender eles com esses jogos. Mas eu acho que a biblioteca deveria receber livros novos. Tem muitos autores ótimos, que os professores até trabalham, falam sobre os autores, [...] eles deveriam mandar esses livros, dicionários atualizados, porque gasta muito. São muito poucos mesmo. Temos dicionários, que não se acha as palavras, não se tem quase nada, então... os dicionários que eles usam são poucos, estão bem precários, né?... E jogos educativos... que é uma coisa que as crianças, tipo, menores, primeiro e segundo ano, eles vão aprendendo né?... brincando... que não fica uma coisa monótona” (E6B).

E como considerações finais:

“É... eu acho assim que [...] mandar os livros didáticos pra a escola bem antes... porque eu acho que quando começam as aulas, os alunos... acho que já deveria receber os seus livros didáticos no dia e não esperar dois ou três meses, é uma coisa que atrapalha muito, porque os alunos vêm, entram na escola né?... E só vai receber os livros com dois a três meses... a gente fica esperando o governo mandar os livros. Então... eu acho que eles deveriam já fazer uma seleção... vão começar as aulas no dia sete de fevereiro, os livros já deveriam estar todos... pra gente poder

distribuir esses livros, para que tanto o professor como o aluno, já possa desde o início ter um trabalho... ter um material para trabalhar” (E6B).

Esta colaboradora que atua na BE aproveitou a oportunidade de propor melhorias e faz um apelo sobre a necessidade de se atualizar o acervo em todos os âmbitos, literatura, material de referência, jogos didáticos, enfim, tudo, porque, segundo a mesma, os que têm estão desatualizados, desgastados e, no caso de literatura infanto-juvenil, já foram todos lidos e relidos. Acaba adentrando em um assunto muito discutido sobre o que acontece em muitas escolas em nível de Brasil, que deixam na BE os livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a distribuição destes pelo servidor que lá atua. É possível identificar na fala que o próprio servidor confunde o serviço como se fizesse parte das atribuições da BE executá-lo. O que isso acarreta é a ideia que se acaba inculcando nos usuários sobre a BE. Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento dos conceitos pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais, dentre elas a atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar.

Em Targino (1983) encontramos que a aprendizagem tende a perfeição-se ao longo do processo, dependendo das oportunidades oferecidas ao indivíduo e que por meio de tais oportunidades, ele vai firmar o conceito. As frustrações de ir até aquele local e não encontrar o que busca e que tanto necessita para acompanhamento das aulas, por tanto tempo, pode fazer acarretar em prejuízo para o conceito que vão estabelecer em relação à mesma, distorcido e indevido. Além disso, as caixas de livros que abarrotam esses espaços que, como vimos nos relatos, já é insuficiente, acabam por ficar lá, descaracterizando-a totalmente. Somado a isso se tem a fato de sobrecarregar o servidor atuante na BE, que, quando tem, não passa de um por turno, com um serviços burocrático fora do contexto, como por exemplo, de separação e entrega do imenso volume de livro, etc., tendo que deixar os serviços que são inerentes à função da BE.

4 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

A partir daqui, como parte dos instrumentos de análise desta pesquisa, será abordada a análise dos documentos internos das escolas que foram disponibilizados, com o intuito de verificar se a BE está incluída nestes documentos e como está sendo incluída, se atendem ao que se tem como conceito de BE contemporâneo ou se a inclusão é apenas uma mera formalidade seguida pelos órgãos, e se a abordagem atende realmente ao que se faz na prática.

De acordo com o que consta no Quadro 2 desta pesquisa, foram disponibilizados os seguintes documentos das seguintes escolas:

➤ **Escola (E1) - PPP e Regimento Interno**

• **PPP**

Nele a BE está citada nos seguintes itens:

C- Direção, corpo técnico e pessoal administrativo, constando:

- Nome do servidor Municipal –Formação/Cargo ou função: Pedagogia/Pós-graduada Orientação Escolar - Ens. Fund. Regular. - **Bibliotecária (noturno)**
- Nome do servidor Municipal–Formação/Cargo ou função: Pedagogia **Bibliotecário (Vespertino)** Ensino Fundamental Regular (**Readaptado**).

E) Dimensão administrativa

A escola tem 24 dependências, assim distribuídas:

[...]01 SALA (**BIBLIOTECA**): com, 06 estantes de madeira, 06 mesas grandes de madeira, 20 cadeiras, um ar condicionado, um pequeno acervo com, livros de literatura, livros paradidáticos, livros para pesquisa, tais como enciclopédias Barsa.

Embora no PPP constem nomes de servidores indicando ocupação de bibliotecário nos turnos noturno e vespertino, a BE está sem pessoal e indicam a ocupação de bibliotecário para pessoal com formação em outras áreas. Outro ponto que chamou a atenção é que no PPP consta como Biblioteca e não Sala de Leitura, como afirmado na entrevista. Analisando o PPP, é possível encontrar várias ações em diversos pontos sobre as atividades da escola, principalmente quando se trata do aspecto pedagógico e de ações voltadas ao fortalecimento

do processo de ensino/aprendizagem que a BE poderia ter sido citada, porém só aparece nestes dois pontos acima mencionados, o que evidencia a falta de conhecimento do papel da BE na escola, por parte dos elaboradores do documento. A descrição do acervo, como pequeno, corresponde ao que se vê *in loco*.

- **Regimento Interno**

Constatou-se que no Regimento Interno nada consta sobre a biblioteca, o que difere da resposta dada no item 3.1.1 Caracterização da BE, onde consta a resposta do questionário como afirmativa para a BE estar citada no Regimento.

- **Escola (E5) - PPP, Regimento Interno e Plano de Ação**

A referência à BE surge nos seguintes itens:

- **PPP**

d) Dimensão administrativa:

Sala de Leitura/Biblioteca – 01 com 48 m²

1.3. Serviço pedagógico e de apoio

[...] dispõe de um laboratório de informática (PROINFO) e uma Biblioteca/Sala de leitura. Todos estes ambientes são considerados como espaços de sedução a serviço dos trabalhos docentes e discentes e tem como objetivo maior, enriquecer conhecimentos, obter informações e, conseqüentemente, formar leitores maduros e críticos.

A Biblioteca/Sala de Leitura está munida de acervos literários e de jogos pedagógicos.

- **Regimento escolar**

CAPÍTULO III

Do Serviço Técnico-Pedagógico

Art. 25 - Os Serviços Técnico-Pedagógicos serão compostos de: Orientação Educacional, Coordenação Pedagógica, **Auxiliar de Biblioteca**, Laboratórios e outros Ambientes Especiais que deverão trabalhar de forma integrada, promovendo a articulação entre os demais serviços em busca da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Seção III

Da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura

Art. 32 - A Biblioteca Escolar e/ou Sala de Leitura constituem-se em centro de leitura e orientação de estudos de alunos, ex-alunos, docentes e demais servidores da instituição.

Art. 33 – A Biblioteca Escolar e/ou sala de leitura têm por objetivo desenvolver a curiosidade, despertar o interesse pela leitura, formar o espírito de pesquisa, hábito sobre o uso correto do livro e servir de fonte auxiliar do ensino e aprendizagem.

Art. 34 – Os serviços de Biblioteca Escolar serão exercidos por um profissional devidamente habilitado e, em sua falta, por um Agente de Biblioteca.

PARÁGRAFO ÚNICO: O Agente de Biblioteca Escolar e/ou sala de leitura será um funcionário da unidade escolar designado pelo diretor para desempenhar a função.

Art. 35 - Compete ao Agente de Biblioteca Escolar e o responsável pela sala de leitura:

I-elaborar o Plano de Ação da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura;

II-participar da elaboração do Projeto Pedagógico Escolar;

III-elaborar e executar a programação das atividades da Biblioteca Escolar e Sala de Leitura, mantendo-as articuladas com as demais programações que integram os serviços Técnico-Pedagógicos;

IV-organizar o acervo, de forma a facilitar sua localização e manuseio;

V-selecionar o material adquirido e registrá-lo em livro próprio;

VI-controlar o movimento dos livros junto aos professores e alunos;

VII-fazer levantamento semestral do acervo;

VIII-divulgar periodicamente os livros, revistas, jornais, jogos e outros no âmbito da instituição entre os alunos e professores;

IX-elaborar propostas de aquisição de livros didáticos, de leituras complementares e jogos a partir das necessidades indicadas pela comunidade escolar;

X-orientar a clientela na utilização da Biblioteca Escolar e do acervo, bem como nas técnicas de estudo;

XI-executar ações, visando o incentivo pelo gosto da leitura e apoiar o professor na seleção de obras a serem adotadas;

XII-colaborar com os professores nas composições de resenhas bibliotecárias;

XIII-manter intercâmbio com outras Bibliotecas Escolar e/ou Salas de Leituras.

• Plano de ação da Biblioteca/Sala de Leitura

1. Objetivo geral

Despertar o gosto pela leitura como fonte de conhecimento, de prazer e recreação.

2. Objetivo específico

- Valorizar os livros de pesquisa e de leitura.
- Desenvolver a expressão verbal.
- Desenvolver o pensamento crítico e a imaginação.
- Socializar entre os alunos e professores todo o material existente na biblioteca.

3. Políticas de estratégica

Para que a socialização entre os alunos seja constante através dos meios de pesquisa e possibilite o desenvolvimento da autonomia e do gosto pela leitura, é necessário:

- Adquirir novos títulos jornais, gibis, revistas através de doações.

- Manter organizado o material de leitura e pesquisa para facilitar o acesso do aluno.
- Desenvolver a capacidade de interpretação e expressão oral e despertar o gosto pela leitura.
- Formar grupos de leitura e pesquisa possibilitando a descoberta e a troca de experiências.
- Promover a integração entre alunos.
- Estabelecer normas e horários para facilitar o acesso do aluno sem prejudicar seus estudos.

Sendo um trabalho vinculado com o trabalho do professor.

4. Orientação e execução

As atividades propostas neste plano serão desenvolvidas durante todo o ano letivo, com o propósito de despertar o gosto pela leitura, de aumentar o poder cognitivo do aluno, bem como, procurar estar melhorando assim o seu intelecto de forma a desenvolver a capacidade de interpretação e expressão oral. Para que este plano seja mais bem executado será um trabalho acompanhado de reuniões periódicas com os professores para a discussão de meios que facilitem o progresso educacional, evitando eventuais obstáculos que possam ocorrer. Proporcionar também um ambiente sadio e prazeroso para a tranquilidade e melhor concentração dos alunos.

5. Marco Institucional

A biblioteca funcionará em uma sala apropriada, proporcionando conforto aos alunos durante a pesquisa e a leitura.

O acervo é composto por alguns livros de pesquisa, livros didáticos do professor e alunos, dicionários, literatura infantil e infanto-juvenil.

6. Marco doutrinal

Para que o aluno se torne um cidadão consciente e crítico, é necessário que valorize o conhecimento científico e a busca constante através da pesquisa e da leitura.

7. Marco operativo

A biblioteca da escola tem como compromisso constituir-se numa fonte prazerosa de leitura e conseqüentemente afetivo para o aluno do Ensino Fundamental, trazendo o mundo dos livros, da arte e da cultura. Buscando dentro da pesquisa a autonomia, trabalhando com os conteúdos preestabelecidos pelo professor, seguindo uma linha de pesquisa voltada ao crescimento das disciplinas em questão. Contudo, o fator principal recai sobre o desenvolvimento intelectual do educando de maneira participante nos resultados, despertando a visão crítica e criadora do seu princípio e acreditando no que está fazendo.

A E5 disponibilizou os três documentos solicitados como constam acima, que analisados, verifica-se a inclusão da BE nos mesmos. Nota-se, como nos outros, a inclusão de Biblioteca/Sala de Leitura nos mesmos documentos e, também aqui, ora é denominada de Sala de Leitura, ora é denominada de biblioteca.

Em seu conteúdo estão descritos várias estratégias de trabalho, de ação e de integração da BE com a escola, porém, *in loco*, verificou-se que E5 não conta com espaço para a BE, isso nos leva a entender que essas medidas são meramente formais.

➤ **Escola (E6) – Regimento interno**

Esta escola disponibilizou somente o Regimento Interno e a BE consta nele da seguinte forma:

• **Regimento Interno**

<p>Seção III Da Sala de Leitura Art. 32 – A Sala de leitura constitui-se em centro de leitura e orientação de estudos de alunos, ex-alunos, docentes e demais servidores da instituição. Art. 33 A Sala de leitura tem por objetivo desenvolver a curiosidade, despertar o interesse pela leitura, formar o espírito de pesquisa, hábito sobre o uso correto do livro e servir de fonte auxiliar do ensino-aprendizagem. Art. 34 O serviço da Sala de Leitura será exercido por um professor (a) devidamente habilitado, havendo carência por um Agente de Biblioteca. Parágrafo único: O professor (a) ou agente de sala de leitura será um funcionário da unidade escolar designado pelo diretor e capacitado por órgão competente para desempenhar a função; Art. 35 Compete ao professor (a) ou responsável pela Sala de Leitura; I- elaborar o Plano de Ação da Biblioteca e Sala de Leitura; II-participar da elaboração do Projeto Político Pedagógico; III-elaborar e executar a programação das atividades da Biblioteca e Sala de Leitura, mantendo-as articuladas com as demais programações que integram os serviços Técnico-Pedagógicos; IV-organizar o acervo, de forma a facilitar sua localização e manuseio; V-selecionar o material adquirido e registrá-lo em livro próprio; VI-controlar o movimento dos livros junto aos professores e alunos; VII-fazer levantamento semestral do acervo; VIII-divulgar periodicamente os livros, revistas, jornais, jogos e outros no âmbito da instituição entre os alunos e professores; IX-elaborar propostas de aquisição de livros didáticos, de leituras complementares e jogos a partir das necessidades indicadas pela comunidade escolar; X-orientar a clientela na utilização da biblioteca e do acervo, bem como nas técnicas de estudo; XI-executar ações, visando o incentivo pelo gosto da leitura e apoiar o professor na seleção de obras a serem adotadas; XII-colaborar com os professores nas composições de resenhas bibliotecárias; XIII-manter intercâmbio com outras Bibliotecas e/ou Salas de Leituras;</p>
--

Verificando os Regimentos disponibilizados que citam a BE, é possível notar que são diferentes em pontos muito sutis, conservando na essência até a mesma forma de se reportar

à sala, em alguns itens: ora como Sala de Leitura, ora como Biblioteca, ora como Sala de Leitura/Biblioteca, Biblioteca e/ou Sala de Leitura. Em seu artigo 34, sobre quem exercerá os serviços, referindo-se ao responsável pelo espaço, também se apresenta confuso, pois cita pessoal sem a devida habilitação para isso e fica mais confuso quando cita que para a Sala de Leitura seria um professor (a) devidamente habilitado e na falta desse, por um Agente de Biblioteca e, no caso de necessitar de capacitação, consta que deverá ser feito por um órgão competente para desempenhar a função, mas não cita que órgão. Como já foi dito, para esta pesquisa o objetivo de análise dos referidos documentos é o de verificar se a BE é citada nos mesmos, porém, um estudo mais aprofundado dos conteúdos se faz necessário.

A falta de critérios e de conhecimento na elaboração dos itens referentes à BE para esses documentos acaba fazendo com que ela seja incluída de maneira informal, proforma, com uso de terminologia inadequada, podendo trazer prejuízos na hora de colocá-los em prática, conseqüentemente, a BE fica à mercê de entendimentos diversos que, por vezes, não estão de acordo com o papel que a mesma tem a desempenhar na escola.

Além disso, pelo que se pode constatar, *in loco*, E1 e E6 não retratam na prática o que traz seus documentos. E5, a única que disponibilizou os três documentos solicitados, apresentando maior conteúdo sobre o assunto, não tem BE e nem Sala de Leitura na escola. E2, E3 e E4 não disponibilizaram nenhum documento.

CONCLUSÕES

No presente trabalho procuramos elaborar um retrato analítico das bibliotecas escolares do Município de Ji-Paraná/RO. Recordamos que as questões e os objetivos de investigação que formulamos e apresentamos na introdução estão centrados na procura de uma caracterização dessas bibliotecas, do seu papel nas escolas, e também das concepções que os principais atores nesse processo têm sobre as BE.

Chegados ao final deste percurso, procuraremos dar conta dos elementos mais significativos que resultaram da nossa pesquisa.

Na componente de enquadramento e a partir dos estudos que consultamos ficou evidente que as bibliotecas escolares no Brasil já percorreram um longo caminho no sentido da sua melhoria enquanto estruturas pedagógicas de apoio ao ensino e à aprendizagem, mas que muito há ainda por realizar. Um marco importante, já neste novo milênio, foi o lançamento da Lei 12.244/10 e dos parâmetros para a organização das bibliotecas escolares, documentos que colocaram novas expectativas sobre as BE, mas parece que tarda ainda a plena concretização dessas orientações.

No que se refere ao estudo de campo, a análise dos dados obtidos por meio dos questionários e das entrevistas, dos documentos da escola e do que pode ser observado *in loco*, nos levam a concluir que não existem bibliotecas na rede de Ensino Fundamental do município de Ji-Paraná/ RO, Brasil, que se possa apontar pelo menos uns dos itens que esteja de acordo com os parâmetros adotados e, conseqüentemente, não existe rede ou coordenação destas.

Logo de início, a própria Secretaria nos alertou para o fato da não existência das BEs dentro dos parâmetros adotado pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, ou pela Lei 12.244/10, e que se tratavam de Salas de Leitura, repetido pelos gestores em todas as escolas visitadas. Como a referida Lei estipula o prazo de até o ano de 2020 para seu cumprimento, procuramos investigar o que de fato existe.

O que se conclui é que até mesmo as salas de leitura, na maioria das escolas pesquisadas, também não existem.

A precariedade começa pelos espaços, que apresentam problemas relacionados à medidas, ventilação, acomodação, iluminação, equipamentos, mobiliário e, ainda, perda para outros serviços. O fato de dois desses espaços terem sido cedidos para abertura de turmas durante o período da pesquisa, nos mostra a seriedade do assunto. Segundo a Secretaria, são nove escolas da Rede Municipal, no perímetro urbano, que oferece o Ensino Fundamental, quando de início da pesquisa, seis contavam com, pelo menos, Sala de Leitura e, ao final, somente quatro, fato que demonstra a gravidade da situação. Ao invés de se estar caminhando para a concretização da Lei 12.244/10, pelo curto prazo que resta para seu cumprimento, estão se distanciando mais.

Os acervos não contemplam nem mesmo o nível básico dos indicados pelo documento orientador: “Biblioteca Escolar como espaço de produção de conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares”. Em relação aos recursos humanos, fica mais sério ainda, pois, nem mesmo as que apresentam um espaço melhor em relação aos demais, contam com alguém lotado neste, seguido pelo horário de atendimento que, pelo visto, somente uma delas tem pessoal lotado em todos os turnos e, mesmo assim, um por turno, o que representa muito pouco, por se tratar de um espaço que deveria ficar aberto até mesmo fora do horário de aula, ou seja, ininterruptamente.

Quanto ao conhecimento dos normativos e lei sobre a biblioteca escolar, é quase unânime o desconhecimento, portanto, ignoram que se tenha estipulado um prazo para que sejam instaladas essas bibliotecas, dentro dos parâmetros mínimos em relação a acervo e pessoal ou que órgãos nacionais e internacionais têm-se mobilizado para elaborar documentos no sentido de auxiliar as instituições de ensino no modelo e implantação de suas bibliotecas. Portanto, de nada adianta a existência desses documentos se quem está na escola, se quem decide pela escola, não os conhece.

É importante destacar que, em sua maioria, as respostas dadas nos questionários não coincidiram com as dadas na entrevista sobre o mesmo assunto, ou seja, no questionário foram assinaladas respostas que indicavam positivo para vários setores e assuntos referentes às bibliotecas e que na entrevista entraram em contradição, como por exemplo, em relação a espaço e acervo que apontavam como atendendo as orientações dos documentos e que, depois, na entrevista apontaram como fatores que prejudicavam as boas práticas.

A inclusão da biblioteca nos documentos internos da escola, pelos poucos disponibilizados, foi possível averiguar que, quando feita, é para simples cumprimento de fazer constar, mas não no intento de se fazer cumprir. Nos documentos constam várias atribuições para a biblioteca escolar naquelas escolas que na prática não têm absolutamente nada em ação.

O conceito de que a BE é um espaço de aprendizagem teoricamente existe e é possível notar nos discursos, porém, quando se voltam para a prática, tornam a enxergá-la somente vinculada à leitura. Contudo, é possível notar, na maioria, o interesse em conquistar esse espaço e o profissional habilitado para atuar nele, porém, não explicam com clareza no que colaboraria contar com esse pessoal, fato que pode ser atribuído a não terem, ainda, apreendido o que a BE pode fazer na escola.

Se comparado com o que foi evidenciado nos estudos sobre BE apresentados anteriormente nesta pesquisa, podemos constatar que aqui em nosso município, em relação às bibliotecas escolares municipais, a maioria dos problemas são idênticos aos que foram identificados noutros locais.

Em resumo, o que se conclui após estas averiguações é que se faz necessário um trabalho extensivo no município de Ji-Paraná/RO, verificando a situação nas demais escolas, da esfera pública e escolas particulares. Seria importante promover, neste âmbito, uma discussão da situação, em primeiro lugar por bibliotecários, pelo fato das leis serem elaboradas com envolvimento destes, com intervenções voltadas para a disseminação e discussão ampla sobre esses documentos e, após esclarecimentos e entendimentos, fiscalização pela Conselho Regional para constatar seu cumprimento, como já está sendo feito em outros Estados. Conforme é possível constatar na literatura e através de blogs, ou páginas na internet que são direcionadas às bibliotecas, especificamente a bibliotecas escolares, este trabalho vem sendo realizados em outras regiões.

Por meio dos resultados obtidos através de evidências consegue-se direcionar as decisões que devem ser tomadas e colocadas em práticas, respeitadas as peculiaridades de cada local. Caso contrário, as conquistas poderão continuar acontecendo, mas não sairão do papel, pois, à frente das escolas estão os professores que, neste caso, não conhecem a

legislação. Outra constatação importante foi a de que todos se valeram da Sala de Leitura como respaldo para não buscar a biblioteca escolar.

Fato relevante, que vale ressaltar, também, é que, para um primeiro momento se deve conferir, *in loco*, o que entendem, o que dizem fazer e o que realmente fazem os elementos que atuam na escola: se junto com as boas intenções caminham de fato as boas ações ou boas práticas. No caso da biblioteca escolar das escolas municipais, deste município, se faz necessário, urgentemente, boas ações e boas práticas. Trabalhar em conjunto com as escolas, compartilhando o conhecimento sobre esse assunto, de um lado a biblioteconomia, neste caso específico, bibliotecários que atuam nesta região, pois, nem todas as cidades do estado de Rondônia contam com este profissional, ainda, Conselho Regional de Biblioteconomia por meio de fiscalização, e de outro lado, a educação, neste caso, Secretaria Municipal de Educação, Escolas, APPs, comunidades. Para assim, todos juntos, mobilizar sociedade e poder público para trabalhar pela universalização e garantia das bibliotecas escolares, com o nome e porte de biblioteca, como manda a Lei e orientam os normativos, enfim, apoiada pelos seus documentos e, o mais importante, entendida pelos atores que a cercam, cumprindo o seu papel como um espaço de aprendizagem, assumindo o seu papel pedagógico, participando da formação do cidadão do século XXI.

Lembrando Campello (2012), “e quem sabe, assim, essas ideias inspirem os profissionais a investigar a realidade da biblioteca escolar no Brasil, descobrindo novas evidências que permitam ampliar o seu papel educativo” na prática em todos os lugares desse imenso País, pois, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, encurtaram-se as distâncias no sentido de adquirir conhecimentos que podem contribuir para a realização, neste caso, de bibliotecas escolares em todas as escolas, independente a qual esfera pertença, mas entendendo a sua importância, para não ficar à mercê de vontades e (des)entendimentos que (não) têm sobre ela.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, V. L. F. G. (2008). A coleção da biblioteca escolar. In: Campello, B. S; Vianna, M. M., Carvalho, M C., Andrade, M. E. A & Caldeira, P. T. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Albuquerque, A. C de. & Tedesqui, C. A. (2014). Competências profissionais do bibliotecário escolar: reflexões a partir da lei 12.244/10. In: *Inf. Prof.*, 3(1/2), 115-146. Recuperado em http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/20519/pdf_15

Alonso, C. M. R. (2005). *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. 15 Congresso de Leitura do Brasil, Campinas. Recuperado em http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/index.htm

Alves-Mazzotti, A. J. & Geawandsznajder, F. (2000). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira

Amaral, R. G. do (2009). A construção do conhecimento na sociedade da informação e a biblioteca escolar. *Interdisciplinar*, Ano IV, V. 8, jan-jun, p. 163-175. Recuperado em <http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/1195/1033>

Amorim, M. L. M. A. (2013). A biblioteca escolar: leitura e transformações. *Biblioteca Escolar em Revista*, v.2, n.1. Recuperado em <http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV>

Andrade, L. V. & Machado, M. O. (2014). Uma intervenção pedagógica no contexto de uma biblioteca escolar: delineando caminhos para transformar um ambiente estático em espalho dinâmico. *Biblioteca Escolar em Revista*, 3(1). Recuperado em <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106602>

Antunes, W. A. (2005). Leitura, biblioteca e informação na escola. in: Macedo, N. D. (org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Editora Senac; São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia - 8ª Região

Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil. (2011). Brasília/DF: MEC. Recuperado em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12794-bibliotecas-escolares-no-brasil-web-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70 (Obra original publicada em 1977).

Bastos, G. (2009). Diálogos entre a ciência da informação e as ciências da educação [Em linha]: o caso da investigação em bibliotecas escolares. In Borges, Maria Manuel; Sanz Casado, Elias. *A ciência da informação criadora de conhecimento*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Vol. 2, p. 315-323. Recuperado em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3067>

Bastos, G., Faustino, G.G.; Almeida, L. T. R. & Romão, L. M. S. (2010). A voz de sujeitos-readaptados em discurso: um lugar do bibliotecário. *Ponto de Acesso*, Salvador, 4 (2), 76-94. Recuperado em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4040/3406>

Bezerra, M. A. C. (2008). O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional. *CRB-8 Digital*, São Paulo, 1(2), 4-10. Recuperado em <http://revista.crb8.org.br>

Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares: Documento complementar 1: espaço físico. (2016). Grupo de estudos em biblioteca escolar. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação. Recuperado em 30 abril, 2017 em <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Cartilha-biblioteca-escolar.pdf>

Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Braga, A. A. & Paula, R. S. L. P. (2014). A biblioteca escolar e sua representação educativa. *Cad. Ed. Tec. Soc.*, Inhumas, v. 5, p. 245-257. Recuperado em <http://cadernosets.inhumas.ifg.edu.br/index.php/cadernosets/article/viewFile/190/97>

Calado, S. dos S. & Ferreira, S. C. dos R. (s.d.). *Análise de documentos: método de recolha e análise de dados*. Recuperado em <http://docplayer.com.br/12123665-Analise-de-documentos-metodo-de-recolha-e-analise-de-dados.html>

Caldeira, P. T. (2008). O espaço físico da biblioteca. In: Campello, B. S; Vianna, M. M.; Carvalho, M C.; Andrade, M. E. A& Abreu, V. L. F. G. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica

Campello, B. *et al.* (2008). *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Campello, B, *et al.* (2011). Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. *Inf. & Soc.* 21(2), p. 105-120. Recuperado em <http://www.okara.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/10451/5965>

Campello, B. *et al.* (2012). *A biblioteca escolar: conhecimento que sustenta a prática*. Belo Horizonte: Autêntica

Campello, B. *et al.* (2012). Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos? *Biblioteca Escolar em Revista*, 1(1), 1-29. Recuperado em <http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/view/101>>.

Campello, B. *et al.* (2013). *Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: um estado da arte*. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 18(37), pp.123-156. Recuperado em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p123/25335>

Campello, B. *et al.* (2015). *Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil*. Recuperado em <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106613/105207>

Campello, B.; Caldeira, P.T.; Limas, R. F. Sousa, T.G. F. (2016). *A universalização de bibliotecas nas escolas: reflexos da lei 12.244*. Recuperado em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/13609/11653>

Campos, C. J. G. (2004). *Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde*. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília (DF), set./out. 57 (5): 611-4. Recuperado em www.scielo.br/pdf/reben

Carvalho, M. C. (2008). Escola, biblioteca e leitura. In: Campello, B. S.; Vianna, M. M.; Andrade, M. E. A.; Caldeira, P. T.; Abreu, V. L. F. G. *Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica.

Castro Filho, C. M. *O aspecto social e o perfil do bibliotecário no contexto escolar*. Recuperado em <http://soac.unb.br/index.php/SHBPIDS/4/paper>

Nascimento, A. M. & Castro Filho, C. M. (2007). Retrato das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de Ribeirão Preto-SP, *Biblionline*, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007

Castro Filho, C. M & Coppola Junior, C. (2012). Biblioteca escolar e a lei 12.224/2010: caminhos para implantação. *Bibl. Esc. em Revista*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 30-41.

Côrte, A. R. & Bandeira, S, P. (2011). *Biblioteca escolar*. Brasília, DF: Briquet de Lemos

Conselho Federal de Biblioteconomia. Brasília: CFB/CRB Recuperado em 27 abril, 2015 em <http://cfb.org.br:8080/bitstream/123456789/587/3/LIVRO%20BIBLIOTECAS>

Coutinho, Clara & Lisboa, Eliana. (2011). *Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem para educação no século XXI*. In: Revista da Educação, v. 18, n. 1. Acessado em:

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%25C3%25A7%25C3%25A3o,VolXVIII,n%25C2%25BA1_5-22.pdf

Diário Oficial da União, Brasília – DF. Recuperado em 30, junho, 2015 de http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.ht

Ferrarezzi, L. & Sousa, L. M. A. (2014). *Nos meandros das políticas públicas: a biblioteca escoar em (dis)curso*. Recuperado em <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106605/0>

Ferreira, A. R. (2015). *Biblioteca no ambiente escolar: comunicação, dinâmicas, organizações e estratégias de atendimento*. São Paulo: Érica

Fragoso, G. M. (2002) *Biblioteca na escola*. Recuperado em <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/460>

Fragoso, G. M. (2005). A bela adormecida precisa acordar (escrito livre). In; Macedo, N. D. *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Editora SENAC; São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região.

Freire, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. Ed. São Paulo: Paz e Terra

Furtado, C. (s.d). *A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação*. Recuperado em <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>

Guimarães, J. *A biblioteca escolar e o PNBE no processo de formação de leitores competentes*. Recuperado em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_1689.pdf

Hébrard, Jean. (2009). *As bibliotecas escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III República*. Campinas/SP: Mercado das Letras

IFLA (2015). *IFLA School Library Guidelines*. Recuperado em <https://www.ifla.org/publications/node/9512>

IFLA (2002). *Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares*. (Trad portuguesa de Maria José Vitorino). Recuperado em <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>

Kuhlthau, C. (2013). *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o Ensino Fundamental*. (Campello, B. S. Trad.) Belo Horizonte: Autêntica (Obra original publicada em 2002).

Lanzi, L. A. C. & Ferreira, M. Z. (2015). *Bibliotecas escolares no Brasil na primeira república*. VIII Congresso Brasileiro de História da Educação. Recuperado em <http://8cbhe.com.br/media/doc/c3ff686801077bc13bac10720591c722.pdf>

LEI N° 4.084 de 30 de junho de 1962. (1962). Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e dá outras providências. Brasília. Recuperado em 30 junho, 2105 em <http://www.crb14.org.br/carreira.php?codigo=8>

Lei n° 9.394 de 20 de dezembro de 1996. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Fixa diretrizes e bases para o ensino do 1° e 2° graus e dá outras providencias.

Lei n° 12.244 - De 24 de maio de 2010. (2010). Dispõe sobre as bibliotecas escolares e dá outras providências. Recuperado em 30 junho, 2015 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm

Lopes, Leonardo Montes. (2014). *Bibliotecas escolares de Rio Verde- GO: uma possível política municipal de leitura*. Recuperado em: 18 dezembro, 2016, em http://www2.fct.unesp.br/proseducacaoteses2014/drleonardo_lopes.pdf

Macedo, N. D. (Org.). (2005). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Senac; São Paulo:CRB8

Manifesto UNESCO/IFLA (1999). Recuperado em 27 junho 2015, em <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>

Maroto, L. H. *Biblioteca escolar, eis a questão: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica

Martins, G. A. (2006). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas

Mayrynk, P.T., Moradin, R. H., Vanalli, T. R. (1992). *Avaliação de coleções da FDE em bibliotecas de escolas da região de Marília*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 3/4 (25), 49-54.

Martins, M. H.(1994). *O que é leitura*. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense (Coleção primeiros passos, 74)

Minayo, M. C. S. (2012) *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. Recuperado em 10 abril, 2015, em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=>

Minayo, M. C. S. (Org.). (2012). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mollo, G. & Nóbrega, M. J. (2011). *Biblioteca escolar: que espaço é esse ?*. Recuperado em 30 julho, 2015, em <http://pt.slideshare.net/PactoAracatuba/biblioteca-escolar>

Moro, E. L, S., Mota, F. R. L., Lima, R. M. & Abatti, R. C. (2015). *Contextos formativos e operacionais das bibliotecas escolares e públicas brasileiras*. Brasília:

Moraes, R. B. (1979). *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos

Mota, F. R. L. (2006). *Competência informacional e necessidade de interação entre bibliotecários e professores no contexto escolar*. Recuperado em 17 dezembro, 2015 em www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/447/1499

Nery, A. et. al. (1989). *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola

Nóvoa, A. (org.). (2010). *O método(auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus
Parâmetros Curriculares Nacionais. (1997). Brasília, DF: MEC; SEF

Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Brasília: MEC. Recuperado em 19 dezembro, 2015 em <http://portal.mec.gov.br/index.php>

Resolução 119/201. Dispõe sobre parâmetros para bibliotecas escolares. Disponível em <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/1171>

Roca, G. D. (2012). *Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola*. Porto Alegre: Penso

Silva, E. E. & Menezes, e. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: UFSC*. Recuperado em 10 abril, 2015, em https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_d_issertacoes_4ed.pdf

Silva, E. T. da. (1995). *Leitura na escola e na biblioteca*. 5.ed. Campinas: Papyrus

Silva, M. A.(2004). *Biblioteca escolar e educação*. Recuperado em 10 janeiro de 2017, em http://gebe.eci.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=56&

_____. *Biblioteca escolar: uma reflexão sobre a literatura*. Recuperado em 10 dezembro, 2015, em http://gebe.eci.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=56&Itemid=55

Simão, M. A. R., Schercher, E. K.; Neves, I. C. B. (1993). *Ativando a biblioteca escolar*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto

Tarapanoff, K. (org.). (2006). *Inteligência, informação e conhecimento em corporações*. Brasília: IBICT, UNESCO

Tarapanoff, K. Suaiden, E. Oliveira, C. L. (2002). *Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação*. Revista de Ciência da Informação, 3(5)

Targino, Maria das Graças. (2010). Ranganathan continua em cena: revisão. Ci. Inf., Brasília, DF, v. 39 n. 1, p.122-124, jan./abr., 2010.

Tozoni-Reis, M. F. de C. (s.d) *A pesquisa e a produção de conhecimento*. Recuperado em 15 abril, 2015, em <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/>

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas

Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da informação, Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE). (2010). *Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares*. Recuperado em 16 abril, 2015, em <http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/projetos/MIOLO.pdf>

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e método*. Porto Alegre: Artmed

ANEXOS

ANEXO 1

MATRIZ DA ENTREVISTA

DIRETOR DA ESCOLA

Temas	Objetivos	Questões
A Sobre o entrevistado	1. Caracterização do entrevistado	1) Nome: 2) Formação: 3) Função: 4). Há quanto tempo atua na área de educação? 5). Há quanto tempo trabalha nesta escola? 6). Há quanto tempo está na direção desta escola? 7). Você teve, em sua formação, alguma disciplina que tratava da biblioteca escolar?
B Articulação entre a Escola, Secretaria Municipal de Educação e BE	1. Identificar a articulação entre a Escola, Secretaria Municipal de Educação e BE	8). Existe um apoio formal da Secretaria Municipal de Educação às atividades e ações desenvolvidas na escola? 9). Existe algum apoio formal da Secretaria Municipal de Educação à Biblioteca da escola (ex: verbas destinadas à: política de formação de acervo, política de ações a serem desenvolvidas, política de capacitação do pessoal)? 10) A Secretaria oferece cursos de formação continuada a todos os servidores da escola? 11). Se afirmativo, nesses cursos, está incluído o pessoal que atua na biblioteca? 12). Se afirmativo, de quais curso eles participaram, nos últimos dois anos? 13). Você costuma frequentar a biblioteca, para que e com que periodicidade?

		14). Qual é o público mais frequente ao espaço da biblioteca e para que?
D. Perspectivas sobre a BE	1. Identificar o conhecimento sobre os normativos existentes 2. Identificar as concepções sobre o papel da BE	15). Você tem conhecimento de alguma legislação, normativa ou resolução referentes à Biblioteca Escolar? Qual (is)? 16). Em sua visão, qual o papel da Biblioteca na escola? 17). Qual a relação entre a biblioteca e o desempenho pedagógico? 18). O que você acha necessário para melhoria da biblioteca desta escola? 19). Mais alguma consideração a fazer?

ANEXO 2

MATRIZ DA ENTREVISTA

RESPONSÁVEL PELA EQUIPE PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Temas	Objetivos	Questões
A Sobre o entrevistado	1. Caracterização do entrevistado	1) Nome: 2) Formação: 3) Função: 4). Há quanto tempo atua na área da educação? 5). Há quanto tempo trabalha nesta escola? 6). Há quanto tempo está à frente da equipe pedagógica desta escola? 7). Você teve em sua formação alguma disciplina que tratava da biblioteca escolar?
B. Papel da equipa pedagógica	1. Identificar as ações da equipe pedagógica em relação à BE da escola - Intervenções a nível físico (espaço, acervo) - Intervenções a nível formativo - Outro tipo de articulação/intervenção	8). Qual o papel da equipe pedagógica na escola? 9). Existe um trabalho entre a equipe pedagógica e a biblioteca da escola? 10). A biblioteca participa das reuniões pedagógicas para o planejamento de atividades e ações da escola? 11). Se afirmativo, pode citar algum exemplo? 12) A biblioteca participa do planejamento pedagógico da escola e de que forma? (Ativa – contribuindo, discutindo, propondo ou Passiva- recebendo, ouvindo, só executando) 13). Qual a parceria que existe entre a equipe pedagógica e a equipe da biblioteca no que se refere a planejamento de serviços/ações? 14) O que tem sido feito pela equipe pedagógica,

		<p>especificamente, a favor da biblioteca escolar?</p> <p>15). É solicitado do pessoal da biblioteca, algum tipo de registro (ex: relatório) das ações desenvolvidas pela biblioteca ou na biblioteca?</p> <p>16). Se positivo, com que periodicidade?</p> <p>17). Para o pessoal que atua na biblioteca é ofertado treinamento, capacitação, ou são incluídos nos cursos de formação continuada?</p> <p>18). Existe um planejamento para a utilização do espaço e serviços da biblioteca?</p> <p>19). Se afirmativo, como isso é feito?</p> <p>20). Os professores utilizam a Biblioteca como apoio ou extensão da sala de aula?</p> <p>21). A equipe pedagógica juntamente com os professores, trabalham em conjunto com a biblioteca, planejando atividades voltadas a aprendizagem?</p> <p>22). Existe alguma proposta de política para leitura ou para outras ações?</p>
<p>C. Perspectivas sobre a BE</p>	<p>1. Identificar o conhecimento sobre os normativos existentes 2. Identificar as concepções sobre o papel da BE</p>	<p>23). Você tem conhecimento de alguma legislação ou normativa referente à Biblioteca Escolar? Qual (is)?</p> <p>24). Qual o papel da biblioteca na escola?</p> <p>25). Qual a relação entre a biblioteca e o desempenho pedagógico?</p> <p>26). Qual a importância da biblioteca para a escola?</p>

		<p>27). Em sua visão, enquanto equipe pedagógica, o que acha necessário para a melhoria da biblioteca desta escola?</p> <p>28). Mais alguma consideração a fazer?</p>
--	--	---

ANEXO 3

MATRIZ DA ENTREVISTA

PESSOA QUE ATUA NA BIBLIOTECA DA ESCOLA

Temas	Objetivos	Questões
<p>A. Sobre o entrevistado</p>	<p>1. Caracterização do entrevistado</p>	<p>1) Nome: 2) Formação: 3) Função: 4). Há quanto tempo atua na área de educação? 5). Há quanto tempo trabalha nesta escola? 6). Há quanto tempo está atuando na biblioteca? 7). Você teve em sua formação alguma disciplina que tratava da biblioteca escolar?</p>
<p>B. Articulação/intervenção entre a BE com a direção da escola, equipe pedagógica da escola e Secretaria Municipal de Educação</p>	<p>1. Identificar as ações da direção da escola, equipe pedagógica da escola e da Secretaria Municipal de Educação em relação à BE da escola</p> <ul style="list-style-type: none"> - Intervenções a nível físico (espaço, acervo) - Intervenções a nível formativo - Outro tipo de articulação/intervenção 	<p>8). Como acontece o trabalho entre a equipe pedagógica e a biblioteca da escola?</p> <p>9). Você participa das reuniões de planejamento pedagógico da escola, como? (Ativa: discute, contribui ou passiva: acata, só executa)</p> <p>10). Se afirmativo, qual a periodicidade e quais são os assuntos tratados referentes à biblioteca?</p> <p>11). Participa de reuniões com a equipe pedagógica da escola na Secretaria Municipal de Educação?</p> <p>12). Se afirmativo, com que periodicidade e que assuntos são tratados referentes à biblioteca?</p> <p>13). Fale um pouco sobre sua atuação nessas reuniões junto à equipe pedagógica da escola e junto a equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.</p> <p>14). Você, enquanto responsável pela biblioteca, juntamente com a equipe pedagógica, faz um planejamento de atividades e ações a serem desenvolvidas na biblioteca ou pela biblioteca?</p>

		<p>15). Se afirmativo, fale um pouco sobre essas atividades e ações (ex: campanhas educativas).</p> <p>16). O que tem sido feito, pela equipe pedagógica junto com você, especificamente para a biblioteca, no sentido de incluí-la em suas ações, como espaço integrante e participativo da escola?</p> <p>17). É solicitado ao pessoal da biblioteca, pela direção da escola ou pela equipe pedagógica, algum registro avaliativo das ações desenvolvidas pela biblioteca ou na biblioteca (ex: relatórios)?</p> <p>18). Se afirmativo, com que periodicidade e é possível consultar esses registros?</p> <p>19). O diretor (a) da escola frequenta a biblioteca, para que, e com que periodicidade?</p> <p>20). A equipe pedagógica da escola frequenta a biblioteca, para que, e com que periodicidade?</p> <p>21). Os professores da escola frequentam a biblioteca para que, e com que periodicidade?</p> <p>22). Os alunos do ensino fundamental frequentam a biblioteca para que, e com que periodicidade?</p>
<p>C. Perspectivas sobre a BE</p>	<p>1. Identificar o conhecimento sobre os normativos existentes</p> <p>2. Identificar as concepções sobre o papel da BE</p>	<p>23). Você tem conhecimento de alguma legislação ou normativa referente à Biblioteca Escolar? Qual (is)?</p> <p>24). Em sua visão, qual o papel da Biblioteca na escola?</p> <p>25). Qual a relação entre a biblioteca e o desempenho pedagógico?</p>

		<p>26). Em âmbito geral, o que você sugere como melhoria para esta biblioteca?</p> <p>27). Mais alguma consideração a fazer?</p>
--	--	--

ANEXO 4

MATRIZ DA ENTREVISTA

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Temas	Objetivos	Questões
A. Sobre o entrevistado	1. Caracterização do entrevistado	1) Nome 2) Há quanto tempo atua na área da educação? 3) Qual a sua formação? 4) Há quanto tempo está à frente da Secretaria de Educação do Município?
B. Perfil das BE	1. Identificar o nº de escolas com BE 2. Caracterizar a situação das BE	5) Quantas escolas municipais de ensino fundamental tem na área urbana de Ji-Paraná? 6) Quantas dessas escolas possuem biblioteca? 7) Existe uma rede de bibliotecas escolares no Município? 8) Existe um Coordenador das Bibliotecas escolares, na Secretaria? 9) Todas as bibliotecas escolares contam com espaço próprio (não estão instaladas em espaços improvisados, que seriam de sala de aula, etc)? 10) A biblioteca está inserida no Projeto Político Pedagógico? 11) E no Regimento da escola? 12) As bibliotecas escolares contam com pessoal habilitado (bibliotecário) para o desenvolvimento de suas atividades? 13) Qual o perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas?

		14) A Secretaria solicita das escolas, informações sobre o funcionamento das BEs?
C. Papel da Secretaria de Educação	1. Identificar as ações da Secretaria Municipal de Educação em relação às BEs do município - intervenções a nível físico (espaço, acervo) - intervenções a nível formativo	15) O que tem sido feito pela Secretaria em sua gestão, para as Bibliotecas Escolares, em termos de formação contínua, treinamento ou qualificação, do pessoal que nelas atuam? 16) E em termos de estrutura física? 17) E em termos de acervo? 18) Qual a articulação que existe entre a Secretaria Municipal de Educação e as Bibliotecas Escolares?
D. Perspectivas sobre as BE	1. Identificar o conhecimento e a práticas em relação aos normativos existentes 2. Identificar as concepções sobre o papel da BE	19) Existe alguma legislação interna (normativa, resolução) em nível de Secretaria que regulamenta as Bibliotecas escolares? 20) A Secretaria conhece o documento: Parâmetro para Biblioteca Escolar no Brasil (GEBE – Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar/UFMG)? 21) A Secretaria conhece A Resolução 119/2011/CFB (Conselho Federal de Biblioteconomia) que dispõe sobre os parâmetros para as bibliotecas escolares? 22) A Secretaria conhece a Lei número 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País? 23) Se conhece a Lei 12.244/10, o que a Secretaria tem feito para atender a referida lei até 2020, conforme prazo estipulado por ela?

		<p>24) Existe alguma ação contemplada no planejamento da Secretaria para contribuir com o cumprimento dessa Lei?</p> <p>25) A Secretaria conhece a Declaração Política da IASL (Internacional Association of School Librarianship) sobre Biblioteca Escolar?</p> <p>26) E o Manifesto Unesco para Bibliotecas Escolares?</p> <p>27) Em sua visão, qual o papel da Biblioteca na escola?</p> <p>28) Por que, até o momento, todas as escolas não são contempladas com biblioteca?</p>
--	--	--

ANEXO 5 – Questionários

QUESTIONÁRIO PARA O DIRETOR DA ESCOLA

Você está convidado(a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa Biblioteca Escolar como espaço integrante e participativo: a situação no município de Ji-Paraná/RO, sob responsabilidade da pesquisadora Marlene da Silva Modesto Deguchi, pela Universidade Aberta de Portugal – UABpt, como parte da Dissertação do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, sob a orientação da Profª Drª Glória Bastos. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Identificação da Escola:

A) Caracterização da escola

- 1) Nome e endereço da escola:
- 2) Horário de funcionamento:
- 3). Medida da área física da escola:
- 4). Como estão distribuídos os setores da escola?
- 4). Quantos servidores tem por setor, na escola?
- 5). Qual o número de salas de aula?
- 6) A escola recebe alunos de quais anos?
- 7). Qual o número de alunos?
- 8). Qual o número de servidores docentes?
- 9). Qual o número de servidores técnicos?
- 10). Qual o número de pessoal terceirizado, se houver?

B) Caracterização da biblioteca

Espaço físico

- 11) A biblioteca está instalada em espaço próprio? Sim Não
- 12). É acessível a mais de uma classe por vez? Sim Não
- 13). Quantos metros quadrados possui? _____
- 14). Quantos assentos possui? _____

15). Conta com ambientes para execução de serviços técnicos e administrativos?

Sim Não

16). Possui algum outro ambiente? Sim Não

Qual? _____

Acervo

17) A biblioteca conta com recursos financeiros destinada pela escola para formação do acervo?

Sim Não

Se negativo, de que maneira é feita a atualização do acervo?

18) A biblioteca conta com número de acervo de livros compatível ao número de alunos? (Nível básico: um título por aluno e nível exemplar: a partir de quatro títulos por aluno com cinco exemplares de cada título) (Lei 12.244/10) Sim Não

19) O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação: enciclopédias, dicionários, almanaques, atlas, etc.? Sim Não

20) Além de livros, a biblioteca conta com revistas e outros materiais não impressos? (Documentos sonoros, visuais e digitais, Braille, Libras) Sim Não

21) O acervo é organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez?

22). Como está organizado o catálogo da biblioteca? (Autor, título, assunto ou outros pontos de acesso)

23) O Catálogo da biblioteca é informatizado? Sim Não

24). A biblioteca conta com computadores ligados à internet, como fonte de informação, complementando o acervo? Sim Não

25). Se afirmativo, quantos? _____

26) O número é suficiente para atender uma sala de uma só vez?

Horário de funcionamento

27). Qual o horário de funcionamento da biblioteca? _____

28) A biblioteca atende em todos os turnos em que funciona a escola? Sim Não

19). Este atendimento é ininterrupto? Sim Não

20). Se negativo. A que horas abre, de que hora a que horas é o intervalo e a que horas fecha?

Institucionalização da BE

29) A biblioteca está inserida no Projeto Político Pedagógico da escola? Sim Não

30) E no Regimento da escola? Sim Não

31) A biblioteca está incluída no Plano de ação da escola? Sim Não

32) A biblioteca está inserida no organograma da escola? Sim Não

Pessoal

33). Quantos servidores atuam na Biblioteca? _____

34). Quantos por turno? _____

35). Dentre esses servidores, tem algum com formação em Biblioteconomia? _____

36). Se negativo, como é vista pelo(a) senhor(a) enquanto gestor(a), a necessidade de contar com esse profissional e por que? _____

C) Normativos sobre a BE

37). Existe alguma normativa ou resolução interna da escola, que inclui a Biblioteca escolar como agente integrante e participativo da escola? Sim Não
Se afirmativo, qual(is)? _____

38). Tem conhecimento do documento: Biblioteca Escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetro para as Bibliotecas Escolares (GEBE/UFMG)? Sim Não

39). Têm conhecimento da Resolução 119/2011/CFB (Conselho federal de Biblioteconomia)?

40). Têm conhecimento da Lei 12.244/10 Sim Não

41) Conhece a Declaração Política da IASL (Internacional Association of School Librarianship) sobre Biblioteca Escolar? Sim Não

41) E o Manifesto Unesco para Bibliotecas Escolares? Sim Não

QUESTIONÁRIO PARA O RESPONSÁVEL PELA EQUIPE PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Você está convidado(a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa Biblioteca Escolar como espaço integrante e participativo: a situação no município de Ji-Paraná/RO, sob responsabilidade da pesquisadora Marlene da Silva Modesto Deguchi, pela Universidade Aberta de Portugal – UABpt, como parte da Dissertação do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, sob a orientação da Profª Drª Glória Bastos. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Identificação da Escola:

A) Caracterização da biblioteca da sua escola

Espaço físico

- 1) A biblioteca está instalada em espaço próprio? Sim Não
- 2). É acessível a mais de uma classe por vez? Sim Não
- 3). Quantos metros quadrados possui? _____
- 4). Quantos assentos possui? _____
- 5). Conta com ambientes para execução de serviços técnicos e administrativos?
Sim Não
- 6). Possui algum outro ambiente? Sim Não
Qual? _____

Acervo

- 7) A biblioteca conta com verba destinada pela escola para formação do acervo?
Sim Não
- Se negativo, de que maneira é feita a atualização do acervo?

8) A biblioteca conta com número de acervo de livros compatível ao número de alunos? (Nível básico: um título por aluno e nível exemplar: a partir de quatro títulos por aluno com cinco exemplares de cada título) (Lei 12.244/10) Sim Não

9) O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação: enciclopédias, dicionários, almanaques, atlas, etc.? Sim Não

10) Além de livros, a biblioteca conta com revistas e outros materiais não impressos? (Documentos sonoros, visuais e digitais, , Braille, Libras) Sim Não

11) O acervo é organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez?

12). Como está organizado o catálogo da biblioteca? (Autor, título, assunto ou outros pontos de acesso)

13) O Catálogo da biblioteca é informatizado? Sim Não

14). A biblioteca conta com computadores ligados à internet, como fonte de informação, complementando o acervo? Sim Não

15). Se afirmativo, quantos? _____

16) O número é suficiente para atender uma sala de uma só vez?

Horário de funcionamento

17). Qual o horário de funcionamento da biblioteca? _____

18) A biblioteca atende em todos os turnos em que funciona a escola? Sim Não

19). Este atendimento é ininterrupto? Sim Não

20). Se negativo. A que horas abre, de que hora a que horas é o intervalo e a que horas fecha?

Institucionalização da BE

21) A biblioteca está inserida no Projeto Político Pedagógico da escola? Sim Não

22) E no Regimento da escola? Sim Não

23) Existe um Plano de ação da Biblioteca? Sim Não

24) A biblioteca está inserida no organograma da escola? Sim Não

Pessoal

- 25). Quantos servidores atuam na Biblioteca? _____
- 26). Quantos por turno? _____
- 27). Dentre estes servidores, existe algum com formação em Biblioteconomia? _____
- 28). Se negativo, enquanto equipe pedagógica, como você vê a falta desse profissional na escola e por que?

B) Normativos sobre a BE

- 29). Existe alguma normativa ou resolução interna da escola, que inclui a Biblioteca escolar como agente integrante e participativo da escola? Sim Não
Se afirmativo, qual(is)? _____
- 30). Tem conhecimento do documento: Biblioteca Escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetro para as Bibliotecas Escolares (GEBE/UFMG)? Sim Não
- 31). Têm conhecimento da Resolução 119/2011/CFB (Conselho federal de Biblioteconomia)?
- 32). Têm conhecimento da Lei 12.244/10 Sim Não
- 33) Conhece a Declaração Política da IASL (Internacional Association of School Librarianship) sobre Biblioteca Escolar? Sim Não
- 34) E o Manifesto Unesco para Bibliotecas Escolares? Sim Não

QUESTIONÁRIO PARA O RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA

Você está convidado(a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa Biblioteca Escolar como espaço integrante e participativo: a situação no município de Ji-Paraná/RO, sob responsabilidade da pesquisadora Marlene da Silva Modesto Deguchi, pela Universidade Aberta de Portugal – UABpt, como parte da Dissertação do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, sob a orientação da Profª Drª Glória Bastos. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Identificação da Escola:

A) Caracterização da biblioteca

Espaço físico

- 1) A biblioteca está instalada em espaço próprio? Sim Não
- 2). É acessível a mais de uma classe por vez? Sim Não
- 3). Quantos metros quadrados possui? _____
- 4). Quantos assentos possui? _____
- 5). Conta com ambientes para execução de serviços técnicos e administrativos?
Sim Não
- 6). Possui algum outro ambiente? Sim Não
Qual? _____

Acervo

- 7) A biblioteca conta com verba destinada pela escola para formação do acervo?
Sim Não

Se negativo, de que maneira é feita a atualização do acervo?

8) A biblioteca conta com número de acervo de livros compatível ao número de alunos? (Nível básico: um título por aluno e nível exemplar: a partir de quatro títulos por aluno com cinco exemplares de cada título) (Lei 12.244/10) Sim Não

9) O acervo contempla a diversidade de gêneros textuais e de fontes de informação: enciclopédias, dicionários, almanaques, atlas, etc.? Sim Não

10) Além de livros, a biblioteca conta com revistas e outros materiais não impressos? (Documentos sonoros, visuais e digitais, Braille, Libras,) Sim Não

11) O acervo é organizado para permitir que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez?

12). Como está organizado o catálogo da biblioteca? (Autor, título, assunto ou outros pontos de acesso)

13) O Catálogo da biblioteca é informatizado? Sim Não

14). A biblioteca conta com computadores ligados à internet, como fonte de informação, complementando o acervo? Sim Não

15). Se afirmativo, quantos? _____

16) O número é suficiente para atender uma sala de uma só vez? Sim Não

Horário de funcionamento

17). Qual o horário de funcionamento da biblioteca? _____

18) A biblioteca atende em todos os turnos em que funciona a escola? Sim Não

19). Este atendimento é ininterrupto? Sim Não

20). Se negativo. A que horas abre, de que hora a que horas é o intervalo e a que horas fecha?

Institucionalização da BE

21) A biblioteca está inserida no Projeto Político Pedagógico da escola? Sim Não

22) E no Regimento da escola? Sim Não

23) A biblioteca está incluída no Plano de ação da escola? Sim Não

24) A Biblioteca está incluída no organograma da escola? Sim Não

Pessoal

- 25). Quantos servidores atuam na Biblioteca? _____
- 26). Quantos por turno? _____
- 27). Dentre estes servidores, existe algum com formação em Biblioteconomia?
- 28). Se negativo, como você vê a falta desse profissional na escola e por que?

B) Normativos sobre a BE

- 29). Existe alguma normativa, resolução interna ou qualquer outro documento da escola, que inclui a Biblioteca escolar? Sim Não
Se afirmativo, qual? _____
- 30). Têm conhecimento do documento: Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetro para as Bibliotecas Escolares (GEBE/UFMG)? Sim Não
- 31). Têm conhecimento da Resolução 119/2011/CFB (Conselho federal de Biblioteconomia)? Sim Não
- 32). Têm conhecimento da Lei 12.244/10? Sim Não
- 33). Tem conhecimento da Declaração Política da IASL (Internacional Association of School Librarianship) sobre Biblioteca Escolar? Sim Não
- 34). E do Manifesto Unesco para Bibliotecas Escolares? Sim Não